



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

NATHALIA CAROLINE DA SILVA AMARAL

**CIBERFEMINISMO EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA  
NO TUMBLR “NÓS, MADALENAS”**

TERESINA/PI

2020

NATHALIA CAROLINE DA SILVA AMARAL

**CIBERFEMINISMO EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA  
NO TUMBLR “NÓS, MADALENAS”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Mídia e Produção de Subjetividades

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Pontes Xavier

TERESINA/PI

2020

NATHALIA CAROLINE DA SILVA AMARAL

**CIBERFEMINISMO EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA  
NO TUMBLR “NÓS, MADALENAS”**

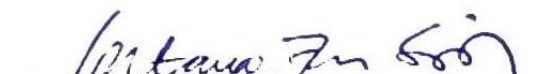
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestra em Comunicação.



**PROFA. DRA. MONALISA PONTES XAVIER**  
Presidente



**PROFA. DRA. SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD**  
Examinadora



**PROF. DR. GUSTAVO FORTES SAID**  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à essa força divina que nos preenche de luz e sabedoria a quem muitos chamam de Deus, por me dar forças para prosseguir, mesmo quando, por muitas vezes, desistir parecia o caminho mais fácil. Obrigada por, nos momentos mais difíceis, não me deixar sucumbir aos meus demônios.

Agradeço à minha mãe, Gardênia, por ter sido meu maior exemplo do que é ser mulher. Por ter me proporcionado o conforto e o amor necessários para conseguir finalizar os meus estudos e me tornar a primeira mestra da família. Não há palavras para descrever o meu amor e gratidão a você, mãe.

Ao meu irmão, Bruno Alexandre, e ao meu sobrinho Heitor, por todo amor e carinho e por estarem ao meu lado em todos os momentos. Vocês são o maior motivo da minha felicidade.

Aos meus tios e tias, por terem sido muitas vezes meus pais e terem me educado para o bem. Em especial, agradeço às minhas duas avós, Graça e Maria, e ao meu avô, José, por me criarem como filha e não deixarem faltar nada quando fiquei sob seus cuidados.

À minha tia Gardilene, por ser o meu porto seguro e minha melhor amiga. Obrigada por sempre cuidar de mim e por sentir, mesmo longe, quando preciso do seu colo.

À minha orientadora, Monalisa Xavier, por ter sido minha mentora e ter me guiado da melhor forma por esse caminho. Obrigada por ter sido, além de orientadora, um ombro amigo quando mais precisei.

Ao Bruno Thompis, o amor da minha vida. Sem você, eu não estaria aqui. Obrigada por sempre acreditar em mim e nunca me deixar desistir.

Às minhas amigas e amigos, em especial do Mestrado, por dividirem comigo as dores e sabores de enfrentar uma pós-graduação em um dos momentos mais sombrios da história do nosso país. Somos guerreiros!

Porque sou a primeira e a última

Eu sou a honrada e a rejeitada.

Eu sou a prostituta e a sagrada.

Eu sou a esposa e a virgem. [...]

Eu sou a estéril,

e muitos são os filhos dela. [...]

Sou o silêncio que é incompreensível. [...]

Sou a pronúncia do meu nome.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de quais modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas”. Através da discussão de conceitos como ciberfeminismo, feminismo, midiaticização, comunicação, gênero e subjetividade, em contato permanente com o território de pesquisa, foi possível identificar tais nuances através da análise do Tumblr “Nós, Madalenas” uma página de cunho ciberfeminista composta por fotografias de mulheres com palavras que representam o feminismo escritas em seus corpos. O uso da cartografia, como estratégia de pesquisa, permitiu acompanhar os processos engendrados nos agenciamentos a partir da habitação do território de pesquisa, estando presente desde as afetações na escolha de objeto, às primeiras linhas da introdução, até as considerações finais. A pesquisa é realizada através de uma construção teórico-metodológica a partir de autores como Braga (2012), Butler (2013), Bento (2006), Beauvoir (1960), Castells (2015), Deleuze e Guattari (1982, 1988, 1996, 1997) Wolf (2019) e Xavier (2014). Ao fazer o uso do diário-cartográfico, sistematizado através de 25 cartas, pude compreender as correlações entre o ativismo do Tumblr “Nós, Madalenas” e a quarta onda do feminismo, que, embora seja pouco teorizada até o momento, possui nuances e características próprias que possibilitam uma nova reconfiguração do movimento por meio dos dispositivos interacionais. Durante a habitação do território, percebi como as linhas que me compõe, as linhas que compõe o movimento e o projeto, estão cada vez mais imbricadas, formando um laço em que é impossível dissociar cada parte. Não há mais como dividir, somos um. Do mesmo modo, no ciberfeminismo cada mulher deve estar livre para construir suas ações e contribuições ao movimento, utilizá-lo como uma rede de fúria contra o sistema opressor que nos flagela ininterruptamente ou ainda como um mecanismo de autodefesa.

**Palavras-Chave:** Ciberfeminismo. Comunicação. Gênero. Cartografia.

## ABSTRACT

This paper aims to understand the production of affectations about cyberfeminism through the affects manifested in the cartography of the female body on Tumblr “Nós, Madalenas”. Through the discussion of concepts such as cyberfeminism, feminism, mediatization, communication, gender and subjectivity, permanent contact with the research territory, it was possible to identify these nuances through the analysis of the Tumblr “Nós, Madalenas”, a website of a cyberfeminist nature, composed of photographs of women with words that represent feminism, written on their bodies. The usage of cartography, as a research strategy, allows monitoring the processes involved in services from the research territory, present since the effects on the choice of the object, in the first lines of the introduction, to the final considerations. The research carried out through a theoretical-methodological construction based on authors such as Braga (2012), Butler (2013), Bento (2006), Beauvoir (1960), Castells (2015), Deleuze and Guattari (1982, 1988, 1996, 1997) Wolf (2019) and Xavier (2014). Making use of the cartographic diary, systematized through 25 letters, it was possible to comprehend the correlations between Tumblr activism “Nós, Madalenas” and the fourth wave of feminism, which, although it is only theorized so far, has nuances and personalized characteristics that allows a new reconfiguration of the movement through international devices, such as social media. In the habitation of the territory, I realized how the lines that compose me, the lines that compose the movement and the project, are increasingly interwoven, forming a bond in which it is impossible to dissociate each part. There is no way to divide, we are one. Likewise, in cyberfeminism, every woman must be free to build her actions and contributions to the movement, use it as a network of fury against the oppressive system that plagues us uninterruptedly or as a mechanism of self-defense.

**Keywords:** Cyberfeminism. Communication. Gender. Cartography.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01:</b> Exemplo de Foto Tumblr.....	<b>15</b>
<b>Imagem 02:</b> Página inicial do Tumblr “Nós, Madalenas”.....	<b>17</b>
<b>Imagem 03:</b> Utopia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>18</b>
<b>Imagem 04:</b> Aba “About” do Tumblr “Nós, Madalenas”.....	<b>19</b>
<b>Imagem 05:</b> Aba “Saiu na Mídia” do Tumblr “Nós, Madalenas”.....	<b>20</b>
<b>Imagem 06:</b> Autonomia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>21</b>
<b>Imagem 07:</b> E eu não sou uma mulher?.....	<b>31</b>
<b>Imagem 08:</b> Cena do filme Maria Madalena.....	<b>47</b>
<b>Imagem 09:</b> Maria Madalena é batizada por Jesus Cristo.....	<b>48</b>
<b>Imagem 10:</b> Maria Madalena é ungida por Jesus Cristo.....	<b>49</b>
<b>Imagem 11:</b> Cura. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>64</b>
<b>Imagem 12:</b> Renascer. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>65</b>
<b>Imagem 13:</b> Pertencer-se. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>67</b>
<b>Imagem 14:</b> Autoconhecimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>68</b>
<b>Imagem 15:</b> Movimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>69</b>
<b>Imagem 16:</b> Acolhimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>71</b>
<b>Imagem 17:</b> Rede. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>72</b>
<b>Imagem 18:</b> Diversidade. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>73</b>
<b>Imagem 19:</b> Resistência. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>74</b>
<b>Imagem 20:</b> Libertação. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>75</b>
<b>Imagem 21:</b> Desejo. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>76</b>
<b>Imagem 22:</b> Resiliência. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>77</b>
<b>Imagem 23:</b> Sagrado. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>78</b>
<b>Imagem 24:</b> Controle. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>80</b>
<b>Imagem 25:</b> Afronta. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>81</b>
<b>Imagem 26:</b> Sensibilidade. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>83</b>
<b>Imagem 27:</b> Direito. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>84</b>
<b>Imagem 28:</b> Desobjetificação. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>85</b>
<b>Imagem 29:</b> União. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>86</b>
<b>Imagem 30:</b> Confiança. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>88</b>
<b>Imagem 31:</b> Sororidade. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>89</b>



<b>Imagem 32:</b> Autonomia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>91</b>
<b>Imagem 33:</b> Magia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>92</b>
<b>Imagem 34:</b> Resplandecer. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>94</b>
<b>Imagem 35:</b> Revolução. Fonte: Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.....	<b>96</b>
<b>Imagem 36:</b> Fotografia com mais interações.....	<b>104</b>
<b>Imagem 37:</b> Compartilhe sua palavra.....	<b>105</b>
<b>Imagem 39:</b> Pertencer-se.....	<b>110</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. SOBRE O TUMBLR “NÓS, MADALENAS”</b> .....	18
2.1. O QUE É O TUMBLR? .....	18
2.2. “NÓS, MADALENAS” .....	20
<b>3. MOVIMENTO FEMINISTA NAS REDES: A SOCIEDADE EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO E A COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DAS NOVAS TECNOLOGIAS</b> .....	25
3.1. DA SOCIEDADE DOS MEIOS PARA A SOCIEDADE EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO .....	25
3.2. O AUTOGERENCIAMENTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA SOCIEDADE EM REDE .....	29
<b>4. DO SUFRÁGIO FEMININO AO FEMINISMO NAS REDES</b> .....	32
4.1. PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO .....	33
4.2. SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO .....	36
4.3. TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO .....	40
4.4. QUARTA ONDA DO FEMINISMO .....	47
<b>5. MADALENA, DE PROSTITUTA A APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS</b> .....	50
<b>6. O POETA MALDITO E O CORPO SEM ÓRGÃOS</b> .....	58
<b>7. CARTOGRAFIA</b> .....	62
7.1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	62
7.2. CARTOGRAFIA .....	65
7.3. CARTAS-DIÁRIO: EU, MADALENA. ....	70
<b>8. EU, MADALENA: COLETIVIZAÇÃO DAS COMPOSIÇÕES</b> .....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	121
REFERÊNCIAS .....	123

## 1. INTRODUÇÃO

Pensei por diversas vezes o que deveria escrever de introdução no meu trabalho. Lembro da banca de qualificação e dos questionamentos sobre essa pesquisadora ainda iniciante: quem sou eu? Quais palavras marcam meu corpo? Qual a minha relação com meu corpo? Qual a minha relação com a pesquisa? Essa inquietude me levou a um processo de questionamento da minha própria constituição enquanto sujeita da minha pesquisa. Hoje, olho pra trás e percebo que, entre agosto de 2019, data da minha qualificação, e dezembro do mesmo ano, muita coisa se movia em mim e despertava afetações que, até então, eu não compreendia, me levando a um processo de conhecimento de mim mesma e de questionamentos sobre a minha constituição enquanto mulher, jornalista, pesquisadora, feminista e outras palavras marcadas no meu corpo.

Abro um parêntese ainda nessa introdução para dizer que não foi um processo fácil do ponto de vista acadêmico e muito menos do pessoal, mergulhei em sentimentos e traumas que me fizeram caminhar por uma trilha escura rumo ao questionamento das minhas capacidades enquanto pesquisadora, enquanto jornalista e principalmente enquanto uma mulher feminista. Trilha essa que me levou ao agravamento da minha depressão e ansiedade. A partir disso, precisei tomar espaço, dar um passo para trás, reconhecer que minha pesquisa estava contaminada, de certo modo, por aquilo que sou e até mesmo pelos meus demônios. Demorei meses até descobrir que essa contaminação podia ser benéfica para o trabalho, se, e somente se, eu pudesse determinar de fato qual lugar de fala<sup>1</sup> que eu ocupo nessas páginas.

Foi em uma live do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação, Identidade e Subjetividade (NEPCIS), do qual faço parte, em meados de abril, em meio à pandemia de coronavírus, que descobri que não deveria ter medo do verbo contaminar. A live em questão, um bate papo com a professora doutoranda Letícia Carolina Pereira, primeira professora transgênero a ocupar um cargo de professora efetiva da Universidade Federal do Piauí, proporcionada pelo Núcleo de Pesquisas em Comunicação, Identidade e Subjetividade (NEPCIS), coordenado pela minha orientadora, a professora doutora Monalisa Pontes Xavier,

---

<sup>1</sup> O conceito de lugar de fala proposto pela filósofa brasileira Djamilia Ribeiro (2017) é utilizado para designar que, em uma sociedade racista e patriarcal, onde o discurso legitimado é o do homem heterossexual e branco, as outras vozes são consideradas outras, diferente daquele modelo que é a norma. Segundo a filósofa, esse regime de autorização discursiva impede que os indivíduos considerados outros sejam impedidos de ter direito a voz, não no sentido apenas de falar, mas de terem negadas a sua própria existência. O lugar de fala, portanto, se refere à localização de poder que o indivíduo ocupa dentro da estrutura social, não fazendo referência à sua vivência individual.

que, não por acaso, mediava o bate papo virtual, falava sobre um olhar ainda novo para mim no âmbito da cartografia, metodologia usada nesta pesquisa, a cartografia de si.

Letícia Pereira falava sobre as insurgências trans, negras e gordas na universidade, na perspectiva de que a ciência é politicamente interessada. Ao questioná-la sobre a contaminação da pesquisa daquilo que somos, fui impulsionada a escrever sobre aquilo que sou e como o que eu sou está impregnado no trabalho aqui apresentado. Me proponho, então, a fazer uma pesquisa imunda, atravessada pelas minhas experiências, vivências e afetações enquanto mulher feminista, e mais ainda, enquanto uma sobrevivente de uma sociedade patriarcal que nos mutila e nos mata diariamente.

Poderia dizer que falo de um lugar de uma mulher branca, de classe média, com instrução, finalizando um mestrado, com um emprego de carteira assinada em um país onde milhões de pessoas estão desempregadas. Mas afirmar isso, seria reduzir a minha existência apenas a esse trecho da linha da vida que caminho agora, na incerteza dos próximos passos e que pode já não ser o mesmo durante a leitura deste texto.

Além disso, fui jornalista policial, ocupação esta que precisei abandonar no decorrer do meu mestrado, uma vez que as inquietações e indignações provocadas pelas notícias de violência, em especial de violência de gênero, me mantiveram inapta para o trabalho durante sete meses. Ver os corpos de mulheres mortas, mutiladas, violentadas cotidianamente pela sociedade, muitas vezes em crimes de feminicídio, movimentaram em mim territórios que tornaram impossível me conectar a tais acontecimentos sem o despertar de um sofrimento profundo não só por mim, pela minha história enquanto vítima de violência sexual, mas pela própria condição feminina.

Destarte, estudar sobre o feminino e o movimento feminista é a continuação da minha inquietação e da minha curiosidade iniciadas ainda durante a graduação em Comunicação Social. Com um conhecimento ainda incipiente sobre o assunto, mergulhei no mundo das discussões sobre gênero e dei meus primeiros passos no estudo desse tema através dos estudos sobre a transexualidade e a travestilidade. Nesse sentido, pesquisar sobre gênero é, para além do enriquecimento acadêmico, uma satisfação e um desejo pessoal, a partir do qual o conhecimento sobre o tema deverá ser aprofundado durante minha carreira acadêmica, ainda iniciante.

Diante disso, iniciei a trilha da minha pesquisa tendo em mente que as pesquisas na área da Comunicação que falam sobre corpo, gênero e subjetividade não são escassas. Todavia, pude perceber a importância em se cartografar a construção de afetações sobre o feminismo, e mais especificamente sobre o ciberfeminismo, ao longo do tempo, e como essas

afetações se constroem no contexto da sociedade em midiaticização, atravessada pelas tecnologias, tendo em vista que essas últimas facilitam a disseminação de múltiplas afetações sobre o movimento, contribuindo, desta forma, para o entendimento de como esse processo é construído e quais as suas implicações. A partir disso, foi possível compreender e alimentar a discussão em torno do ciberfeminismo e como o movimento se configura por meio das tecnologias midiáticas.

Desta forma, me dispus a analisar a forma como o ciberfeminismo produz afetações no contexto da sociedade em vias de midiaticização, na medida em que a mídia atravessa os mais variados campos sociais. Para isso, parti da discussão de conceitos-chave como feminismo, ciberfeminismo, gênero, subjetividades e corpo, para embasar teoricamente o percurso da pesquisa. Assim, tenho como ponto de partida as contribuições de teóricas feministas, como Butler (2013), Bento (2006), Beauvoir (1960) e Wolf (2019), para alicerçar o processo de investigação.

Acredito, portanto, que abordar as afetações sobre o ciberfeminismo pode contribuir para os avanços dos estudos da área da Comunicação na medida em que, ao pensar como o movimento se configura na sociedade midiaticizada, e entender como os dispositivos midiáticos atuam sobre os processos sociais e comunicacionais, considerando também uma ótica de gênero, é possível construir outros problemas e outros olhares sobre a Comunicação. Ao observar a forma como as sujeitas<sup>2</sup> utilizam as novas tecnologias como mediadoras do debate e da relação que estabelecem consigo mesmas, conseqüentemente, como ferramenta do processo comunicacional, foi possível compreender como a comunicação atua no contexto da cibercultura, em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, e como as afetações são construídas.

Nessa linha, foi importante pensar as afetações sobre o ciberfeminismo em uma sociedade midiaticizada, uma vez que, no contexto da midiaticização em processo, as práticas sociais passam a ser atravessadas pelas lógicas de mídia e os processos sociais ocupam outros espaços, como o espaço das redes, produzindo assim uma reconfiguração dos movimentos minoritários, movimentos estes que têm utilizado as redes sociais como um amplificador das suas urgências enquanto reivindicadores de uma ordem estabelecida. Entender como esses movimentos se apropriam da internet, e neste caso específico como o movimento feminista usa as redes e reconfigura a forma como está estruturado, se fez necessário para apreender o processo de midiaticização atrelado ao avanço das tecnologias. Além disso, apesar de ser um

---

<sup>2</sup> A pesquisa em questão tem como o gênero de referência o feminino, já que parte de um lugar de fala e ativismo acadêmico de espaços de fala feministas.

assunto recorrente, cada pesquisadora tem um olhar singular sobre aquilo que escolhe estudar, por isso, cada pesquisa contribui de uma maneira diferenciada para a construção do objeto da Comunicação.

Na dimensão social, analisar os modos pelos quais as afetações sobre o movimento feminista são construídas é também promover o entendimento sobre a mulher e a sua relação com a alteridade, contribuindo assim para a construção da visão sobre o conceito de mulher e feminino, auxiliando nas construções que a sociedade faz dos dois signos. Não posso, portanto, deixar de pensar como os estudos sobre a mulher e o feminino, atravessando a ótica do ciberfeminismo, podem contribuir para um outro olhar sobre o movimento feminista e para a sustentação dos saberes sobre essas sujeitas na sociedade midiaticizada.

Assim, esta pesquisa propõe uma investigação do Tumblr “Nós, Madalenas”<sup>3</sup>, um ensaio fotográfico de autoria da fotógrafa e diretora de fotografia paulista Maria Ribeiro. A página de autoria feminista é voltada para fotografias de mulheres em preto e branco, com o corpo escrito com uma palavra que define o que é feminismo para cada uma das modelos. Publicado originalmente no ano de 2015 na plataforma Tumblr, uma rede de compartilhamento de imagens, a página é composta por cem fotografias de mulheres em preto e branco, onde, nas imagens, as modelos se apresentam com uma palavra escrita na sua pele que, segundo elas, define a sua visão sobre o que é feminismo.

O Tumblr “Nós, Madalenas” se encaixa no campo do ativismo ciberfeminista ao propor um ponto de visibilidade e de ativismo por meio das redes sociais, a partir do uso de fotografias para trazer “uma visão antropológica e social de gênero” e colocar em evidência uma expressão do “que significa ser mulher”. O projeto tem por objetivo expressar, através da fotografia, “o que a luta pelo direito de ser mulher representa e o que os movimentos que têm unido as mulheres para criar força e transformar esse quadro representam na vida de cada uma e, conseqüentemente, na sociedade” (RIBEIRO, 2015).

Pretendo com essa pesquisa, analisar de quais modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas”. De forma mais analítica, no entanto, será necessário traçarmos um mapa, a partir da estratégia da cartografia, que me permita compreender como o sujeito e o objeto se atravessam conferindo uma potência criadora à pesquisa. Os entendimentos sobre os corpos serão construídos em uma diretriz cartográfica, aliando os conceitos explicitados pelas autoras com o caminhar da pesquisa, rompendo com a neutralidade da pesquisadora conferida por uma perspectiva

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/> /> Acesso em 10 de jun. 2019.

cartesiana que separa sujeito e objeto. Pensar esse atravessamento é romper com o modelo cartesiano que nos habita, um modelo de polaridades binárias, em que uma nega a existência da outra na medida em que elas se opõem.

O estudo do Tumblr supracitado possui três objetivos mais claros: compreender como são retratadas as noções sobre “feminino” e “ciberfeminismo” a partir dos ditos e não ditos no ensaio fotográfico; identificar como o ensaio tensiona/reconstrói afetações sobre o ciberfeminismo e sobre o feminismo e como essas afetações são postas em circulação, por fim, entender como a exibição dos corpos atua como modo de ativismo político. A partir dos eixos citados, estabeleço uma proposição mais direta para a pergunta principal, feita no início do parágrafo anterior: de que modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas”?

O movimento feminista foi um dos caminhos trilhados para traçar o estudo em questão. Apesar de ser uma corrente de estudo relativamente jovem, o feminismo vem passando constantemente por mudanças estruturais. Essas mudanças afetam e sofisticam diretamente as pautas reivindicadas pelo movimento. Do sufrágio universal às políticas de reconhecimento em espaços transnacionais, o feminismo pode ser classificado, ou melhor, temporalizado, no que convencionou-se chamar de ondas. Essas ondas marcam períodos e fases da luta das mulheres perante as injustiças sociais. Cada onda possui sua característica principal, seu mote principal. É através de cada uma dessas características que pôde-se passar a definir o que cada onda representa.

A primeira onda é caracterizada pela luta pelo sufrágio universal, a segunda onda caracterizada pelas buscas identitárias do papel da mulher na sociedade e a terceira onda categorizada pela atuação em espaços transnacionais, buscando uma amplitude e alcance maior, visando a ressignificação do termo reconhecimento, e, por fim, a quarta onda categorizada pelo “feminismo da diferença”, através da defesa de que cada mulher é diferente e, por isso, sofre opressões em níveis diferentes.

Para compreender o movimento, é necessário partir da produção de teóricas feministas, como Simone de Beauvoir (1960), que questiona a normatização de uma natureza feminina e o próprio conceito de feminilidade. Em sua obra *O Segundo Sexo*, a filósofa faz uma crítica ao papel da mulher na sociedade e propõe uma análise profunda do que é ser mulher, partindo do pressuposto de que a mulher é vista como um signo negativo, em oposição ao homem, tido como neutro e positivo. Beauvoir (1960) rebate a concepção de que a mulher deve ser vista como uma sujeita em referência ao homem, já que, para ela, a mulher é, em si própria, uma sujeita autônoma.

Do mesmo modo, pensar feminismo e feminino não é possível sem também pensar o conceito de gênero e diferenciá-lo do desejo sexual e das características biológicas da sujeita. O gênero e a sexualidade são lugares de produção e compreensão da sujeita contemporânea. Por isso, falar sobre sentidos sobre o ciberfeminismo necessariamente é situar o movimento por meio de discussões de gênero, que marcam o lugar do feminino nos mais variados campos, inclusive no campo dos discursos acadêmicos. Apesar disso, gênero e sexualidade são dimensões diferentes e que afetam as sujeitas de modos distintos.

Segundo a socióloga brasileira Berenice Bento (2006), a concepção de gênero naturalizada na sociedade é opressora, porque, ao pensar o gênero em uma perspectiva binária (masculino e feminino), referenciamos o gênero à sexualidade, sufocando aquelas sujeitas que não se conformam nessa perspectiva normatizadora. A autora propõe, então, uma nova ideia de gênero que esteja embasada na fluidez e livre das amarras de determinações biológicas que explicam nossas subjetividades e desejos (DIAS, 2014).

Assim como Bento (2006), a socióloga norte-americana Judith Butler (2013) também defende um rompimento com a concepção do gênero proposta em um padrão binário. A partir da sua Teoria Queer, a socióloga pontua que esse binarismo é alicerçado em uma ideia naturalizada na sociedade marcada pelo culto ao falocentrismo, ou seja, à suposta superioridade masculina, e à heteronormatividade, que define como padrão aceitável a heterossexualidade. Ambas as autoras irão definir que o gênero é, portanto, uma categoria flutuante que não pode ser compreendida apenas por meio de binarismos, e argumentam que este pode não estar associado às características biológicas ou expressas através do desejo sexual manifestado pelas sujeitas.

Deste modo, o presente trabalho divide-se inicialmente em duas partes. Na primeira, abordo os aspectos teóricos que se atravessam e constituem a base da pesquisa. Primeiro, busquei compreender como se configura a sociedade em vias de midiatização e a comunicação no âmbito das novas tecnologias. A priori, destaco o processo pelo qual a sociedade passa de sociedade dos meios para sociedade em vias de midiatização e, por fim, como se dá o processo de midiatização, não só a partir do avanço das tecnologias, mas também através de um componente social que permite a interação das sujeitas por meio dessas mídias. Para esta etapa, apresento como base teórica as obras das pesquisadoras brasileiras Monalisa Xavier (2014) e José Luiz Braga (2012), e do sociólogo espanhol Manuel Castells (2015).

Em seguida, tento compreender como o feminismo se constituiu como um movimento social a partir de quatro momentos históricos distintos, como já frisado anteriormente. Para



isso, correlacionei as principais pautas de cada geração com as principais teóricas que trabalham epistemologicamente o conceito de feminismo e gênero: Butler (2013), Bento (2006), Beauvoir (1960) e Wolf (2019).

Como estratégia metodológica, a cartografia atravessou todo o trabalho, desde as afetações na escolha de objeto, às primeiras linhas da introdução, até as considerações finais. Enquanto estratégia que se afasta de outras metodologias de pesquisa que possuem regras e objetivos previamente estabelecidos e não possui um rigor metodológico cartesiano, a cartografia possui outros espaços de atuação e outras formas de produzir conhecimento por meio do exercício cartográfico. Deste modo, nesta pesquisa fui realocada para o lugar de produtora de novos sentidos e novas intersecções e não apenas como uma coletora de dados, traçando metas e acompanhando processos no decorrer do percurso do pesquisar. É a partir da estratégia da cartografia que analiso os acontecimentos e agenciamentos dos processos de produção de sentidos sobre o corpo feminino nas fotografias do Tumblr “Nós Madalenas”.

A partir disso, pude compreender, a partir da minha habitação no meu território de pesquisa, como foram construídas afetações sobre o ativismo feminista, traçando um paralelo entre o feminismo tradicional e o ciberfeminismo, por meio dos questionamentos sobre o movimento enquanto ativismo e sobre os elementos que o compõe. Através dessa compreensão, pude perceber as correlações entre o ativismo do Tumblr “Nós, Madalenas” e a quarta onda do feminismo, que, embora seja pouco teorizada até o momento, possui nuances e características próprias que possibilitam uma nova reconfiguração do movimento por meio dos dispositivos interacionais.

Para dar continuidade ao trabalho de análise, pude perceber também, através da ilustração de trechos do diário de campo e das interações na rede sociais, como são identificadas e tensionadas as afetações sobre o ativismo ciberfeminista e, para além disso, como essas afetações são postas em circulação, por meio daquilo que apreendi enquanto pesquisadora-cartógrafa e das afetações construídas e reconstruídas nas seguidoras da página.

Por fim, pude compreender como o corpo atua como terminal onde se inscrevem os acontecimentos e pensar como o ativismo se inscreve através desse corpo, utilizado como painel para as pautas do movimento. Desse modo, percebi como a exibição dos corpos femininos no Tumblr “Nós, Madalenas” atua como ferramenta do ativismo político.

## 2. SOBRE O TUMBLR “NÓS, MADALENAS”

### 2.1. O QUE É O TUMBLR?

O Tumblr é uma plataforma multimídia para postagens do que, na internet, chama-se de blogging. De temática mais *underground*, a rede social une conteúdos mais alternativos e *cults* diferente de algumas redes sociais mais famosas, como o Facebook e o Instagram. O Tumblr, mais especificamente, é um blogging que permite publicações em áudio, vídeo, texto, imagem e links. O blogging é, então, todo o conteúdo postado pela usuária que, tem liberdade para realizar postagens randômicas ou conceituais. Apesar de não ser considerado um microblog, como o Twitter por exemplo, a grande maioria das postagens realizadas no Tumblr obedecem ao padrão curto de postagens dos microblogs.

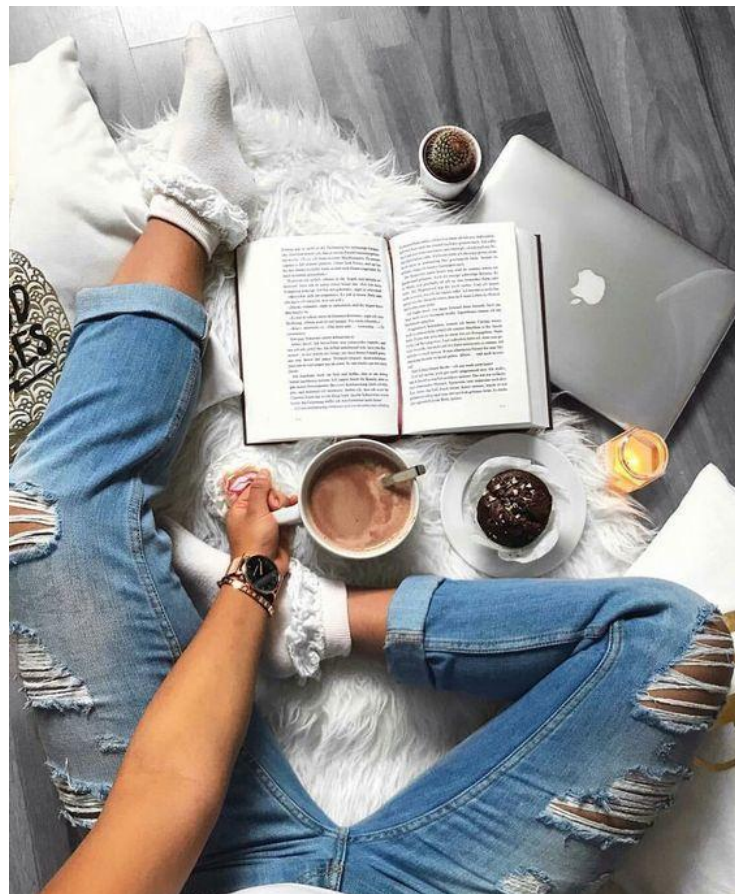
No que tange a interação entre as usuárias, a plataforma se assemelha bastante ao que se pode identificar em outras redes sociais. Há um sistema de avaliação em que a usuária pode avaliar a postagem com “gostei”, o que remete a *favoritar* a publicação, também podem reblogar a publicação, que significa incorporar aquela publicação de outra usuária ao seu blog pessoal. Da mesma forma, o círculo social é aumentado ou diminuído a partir do momento em que uma usuária segue a outra.

Criado ainda na década de 90, a plataforma Tumblr só vem ao ar em 2007, chegando rapidamente ao número de três milhões de pessoas. Entre 2009 e 2010 houve a expansão do aplicativo, que agora pudera ser encontrado em mais do que um sistema operacional, além do iOS. À época a revolução se deu por conta do desenvolvimento de uma versão do aplicativo para a plataforma Blackberry, que tinha, entre outras alcunhas, a alcunha de Sistema Operacional mais seguro do mundo. Foi por volta desse período que tive o meu primeiro contato com a rede social.

Nesse período, a plataforma tinha uma grande aceitação por parte do grupo recém-saído da adolescência. Eu, por volta dos meus 19 anos, iniciei as minhas navegações pela rede social por indicação de um amigo. A plataforma destacava um jeito único de postagem com um padrão visual com efeitos de filtros, atenção especial para momentos, pequenos detalhes e partes de uma área do corpo ou paisagem.

Por isso, o grande engajamento da rede social se dava por meio das fotografias mais alternativas, em grande parte em preto e branco, com iluminação experimental, o que levou à criação do adjetivo “Foto Tumblr”, um estilo de fotografia com padrão visual semelhante aos filtros utilizados na rede social. O adjetivo se popularizou entre as jovens e ainda é utilizado para se referir a fotografias com as características citadas anteriormente, mesmo em outras redes sociais.

**Imagem 1:** Exemplo de Foto Tumblr.



Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/fotos-tumblr/>>

Presente em todas os sistemas operacionais, em 2011, a plataforma celebrou um total de 10 bilhões de postagens exclusivas, o que excluem as postagens reblogadas. Vendido ao Yahoo! dois anos depois por mais de US\$1 bilhão, a plataforma continua na ativa e pode ser

acessada pelo navegador convencional ou através de um aplicativo disponível gratuitamente nas principais lojas virtuais, como Play Store e App Store.

Segundo o site do próprio aplicativo, a intenção da plataforma é facilitar a ferramenta para que pessoas possam criar um blog e publicar qualquer tipo de conteúdo. “Histórias, fotos, GIFs, programas de TV, links, piadas inteligentes, piadas bobas, spotify, vídeos, MP3, moda, arte, papo-cabeça, etc. Tudo cabe nos 497 milhões de blogs que compõem o Tumblr” (TUMBLR, 2020).

## 2.2. “NÓS, MADALENAS”

Foi através desse aplicativo que tive contato pela primeira vez com o ensaio “Nós, Madalenas”, que especificarei adiante. Ainda quando tinha em mente fazer a análise de conteúdo de fotografias de mulheres feministas, em uma busca pela internet, me veio o primeiro contato com o ensaio fotográfico. À primeira vista, percebi o quanto o ensaio se assemelhava com a proposta da rede social. As fotos, todas em preto e branco, seguiam o padrão de foto Tumblr, ao mostrar em algumas fotografias apenas parte do corpo das modelos, apesar de não aplicar filtros específicos da rede social, como é pontuado pela própria fotógrafa em sua apresentação.

O Tumblr aqui é usado como ferramenta de conexão entre o público e o conteúdo disponibilizado dentro da rede, no caso o ensaio fotográfico “Nós, Madalenas”, e como um cenário de mediação de movimentos sociais e políticos.

**Imagem 2:** Página inicial do Tumblr “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/> >

Composto por cem fotografias de mulheres em preto e branco, acompanhadas por uma legenda com o nome de cada modelo, as imagens possuem também, em formato de texto destacado entre aspas, a palavra que a fotografada escolheu como elemento da imagem além do horário e a data em que cada fotografia foi postada.

Abaixo de cada fotografia está um link que disponibiliza a imagem em alta resolução, as atividades que envolvem a foto em questão (reblogs – o ato de compartilhamento daquela imagem em outros Tumblrs – e o link encurtado para a postagem), bem como as hashtags que representam a imagem, como #photography #nosmadalenas #brasil #mariaribeiro #fineart #portrait #girls #women #feminism. Na página também é possível que as pessoas curtam e comentem as fotografias postadas.

Segundo a fotógrafa Maria Ribeiro, idealizadora do ensaio, o projeto Nós Madalenas é resultado de um processo pessoal “o qual abrange o universo feminino, abordando uma expressão do que significa ser mulher em uma sociedade machista, excludente e preconceituosa” (RIBEIRO, 2015).

**Imagem 3:** Utopia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/> >

Os retratos foram feitos a partir da fotografia digital e finalizados em preto e branco. Sem utilizar técnicas de edição de imagem para mudar a imagem final das fotografadas, a pós-produção foi voltada apenas à cor e textura. Assim, segundo a fotógrafa, pretendeu-se contrapor à imagem midiática de estética plástica atribuída à mulher, mostrando apenas e simplesmente o natural como conceito físico e antropológico de aceitação de gênero (RIBEIRO, 2015). O Tumblr “Nós, Madalenas” ganhou repercussão em outras redes sociais e acabou virando um livro, cuja primeira publicação é de 2017.

Além da página inicial, onde estão publicadas as fotografias, divididas em seis páginas, o Tumblr “Nós, Madalenas” também possui quatro abas disponíveis, sendo elas: “About”, “Saiu na Mídia”, “Compartilhe sua Palavra” e “Ask me Anything”. Cada uma dessas abas possui conteúdo e modelo interacional diferente.

Na aba “About” é possível ter acesso a um texto de descrição do projeto, contando qual o seu objetivo. Nas palavras da fotógrafa Maria Ribeiro, a aba disserta sobre o projeto e sobre o próprio conceito de feminismo. “Os movimentos feministas vêm deixando traços na humanidade por décadas e constituem em um instrumento pelo qual as mulheres podem ter uma voz, e essa voz deve expressar-se das mais diversas formas” (RIBEIRO, 2015). Nessa aba não é possível que as seguidoras interajam com a página.

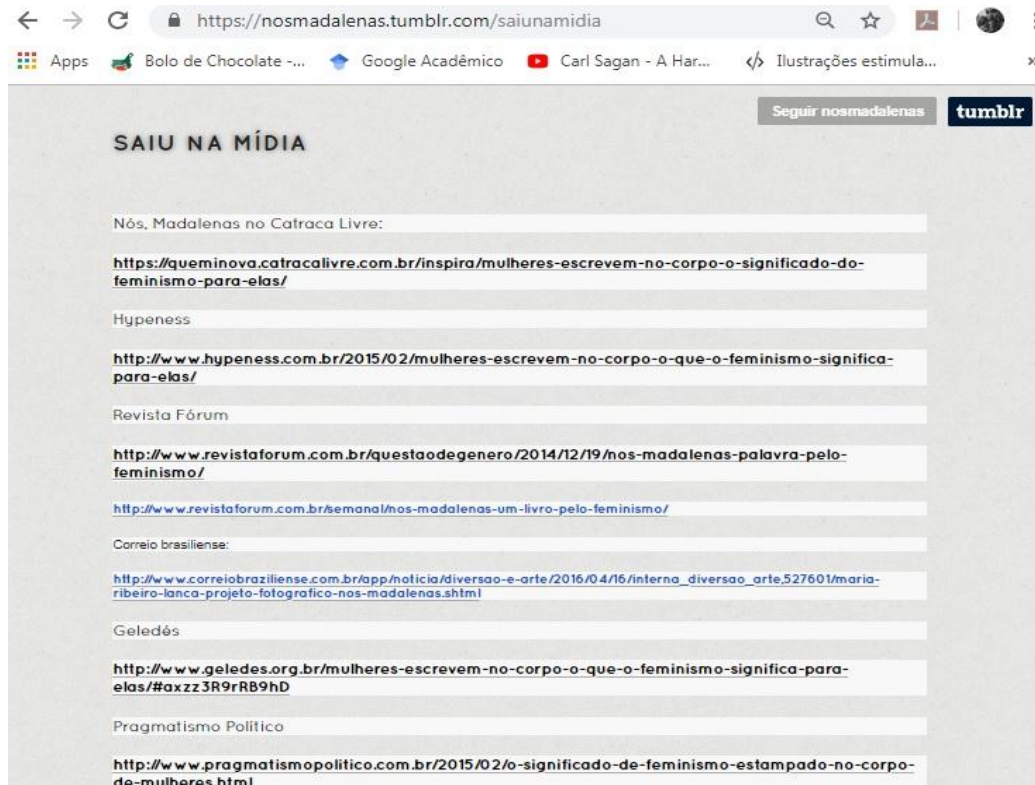
**Imagem 4:** Aba “About” do Tumblr “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/about> >

Na aba “Saiu na mídia”, as leitoras podem clicar em notícias publicadas sobre o ensaio em veículos de comunicação, como os sites Hypheness, Correio Brasiliense, Geledés, Pragmatismo Político, Revista Fórum, entre outros. Outra opção do Tumblr é a seção “Compartilhe sua palavra”, em que leitoras do blog podem enviar fotos com uma palavra sobre o que significa feminismo para elas. Para isso, basta que a seguidora poste a fotografia na sua rede social Facebook em modo “público” com a hashtag #nosmadalenas. As imagens são postadas no perfil seguidas do nome da leitora e a sua cidade de origem. Na aba “Ask me anything”, as seguidoras podem enviar perguntas para a fotógrafa Maria Ribeiro sobre o projeto.

**Imagem 5:** Aba “Saiu na Mídia” do Tumblr “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/saiunamidia>>

Nesta pesquisa, tenho como objetivo principal cartografar de que modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas. Para isso, um dos caminhos fundamentais a ser percorrido é compreender as afetações produzidas pela diversidade de modelos representadas nas fotografias, já que as mulheres fotografadas representam uma ampla gama de fenótipos corporais, como mulheres negras, brancas, pardas, gordas, magras, jovens, idosas. Devido a forma como as fotos foram tratadas, através do preto e branco, não é possível afirmar quantas mulheres negras, pardas e brancas aparecem nas imagens. Algumas fotos enfatizam os corpos das modelos, já outras enfatizam o rosto. Em algumas o rosto sequer é mostrado.

As posições em que as modelos escolhidas pela fotógrafa aparecem nas imagens são escolhidas pelas próprias modelos. Em algumas, as modelos estão deitadas, em outras sentadas, já em outras elas estão de pé. Estar vestida ou não também não parece ser escolhido com base em um padrão e, sim, a partir da escolha pessoal de cada modelo.

De acordo com a descrição do blog, o projeto propõe o questionamento sobre os padrões estéticos impostos pela sociedade através de fotografias de mulheres sem nenhuma edição de imagem, mostrando os corpos femininos da forma que cada fotografada deseja apresentá-lo. Além disso, a fotógrafa solicitou que cada mulher fotografada escrevesse uma



palavra sobre o que significa o feminismo para elas, mostrando a relação que cada uma possui com o movimento feminista<sup>4</sup>.

**Imagem 6:** Autonomia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/> >

Por fim, de acordo com a fotógrafa Maria Ribeiro, o objetivo do projeto é “mostrar uma realidade, expressar uma amostragem do sentimento contido em milhões de mulheres em todo o país, e ainda provocar uma reflexão em homens e mulheres presentes” (RIBEIRO, 2014). Deste modo, a autora do ensaio espera despertar sentimentos latentes em quem vivência a sua fotografia em relação a uma situação de desigualdade de gênero.

### **3. MOVIMENTO FEMINISTA NAS REDES: A SOCIEDADE EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO E A COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

#### **3.1. DA SOCIEDADE DOS MEIOS PARA A SOCIEDADE EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO**

---

<sup>4</sup> Apesar de relacionar as fotografadas com o movimento feminista, a fotógrafa não deixa claro na página se todas as modelos são feministas.

As questões relativas à sociedade em vias de midiatização e a comunicação no âmbito das novas tecnologias se entrelaçam às discussões levantadas ao longo da pesquisa, na medida em que, ao analisar a ferramenta Tumblr, uma rede social inserida em um ambiente cada vez mais tecnológico, busco investigar a ferramenta como um dispositivo interacional ambientado em uma sociedade em vias de midiatização.

Desse modo, é fundamental pensar os modos de interação proporcionados através desses dispositivos no contexto da referida sociedade. Por isso, os conceitos de midiatização e dispositivos, para além do gênero e feminismo, são cruciais na construção desse estudo. Diante disso, nesse capítulo me debruço sobre o primeiro termo, a partir de desdobramentos provocados por discussões no campo da Comunicação.

Para tanto, antes de adentrarmos no conceito de midiatização, é importante pontuar brevemente o processo pelo qual a sociedade passa de sociedade dos meios para sociedade em vias de midiatização. Xavier (2014) destaca que a diferenciação entre esses dois momentos atravessa a ascensão da mídia como processo interacional de referência, que produz afetações aos mais variados campos sociais, na medida em que eles se hibridizam.

Segundo a pesquisadora, na sociedade dos meios, as mídias “apresentam uma relativa autonomia frente à existência dos demais campos sociais, que figuram independentes, coexistem e se articulam a partir de espaços fronteiraços” (XAVIER, 2014, p. 44). No entanto, à medida em que a mídia passa a ocupar esses espaços, passa também a transpassar esses limites estabelecidos, “criando outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados” (XAVIER, 2014, p. 44). Nesse sentido, a partir desse momento, os demais campos sociais são afetados/atravesados pela instância midiática, que atua como “organizadora dos campos”.

Segundo José Luiz Braga (2012), a mediação tem um papel fundamental na forma como os processos comunicacionais se estruturam na sociedade. Para ele, a mediação parte de duas perspectivas, uma genérica e outra epistemológica. Na perspectiva genérica, a mediação seria o processo pelo qual “um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes” (2012, p. 32). Já na perspectiva epistemológica:

A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento” (BRAGA, 2012, p. 32).

É importante destacar que essa mediação não se dá apenas no âmbito das mídias, e também pode ser observada em diferentes elementos, como a própria linguagem, o trabalho e a educação. Na sociedade dos meios, a mediação dos processos informativos e de entretenimento não-habituais acontecia por meio da mídia. A esse respeito, BRAGA (2012, P. 32) afirma:

Como consequência desse elemento mediador, implantado como um “corpo estranho”, criava-se a impressão de uma exposição “direta” da sociedade à mídia, como entidade passiva diante de um potencial homogeneizador.

Ao desviar o objeto de estudo da comunicação dos meios para a mediação, é possível ter uma noção mais abrangente do papel da “receptora” no processo comunicacional e, com isso, dos processos midiáticos. Entender o papel da sujeita na mediação é, sobretudo, entender como são articulados os enfrentamentos e resistências possibilitados pela sua interação nesse processo. No entanto, é importante observar que na sociedade em vias de midiatização, o objeto de estudo não é mais apenas os meios, a sujeita ou as mediações, e sim ambos aliados a uma série de outros fatores.

Uma sociedade em vias de midiatização (distinta da sociedade mediática do período anterior [...]) não é por isso uma sociedade dominada por uma só forma estruturante, que explicaria a totalidade de seu funcionamento. A midiatização opera através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas consequências. (VERÓN, 1998, p. 1).

Abro um parêntese para ressaltar que, nesse novo espaço, o papel da receptora é reconfigurado. Ao estudar os efeitos dos meios comunicação, as teorias da comunicação foram construindo a percepção do papel da receptora ao longo da história, passando de uma sujeita passiva a um papel atuante dentro do processo comunicacional.

Deste modo, os avanços das teorias da Comunicação proporcionam uma visão distinta do papel da receptora no processo comunicacional. Mais de cinco décadas separam a teoria funcionalista dos dias atuais e muitas teorias e estudos foram desenvolvidos desde então. Para tornar inteligível o papel da receptora ao longo da formação do campo da Comunicação seria necessário revisitar criticamente as principais teorias e modelos que fundamentam e influenciam os estudos da Comunicação, no entanto, friso aqui que este não é nosso objetivo, uma vez que até mesmo o objeto de estudo Comunicação está longe de ser consenso entre as pesquisadoras e estudiosas da epistemologia da Comunicação. O que temos é um emaranhado de teorias, modelos e paradigmas que se entrelaçam e, ao mesmo tempo, se afastam, sem

conseguir formar um núcleo bem organizado, o que para José Luiz Braga (2011, p. 63), faz com que o campo da Comunicação seja “um terreno vazio, sem outra existência senão pelo fato de que todas as disciplinas humanas e sociais tivessem alguma coisa a dizer sobre o tema”.

Apesar disso, é imprescindível pensar a receptora não mais como uma sujeita passiva no processo comunicacional, obedecendo aos estímulos produzidos pelos produtos midiáticos de uma forma mecânica e homogênea. Pelo contrário, a receptora sai de cena e, em seu lugar, entra a sujeita como uma consumidora produtiva, proativa dentro do processo comunicacional e constituinte da mediação. Essa sujeita não apenas recebe informações, mas também atua como produtora de sentidos nesse processo.

É nesse contexto em que, na sociedade em vias de midiatização, “a mídia passa a atuar como referente das formas que na atualidade a sociedade inventa para interagir” (2014, p. 13). É a partir da configuração desse novo “território”, que as práticas sociais passam a habitar e a serem tensionadas por esse campo. A partir desses dispositivos midiáticos, que aqui chamarei de mídia, é possível estabelecer trocas mútuas e produzir outras realidades (XAVIER, 2014).

À medida que a mídia vai povoando os espaços fronteiriços, passa a se expandir, extrapolando limites até então bem estabelecidos [...]. Nesse momento, se intercala entre os sujeitos e suas ações em modo diferenciado com relação às demais mediações historicamente constituídas. Assume então um lugar *sui-generis* de elemento de mediação e marca o início de um complexo processo de atravessamento dos campos sociais pela instância midiática, porém quando os campos sociais se mediatizam, no entanto, ainda estamos a meio caminho do que hoje chamamos de midiatização. (XAVIER, 2014, p. 44)

Nesse sentido, Xavier (2014) propõe uma analogia gráfica para que se torne compreensível o processo pelo qual a sociedade passa de sociedade dos meios para uma sociedade em vias de midiatização. Segundo ela, para entender esse fluxo, seria necessário pensar que, na sociedade mediada, os campos sociais estão devidamente separados, como espaços circulares, em que os os encontros são possíveis através das linhas de intersecção. Nesse ambiente, a mídia funcionaria como articuladora dos campos, atuando com determinada autonomia em relação a estes. Já na sociedade em vias de midiatização, “chega um momento em que vários campos passam a ocupar lugares sobrepostos, constituindo uma espécie de mosaico, no qual se torna difícil discernir as especificidades de cada um” (XAVIER, 2014, p. 45). É nesse contexto que as mídias passam a não apenas articular, mas a atravessar e transbordar outros campos sociais. Destarte, passa a ser configurada na sociedade midiatizada outro tipo de realidade onde a base das interações sociais não é mais pura e

simplesmente estabelecida por laços sociais, mas sim por ligações socio-técnicas. (FAUSTO NETO, 2006).

Um dos exemplos claros dessa reconfiguração do uso dos dispositivos midiáticos pode ser percebido através da última eleição presidencial do Brasil, ocorrida em 2018. Discursos autogerados através das redes sociais passaram a ditar a desconfiança das eleitoras, em que a mídia hegemônica, ou os grandes meios, torna-se suspeita no processo a partir do momento em que o público questiona o discurso da imparcialidade vendido por esses meios. Nesse ínterim, os grandes veículos passam a ter um papel secundário nesse sistema e as redes sociais assumem o protagonismo no período eleitoral, sendo responsável pelo alto nível de engajamento das eleitoras na campanha do então candidato à presidência Jair Bolsonaro.

### 3.2. O AUTOGERENCIAMENTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA SOCIEDADE EM REDE

Percebo então que o avanço das tecnologias influencia na forma como se dá a midiáticação. No entanto, ele sozinho não é suficiente para caracterizar esse processo. A midiáticação, para além das novas tecnologias, também está relacionada a um componente social que permite a interação das pessoas por meio das mídias. É nesse contexto que falamos, por exemplo, de ciberativismo, que é diferente de um simples deslocamento do ativismo para o espaço das mídias, mas passa a existir como processo outro e singular, produzindo sentidos, articulações, desafios e potências que somente se configuram no agenciamento entre campos característicos da midiáticação em processo.

Retornando ao contexto das eleições presidenciais brasileiras de 2018, destaco a constituição de movimentos de resistência à eleição do candidato Jair Bolsonaro articulados por meio das redes sociais. A campanha #elenão, um movimento a nível nacional, pode ser vista como um exemplo de uma comunidade autogerenciada e ativada pela internet. Em setembro de 2018, milhões de mulheres brasileiras se autoorganizaram através das redes sociais para se posicionarem politicamente contra o então candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro.

Através do grupo criado na rede Facebook, intitulado “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”, as eleitoras usaram as redes para difusão de informações, comunicação e organização, potencializando a capacidade de organizar atos políticos e aumentar a colaboração das integrantes do movimento. Ao utilizar a internet como um instrumento político crucial para a disseminação da mensagem do movimento, o grupo engajou integrantes

e disseminou informações sobre a causa pela qual estavam lutando, pautando, inclusive, os meios de comunicação tradicionais de vários países. Inclusive convocando para as ruas e pautando esse movimento nas ruas.

Castells (2015) aponta que essas novas tecnologias possibilitaram a formação de redes de indignação e esperança, pelas quais é possível uma mobilização para além do controle de governos e empresas, além do compartilhamento de dores e esperança no espaço público proporcionado por esses novos meios. Nas palavras do autor:

Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2013, p. 10)

Desse modo, o autor dá continuidade à ideia sobre a constituição e organização dos movimentos sociais por meio da internet, já elaborada na obra “O Poder da Comunicação, na qual ele aponta que a internet proporcionou a formação de uma “sociedade em rede”, ou seja, uma sociedade em que as sujeitas estão conectadas em uma rede virtual.

Nossa sociedade, a sociedade em rede, é construída em torno de redes pessoais e organizacionais movidas por redes digitais e comunicadas através da internet ou de outras redes de computadores. Essa estrutura social específica historicamente resultou da interação entre o novo paradigma tecnológico, centrado nas tecnologias de informação e comunicação, e algumas outras grandes mudanças socioculturais. (CASTELLS, 2015, p. 37).

Essas redes de indignação e esperança, foram responsáveis pelo estopim de movimentos auto organizados na última década. Ao partir da análise de movimentos insurgentes ao redor do globo, Castells (2013) identifica que, primeiro, essas manifestantes se organizam pelas redes, movidas por um sentimento de indignação e desconfiança nas instituições públicas, para conseguir alcançar uma mudança social. É preciso, no entanto, olhar para o contexto em que esses movimentos nascem. Segundo o autor, a associação da degradação das condições materiais e sociais e a crise de legitimidade dos governantes, podem levar à ascensão de um protagonismo de outros setores sociais, que buscam, por outros meios, modificar a sua forma de vida com as próprias mãos.

É por meio dessa rede de esperança que o movimento se articula e consegue dar passagem a sujeitas que não possuem espaço nos meios tradicionais. Destarte, essas redes são utilizadas para organizar e demandar uma ação coletiva nas ruas. Contudo, vale ressaltar que a articulação fora dos canais oficiais das instituições que regem a sociedade fazem com que, com o intuito de manter uma “ordem social” e uma estabilidade dessas mesmas instituições, a violência seja um dos mecanismos de controle usados pelo Estado.

Tal como ocorreu na Tunísia e no Egito, a maioria dos levantes árabes começou com organização, debate e convocação à rebelião pela internet, prosseguindo e se configurando no espaço urbano. Assim, as redes da internet forneceram um espaço de autonomia do qual os movimentos emergiram sob diferentes formas e com resultados diversificados, a depender do seu contexto social. (CASTELLS, 2013, p. 66)

A reflexão do autor remete ainda à percepção de que os movimentos possuem um imperativo emocional que condiciona o seu surgimento, não deixando espaço para que possamos afirmar que apenas as situações advindas da pobreza é que resultam nesse surgimento. Para Castells (2013), emoções como medo, raiva, entusiasmo estão relacionadas diretamente com a busca por justiça, engajamento e superação. Castells (2013) também traça um perfil a respeito de como as características dos movimentos se interseccionam, sua conclusão é de que os movimentos só foram reconhecidos como movimentos a partir do momento em que ocuparam os espaços urbanos, concluindo, conforme afirma, que "o espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares" (CASTELLS, 2013, p. 160).

É a partir das redes sociais e no espaço dessas redes que esses movimentos se constituem. Assim, identifico como o ensaio fotográfico “Nós, Madalenas”, ao utilizar o âmbito das novas tecnologias para mostrar a relação de mulheres com o feminismo e mais ainda, usando os corpos dessas mulheres como painéis públicos de palavras de ordem do movimento, alcança um cunho político e engajado de modo a externar as questões que atravessam aquelas sujeitas, não apenas politicamente, mas também em um âmbito pessoal e privado.

#### **4. DO SUFRÁGIO FEMININO AO FEMINISMO NAS REDES**

Para compor a trilha da minha pesquisa, foi necessário, em um primeiro momento, definir o que de fato é este movimento feminista no qual me debrucei durante a investigação. Muitas das impressões registradas nesta pesquisa, além de referenciadas bibliograficamente, também partiram da minha aproximação com o feminismo ao longo do meu ativismo enquanto feminista e dos trabalhos que desempenhei enquanto jornalista e pesquisadora há, pelo menos, três anos, intervalo no qual obtive o título de bacharela em Comunicação Social e ingressei no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

Meu primeiro contato com o movimento feminista se deu em 2013, quando as discussões sobre o feminismo nas redes sociais e em espaços de discussão na universidade começaram a despertar o meu interesse pelos estudos sobre gênero, ano que também ingressei no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí. Nesse período, a pauta da equidade de direitos entre homens e mulheres era uma das principais abordagens enfatizadas nessas discussões. Apesar de não tratar mais sobre o direito ao voto, as discussões questionavam a representatividade feminina na política partidária.

A partir da participação nessas discussões no âmbito acadêmico e até mesmo pessoal, tive como definir a noção de que o movimento feminista é um conjunto de movimentos que ultrapassam os limites unitários de atuação. Temos no movimento feminista uma pluralidade de movimentos, que atuam não apenas na esfera política, mas também na social, ideológica e filosófica. A partir da minha proximidade com as pautas do movimento, seja por meio da literatura, do audiovisual e da minha relação com outras mulheres feministas, foi possível determinar que o conjunto dessas atuações converge no que podemos caracterizar aqui como principais pontos de luta desse movimento, tais como promover os direitos das mulheres, romper com as amarras patriarcais que moldam e cerceiam o ser e o agir feminino e a busca pelo empoderamento feminino de forma constante.

Para além disso, é possível definir o movimento pelo viés da equidade e do reconhecimento da mulher na sociedade como alteridade, em sendo mulher, desvinculada da figura do homem como referência. A partir disso, há a reivindicação do reconhecimento do lugar da mulher como referência de si mesma, como sujeita de direitos e reconhecida em seus direitos e singularidades.



#### 4.1. PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO

Historicamente, o movimento feminista é dividido em quatro ondas que possuem características, ideais e pautas distintas. Iniciado no século XIX com a primeira onda, o movimento ganhou diferentes contornos com a evolução da sociedade e as mudanças nos contextos sociais, políticos e econômicos.

Embora seja possível detectar, em diversos momentos históricos, movimentos femininos<sup>5</sup> dotados de questionamentos de uma ordem social vigente e até mesmo a existência de figuras femininas que se opunham ao modelo de sociedade baseado na supremacia do masculino sobre o feminino, é somente a partir do final do século XIX que surgem os primeiros resquícios do movimento feminista organizado, com o início do movimento sufragista, em especial no Reino Unido e nos Estados Unidos.

Baseada nos ideais democráticos da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, a causa tem o seu primeiro sopro com o surgimento do Iluminismo, ainda no século XVIII, e ganha força no momento pós-Revolução Industrial, com as sufragetes ou sufragistas<sup>6</sup>.

A primeira geração (ou primeira onda do feminismo) representa o surgimento do movimento feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens. O movimento sufragista (que se estruturou na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e na Espanha) teve fundamental importância nessa fase de surgimento do feminismo. O objetivo do movimento feminista, nessa época, era a luta contra a discriminação das mulheres e pela garantia de direitos, inclusive do direito ao voto. Inscreve-se nesta primeira fase a denúncia da opressão à mulher imposta pelo patriarcado. (KOLLER; NARVAZ, 2006, p. 649)

Formado, em parte, por mulheres brancas e de classe média, o feminismo da primeira onda é baseado na luta por igualdade política e jurídica, ou seja, pelo direito ao voto (por isso o nome sufragistas) e para que mulheres e homens fossem vistos como iguais perante a lei. Neste período, as sufragistas questionavam o modelo de sociedade no qual a mulher era vista e tida como propriedade do marido, sem participação ativa na situação política do país. Para além dessa primeira demanda, também reivindicavam uma relação simétrica dentro do

<sup>5</sup> O movimento feminino, ou movimento de mulheres, pode ser definido como grupamentos compostos por mulheres que lutam por qualquer causa, cujo nome identifica quem faz parte do movimento e não as pautas reivindicadas. Já o movimento feminista, como dito anteriormente, está relacionado à emancipação feminina e indica essencialmente as pautas de luta do movimento.

<sup>6</sup> O termo sufragetes era utilizado para designar as mulheres que mobilizaram no período pelo direito ao sufrágio feminino. Apesar de ter sido adotado posteriormente pelas próprias manifestantes, o termo foi inicialmente cunhado com um tom pejorativo.

casamento, com pesos e responsabilidades divididas, além do direito à educação (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Vale ressaltar que nesse primeiro momento do feminismo, uma das principais frentes de mobilização era formada por mulheres do movimento operário, que também protestavam pelos direitos trabalhistas e contra as péssimas condições de trabalho às quais eram submetidas nas fábricas.

As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15).

A longevidade pode ser ressaltada como uma das principais características da primeira onda do movimento feminista. As pautas acima citadas norteiam o entendimento e podem ser definidas como pautas pontuais e que demandam uma mudança clara e específica na forma como o espaço público se configurara até então.

No entanto, apesar de pontuais, tais mudanças exigiam alterações profundas em diversos contextos da sociedade que envolviam desde a cultura patriarcal advinda e proliferada pelos períodos mais conservadores da história, como a Idade Média e o período Iluminista, até mudanças político-jurídicas em contextos recém conquistados pelas sociedades nas quais essas lutas se estabeleceram. Assim, é compreensível que se possa definir a primeira onda do movimento feminista como a mais longa, levando em consideração a profundidade atribuída às mudanças conquistadas no espaço público.

Apesar da mobilização feminina durante a primeira onda do feminismo, o direito ao voto, principal pauta do movimento da época, só foi conquistado no Reino Unido durante a Primeira Guerra Mundial, em 1918, quando grande parte da população masculina foi enviada para os campos de batalha. Assim, na ausência dos homens, as mulheres passaram a assumir atividades antes designadas majoritariamente aos homens e, dessa forma, conseguem conquistar o direito ao sufrágio feminino. Um ponto importante desse recorte do movimento é o fato de que as mulheres que compunham a primeira onda não desejavam diretamente uma mudança estrutural na sociedade, mas, apenas, igualdade de direitos perante os homens na esfera pública (KOLLER; NARVAZ, 2006).

Um ponto que vale destacar sobre esse período é o fato de que integrantes do movimento feminista na atualidade e ativistas dos direitos das mulheres negras, em especial autoras como Djamila Ribeiro, Angela Davis e Bell Hooks, questionam, além das

singularidades das questões das mulheres negras, que produzem outras reivindicações, o apagamento dessas mulheres no movimento feminista, bem como no movimento sufragista feminino. É importante entender como as discussões propostas por essas estudiosas trazem uma nova perspectiva sobre o movimento feminista, a partir dos questionamentos sobre a emancipação da mulher negra e a influência do racismo dentro do movimento.

Uma das principais críticas feitas ao movimento feminista, bem como ao período conhecido como a primeira onda, é o apagamento da mulher negra, pois, apesar de se contrapor a uma ordem vigente, o movimento sufragista feminino objetivava mudanças sociais que contemplavam os direitos das mulheres, e em certa medida o das mulheres brancas e de classe média, sem que houvesse pautas voltadas também para as questões raciais, promovendo também a libertação de mulheres negras que ainda eram escravizadas (DAVIS, 2016) . O discurso da abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, Sojourner Truth, *Ain't I a Woman?*, na Convenção de Mulheres, no estado de Ohio nos Estados Unidos, em 1851, demonstra como as mulheres negras e escravas não tinham apenas os seus direitos negados enquanto sujeitas, mas a sua própria humanidade.

**Imagem 07:** E eu não sou uma mulher?



Apesar de salutar, não é o objetivo deste trabalho se ater às discussões sobre o racismo no movimento sufragista feminino. No entanto, é possível destacar que o silenciamento e o apagamento das histórias de mulheres negras foi e continua sendo alvo constante de debates dentro do movimento feminista e, apesar do famoso discurso de Sojourner Truth, levou mais de um século para que a perspectiva das mulheres negras fosse agregada ao discurso do movimento feminista.

#### 4.2. SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO

Dando continuidade aos estudos de gênero, já durante a ambiência do meu território de pesquisa, tive contato pela primeira vez com a obra da filósofa francesa Simone de Beauvoir, uma das principais pensadoras a contribuir para o entendimento da condição feminina e do conceito do que é ser mulher a partir de uma visão existencialista<sup>7</sup>. A autora é uma referência de como, com o avanço do feminismo, as mulheres se colocaram no campo científico e passaram a trabalhar epistemologicamente questões antes ditas como neutras.

O Segundo Sexo, de autoria de Beauvoir, é uma das primeiras obras a abordar as condições de determinadas mulheres em sociedade, com um recorte de classe, e, apesar de não se referir inicialmente como uma teórica feminista, a autora cria bases para os estudos sobre o feminismo a partir do lançamento da referida obra no final da década de 40.

Em O Segundo Sexo, Beauvoir (2016) tece uma crítica ao conceito de feminilidade e destaca que ele não é inerente à sujeita do sexo feminino. Para entender o que significa o ser mulher, a filósofa propõe no primeiro volume, Fatos e Mitos, uma desmistificação dos pressupostos que envolvem a vivência e a essência feminina. Para isso, Beauvoir (2016) faz um apanhado dos conhecimentos biológicos, psicanalíticos e materialistas sobre a condição da

---

<sup>7</sup> O existencialismo é uma corrente filosófica surgida no fim do século XIX, sob a égide do pensamento do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, e desenvolvida em meados do século XX, pós-Segunda Grande Guerra pelo francês Jean-Paul Sartre, que viria a se tornar o maior nome do existencialismo. Tal corrente defendia a precedência da existência em detrimento da essência. Em outros termos, para os existencialistas, não há uma essência humana que precede o existir. Para eles, primeiro o ser humano é, existe, e apenas depois ele se forma e adquire sua essência. No conjunto de conflitos inerentes ao pensamento existencialista estão algumas questões relativas à adequação do mesmo à religião (vertente defendida por Kierkegaard, Carl Jaspers e Gabriel Marcel, esses dois últimos contemporâneos de Sartre), e ao ateísmo (vertente defendida por Sartre, Heidegger, Camus, entre outros franceses), que nega a existência de Deus. O existencialismo na perspectiva sartreana é a vertente que aqui nos interessa. Para Sartre, portanto, se Deus não existe, existe pelo menos um ser no qual a existência precede a essência e esse ser é o ser humano. Passa a ser matéria definidora da essência da humanidade apenas aquilo que ela faz de si mesma. Desse modo, dá-se à humanidade toda a responsabilidade de definição do que ela virá a ser no seu percurso de vida. Assim, a existência passa a ser compreendida como um fardo, uma vez que uma escolha pessoal pode impactar a existência de toda a humanidade. Assim, quando o ser humano realiza uma escolha, ele está escolhendo a forma como ele julga que a vida humana deva ser.

mulher para explanar sobre a causa da subordinação das mulheres na sociedade. Segundo ela, todos esses conhecimentos contribuem para a construção equivocada da ideia de mulher como uma segunda categoria e nenhum deles é suficiente para definir, de fato, o que é ser mulher.

Ao questionar a normatização de uma natureza feminina, apesar de não a negar, a filósofa discute o que é a feminilidade e o que é ser mulher. As duas questões norteiam o pensamento da autora e vão dar bases para a compreensão da vivência feminina. É a partir disso que Beauvoir (2016) questiona se a feminilidade está relacionada a uma questão biológica, a uma essência ou apenas a conceitos morais e costumes culturais ditos como do sexo feminino.

Beauvoir (2016) destaca que, para além dos aparatos, atitudes, interesses, dentre outros fatores, que distinguem as duas categorias, a mulher é vista como um sexo outro, distinto do sexo masculino, neutro, positivo, evidente.

Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: “Você pensa assim porque é uma mulher.” Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

Assim, Beauvoir (2016) rompe com as barreiras da neutralidade e se assume enquanto sujeita, a partir das suas próprias vivências enquanto mulher. Para além disso, a autora pontua que historicamente o conceito do ser mulher foi construído como um “ser ocasional” ao homem, um “homem incompleto”, uma ideia de sujeita voltada para o sexo e, por isso, “ela o é absolutamente” (BEAUVOIR, 2016, p. 12). A mulher seria, portanto, uma categoria negativa que faz contraponto ao ser neutro e positivo, no caso, o homem.

Beauvoir (2016) frisa que, apesar de existir a relação entre o eu e o não-eu também entre outros grupos, como negros, judeus e proletários, são apenas as mulheres a se “conformarem” com o seu status de Outro. Ao contrário dos outros grupos que passam a ver o seu oposto também como um não-eu, as mulheres não assumem essa posição e aceitam a condição de alteridade. Desse modo, elas estariam unidas aos seus opressores através de um laço que “não é comparável a nenhum outro” (BEAUVOIR, 2016, p. 16).

Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode lhes conferir. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo

indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz com seu papel de Outro. (BEAUVOIR, 2016, p. 17 e 18).

A filósofa define que as mulheres não possuíam os meios concretos para se constituir como comunidade e, dessa forma, se oporem às opressões sofridas. Ao contrário dos negros, por exemplo, que são unidos por uma questão étnica, cultural e até mesmo religiosa, no caso das mulheres não há um sentimento de unidade, pois, segundo Beauvoir (2016), elas estão dispersas entre os homens e possuem relações distintas com eles, relações que muitas vezes se dão no âmbito familiar, o que dificulta o reconhecimento do grupo como uma unidade.

Por outro lado, Beauvoir (2016) destaca que as mulheres não possuem uma história, ou seja, não há o reconhecimento de um momento no qual foi dado o pontapé para a opressão feminina, é algo que já está e, de certo modo, sempre esteve presente na história das civilizações ocidentais modernas. Por fim, a autora destaca que o status de segunda categoria é confortável por não possuir a angústia da liberdade, apesar de ser um caminho nefasto por fazer com que as mulheres se sintam alheias às suas próprias vontades, evitando assim que elas assumam o status de sujeita. Desse modo, as mulheres acabam por serem “cúmplices” dos homens durante a opressão sofrida e passam a aceitar o papel de objeto ou inessencial.

Durante a sua obra, a filósofa francesa parte do questionamento sobre o pertencimento do mundo aos homens para chamar a atenção para a construção de uma visão de mundo com base em uma perspectiva masculina que acaba por tentar justificar um status de inferioridade conferido às mulheres. Ou seja, Beauvoir (2016) define que a inferioridade feminina é construída socialmente, a partir de uma investigação histórica de como as mulheres são colocadas em uma posição de inferioridade não por meio da sua natureza ou da sua essência, mas por meio de uma existência construída ao longo da história.

Em um segundo momento da sua obra, a partir da análise das experiências femininas, Beauvoir (2016) determina que, para a superação da opressão, é necessário que as mulheres modifiquem a estrutura da sociedade, uma vez que os direitos e nem mesmo o trabalho foram capazes de promover a libertação feminina. É somente a partir da transformação da estrutura criada sob uma perspectiva masculina que será possível que as mulheres transcendam e alcancem o status de sujeita (BEAUVOIR, 2016). Desse modo, a autora se torna uma das

principais contribuidoras para a construção de uma teoria feminista, ao averiguar a fundo as formas pelas quais a opressão masculina atua na sociedade a partir de múltiplos vetores.

A obra de Beauvoir foi redescoberta apenas 20 anos depois pelo movimento feminista, já na década de 1960, com o surgimento da segunda onda, e a autora passou a ser um ícone do feminismo. Derivada dos movimentos de contracultura que eclodiram em especial nos Estados Unidos, no contexto da Guerra do Vietnã, a segunda onda parte da tentativa de compreensão da posição das mulheres na sociedade. Já dotadas do direito ao voto, as mulheres que compunham esse segundo momento do movimento passaram a fazer questionamentos sobre a submissão das mulheres e o status de inferioridade que ainda lhes era conferido.

A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “o feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença” (KOLLER; NARVAZ, 2006, p. 649).

Temos, portanto, que a segunda geração do feminismo buscava pautar formas de se contrapor a um poder conferido às sujeitas encaixadas no modelo hegemônico. Assim, surgiram pautas relacionadas ao direito ao corpo e ao prazer, através da defesa da descriminalização do aborto, de ações afirmativas da homossexualidade e do repúdio à violência sexual. Uma das vertentes que surgiu na segunda onda, o feminismo radical, propôs uma compreensão da origem das opressões sofridas pelas mulheres (por isso o nome radical, pois defende um retorno à raiz do problema) e, a partir disso, a luta contra essa origem, proporcionando uma mudança estrutural.

O filósofo e teórico social Michel Foucault (1995), em “O sujeito e o poder”, vai discutir que nas lutas antiautoritárias, como o feminismo, não se trata de lutar contra as formas de dominação imediatas, pois todas elas resultam de um inimigo-mor. No caso do movimento feminista, é possível compreender as características determinadas pelo autor para tipificar as lutas antiautoritárias, pois, o movimento parte do pressuposto de que a questão da opressão da mulher se enquadra num movimento de colonização e de relações de poder que assumem o homem branco e hétero como lugar de referência.

Segundo a ótica do autor, existem três tipos de lutas antiautoritárias que possuem características em comum: são transversais, imediatas, objetivam os efeitos do poder, se contrapõem ao “governo da individualização”, são contra os privilégios do saber, giram em torno de quem somos individualmente e atacam uma técnica de poder. Tais lutas estão presentes na história das reivindicações, seja de forma isolada ou misturada, são elas: contra a dominação, seja ética, social ou religiosa; contra a exploração, que separa o indivíduo do que ele produz; e contra a individualização.

Vale lembrar que, para o autor, o poder consiste em conduzir condutas, existe somente enquanto ato, na ação de umas sobre as outras, e não lhe interessa conceituar o poder, mas entender como ele se exerce e se reproduz. Desse modo, o autor destaca que, para compreender o poder é preciso apreender quais são os modos de resistência a ele.

Outra contribuição importante para a segunda onda do feminismo se dá através da concepção de que o “pessoal é político”. A partir da análise de grupos de terapia formados por mulheres, a afirmação da pensadora feminista Carol Hasnich (1969) fundamenta a compreensão de que a vida privada e a vida pública estão interligadas.

Para a autora, se queremos modificar as estruturas privadas é necessário que as estruturas públicas também se modifiquem. A filósofa brasileira Márcia Tiburi (2014, p. 94), ao pensar o conceito de “o pessoal é político”, determina que a frase nos leva a pensar e implica o posicionamento das sujeitas no campo político, através da “eliminação da fronteira entre público e privado, entre desejo e poder”.

Isso quer dizer que cada um está no mundo social com aquilo que é e, ao mesmo tempo, cada um é fruto daquilo que está além de si. A questão do pessoal ser político nos serve de ponto de partida para pensar a ética de um modo geral enquanto ela implica o que somos, como nos tornamos o que somos, enquanto isso só se constrói porque vivemos juntos uns dos outros... Sou o resultado de um processo que está muito além de mim e, ao mesmo tempo, posso dar continuidade a ele ou modificá-lo. (TIBURI, 2014, p. 94).

Já para Hasnich (1969), além da própria ação imediata, é a partir da reflexão e das teorias articuladas entre as mulheres sobre as suas experiências pessoais enquanto mulheres que será alcançada uma mudança política. Assim, ela propõe uma reflexão aprofundada e uma análise real da vida privada das mulheres, inclusive de mulheres apolíticas, para que as estruturas públicas sejam, de fato, modificadas.

#### 4.3. TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO



É no meio da efervescência da segunda onda que surge pela primeira vez o uso do conceito de gênero para designar a diferença entre o masculino e o feminino. O conceito é utilizado pelo psicanalista Robert Stoller (2014), em 1963, para fazer referência à diferenciação entre o sexo biológico e a identidade culturalmente estabelecida, a partir da análise de intervenções cirúrgicas em pessoas intersexuais e transgêneros.

A respeito dessa obra, Spizzirri e col. comentam:

No campo das ciências da saúde, Robert Stoller, em 1968 no livro “Sex and Gender”, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associado às condições biológicas. Esse livro trata de intervenções cirúrgicas em pessoas intersexuais e transgêneros, para adaptar a anatomia genital ao gênero desejado. Para Stoller, o sentimento de ser mulher ou homem era mais importante do que as características anatômicas. (SPIZZIRRI e col., 2014, p. 43).

A identidade de gênero, portanto, está relacionada ao papel de gênero que as sujeitas desempenham dentro da cultura ao qual pertencem, determinando a forma como cada uma se identifica e expressa seu comportamento e as suas características, mas que pode não corresponder ao desejo sexual.

Vale observar que o papel de gênero desempenhado pelas sujeitas que se encaixam em determinada identidade de gênero está intrinsecamente relacionado à forma como a cultura constrói normas que pré-definem quais características e quais comportamentos são aceitáveis para cada gênero. Na sociedade brasileira, por exemplo, a pressão social, imposta através da cultura, faz com que a mulher tenha um papel de gênero diferente do homem, moldando suas ações, seu modo de pensar, de se comportar e de se relacionar com as outras sujeitas em sociedade.

De acordo com o padrão imposto pela sociedade, existem apenas dois gêneros normativos: o masculino e o feminino, o homem e a mulher. Seguindo esse padrão, são estabelecidas normas sociais que determinam as características e o comportamento de cada um desses grupos, sendo que as sujeitas, de acordo com esse padrão imposto, devem estar encaixadas em uma das identidades de gênero. Contudo, vale destacar que a socióloga norte-americana Judith Butler (2013), uma das principais pensadoras da terceira onda, da qual falaremos mais adiante, rompe com a concepção do gênero proposta em um padrão binário a partir da sua Teoria Queer.

A inserção das sujeitas nesse binarismo identitário se dá anterior ao nascimento. Através das características biológicas apresentadas, toda uma carga cultural recai sobre elas antes mesmo do fim da gestação. Segundo o padrão normativo binário, a criança, ao nascer

com um pênis, será inserida na identidade de gênero masculina, e, ao nascer com uma vagina, estará inserida na identidade de gênero feminina. As pessoas que se conformam com essa normatização e se identificam com seus corpos são então denominadas cisgêneros e, juntamente a isso, recairá sobre elas toda uma carga cultural que determinará os papéis de gênero dessas sujeitas em sociedade, estabelecendo que comportamentos deverão ser adotados com base nos estereótipos de cada grupo.

Esses papéis de gênero são construídos segundo o nosso convívio em sociedade e estão associados ao sexo biológico, podendo até mesmo variar de uma sociedade para outra, dependendo da cultura na qual as sujeitas estão inseridas. Ser mulher no Brasil, por exemplo, é diferente de ser mulher no Afeganistão, ou no Japão.

Para a socióloga Berenice Bento (2006), uma das principais teóricas brasileiras do campo dos estudos sobre gênero, esses papéis são desempenhados antes mesmo do nascimento e são reforçados ao longo da vida através da cultura:

Quando o médico diz: “é um menino/é uma menina”, produz-se uma invocação performativa, e nesse momento, instala-se um conjunto de expectativas e suposições em torno desse corpo. É em torno dessas suposições e expectativas que se estruturam as performances de gênero. As suposições tentam antecipar o que seria o mais natural, o mais apropriado para o corpo que se tem. Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa pelas palavras mágicas que irão desencadear essas expectativas; mágicas no sentido de criarem realidades. Logo depois, o médico dirá o sexo da criança e as expectativas serão materializadas em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o futuro filho ou filha antes mesmo de esse corpo vir ao mundo. (BENTO, 2006, p. 88)

Sob a ótica da cisgeneridade, somos direcionadas a agirmos de acordo com o gênero determinado no nascimento pelo sexo biológico. Somos impelidas, por meio de proibições e afirmações, a nos comportarmos e nos encaixarmos nas caixas de gênero determinadas culturalmente. As crianças que nasceram com o sexo biológico feminino são direcionadas a um mundo cor-de-rosa, por meio de objetos que criam o sentido da realidade feminina, como saias, bonecas, calcinhas e princesas. Enquanto as crianças que nasceram com o sexo biológico masculino são inseridas no mundo de cor azul, com bolas, cuecas, carros e super-heróis. Nos utilizamos desses artifícios para afirmar o pertencimento de cada indivíduo na identidade de gênero correspondente ao sexo.

É a partir dessas discussões que é alicerçada a noção de que o sexo é biológico, no entanto, o gênero é construído socialmente. “E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (JESUS, 2012, p.6).

Não há como determinar a identidade de gênero apenas pelo corpo físico, como é o padrão da sociedade, uma vez que a identificação com um gênero envolve características subjetivas de cada sujeita.

O uso do conceito nesse contexto dá as bases para a concepção de diversas teorias sobre o gênero, em que o sexo passa a ser uma categoria utilizada para pensar o masculino e o feminino no plano da natureza (puramente biológico) e o gênero sendo usado para pensar a construção da ideia de homem ou mulher em uma dimensão cultural. A dicotomia entre sexo/gênero será retomada posteriormente pelas teóricas da terceira onda, em especial, a filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2013), para fazer uma análise profunda dos papéis de gênero desempenhados na sociedade e para a criação da sua Teoria da Performatividade de Gênero.

Em contraponto aos ideais do segundo movimento, a terceira onda do feminismo surge no final da década de 1980 e início dos anos 1990. Antes voltadas para as experiências das mulheres brancas de classe média e alta, nessa onda são incorporadas as demandas específicas de cada mulher, em especial das mulheres negras, e são incluídos os recortes de classe, raça, sexualidade, entre outros. As mulheres que compõem o movimento da terceira onda partem do pressuposto de que as opressões atingem as mulheres de formas diferentes, pois elas são diferentes entre si e possuem identidades diversificadas.

Nesse recorte do movimento é possível perceber que as pautas feministas saem da Europa e da América Norte e passam a ser incorporadas em espaços transnacionais. Segundo a filósofa Nancy Fraser (2005), a transnacionalização do feminismo caracteriza o que se convencionou chamar de terceira via ou terceira onda, caracterizada principalmente pelo desfoque dos espaços tradicionais de luta feminista.

Se por um lado a primeira onda é caracterizada pela luta em busca do sufrágio feminino e a segunda é focada na redistribuição (um guarda-chuva onde cabem demandas como: questionamentos sobre a submissão das mulheres e direito ao corpo e ao prazer), a terceira via passa da redistribuição ao reconhecimento, ou seja, para além das reivindicações das outras duas ondas, a terceira foca também no reconhecimento de identidades voltadas para campos antes dominados pelas *colônias*, como política, cultura, religião e nacionalidade.

A filósofa utiliza o exemplo da eleição de George W. Bush, no contexto pós-atentado de 11 de setembro de 2001, para demarcar historicamente, ao menos nos Estados Unidos, a transição e a motivação para um enfraquecimento da segunda onda do feminismo e justificativa para o nascimento da terceira.

O exemplo dado por Fraser (2005) é o do discurso redistributivo usado por Bush na campanha política, ora travestindo-se de líder capaz de livrar o país da ameaça terrorista, ora mantendo-se como *o homem forte* e conservador que o país precisava. O sucesso dessa forma de fazer política, onde a redistribuição (especialmente o econômico) teve um caráter desigual e dilatador de classes, foi se consolidando à medida em que o movimento feminista passou a ser transformado pela direita conservadora dos Estados Unidos num movimento dominado “por profissionais de elite e humanistas seculares que desprezam as mulheres comuns, especialmente as trabalhadoras e religiosas” (FRASER, 2005, p. 301), atribuindo um ar caricato, e até contrário ao projeto do país, ao movimento feminista da época.

A mudança de foco, segundo Fraser (2005), passa a ser um movimento consequencial para a corrente feminista antes empenhada em espaços geograficamente delimitados. No contexto apontado por Fraser, a transnacionalidade é direcionada, agora, não mais a estabelecer lutas locais por demandas específicas de um conjunto de mulheres, mas sim buscar uma homogeneidade na territorialização das demandas. Em outras palavras, a demanda do movimento, agora, passa a ser universal, não sendo mais limitada pelos limites territoriais.

Na Europa, por exemplo, feministas miram as políticas e estruturas econômicas da União Europeia, enquanto correntes feministas entre os que protestam contra a OMC desafiam as estruturas de governança na economia global. De forma análoga, lutas feministas por reconhecimento cada vez mais olham além das fronteiras do Estado territorial. (FRASER, 2005, p. 304).

Nesse percurso, cada vez mais, se expandem e atravessam fronteiras as demandas por justiça de redistribuição e reconhecimento. Ampliação de lutas e internacionalização de demandas passam a ser a principal bandeira dessa onda.

O feminismo pós-estruturalista, nesse ínterim, torna-se uma das vertentes do movimento, incluindo mulheres lésbicas, negras e transgênero, e traz a noção de que o gênero e a biologia são construídos socialmente a partir não da negação da natureza, mas da compreensão de que a biologia também é um discurso produzido em determinado contexto social e com determinados interesses. Assim, para as feministas pós-estruturalistas, o discurso da biologia tenta conformar o gênero com o sexo biológico e o desejo sexual. Por exemplo, nesse discurso, o sexo feminino deve conformar-se com a identidade de gênero feminina e com o desejo pelo sexo masculino (oposto), desse modo, tudo que sair dessa “normalidade” será considerado desviante, estranho, anormal.

É nessa vertente pós-estruturalista que está inserida a filósofa estadunidense Judith Butler (2013), que questiona os discursos de normalidade e anormalidade, a partir da

discussão dos conceitos de corpo, sexo, gênero e desejo na sua obra “Problemas de Gênero”. No texto, a filósofa pensa o gênero a partir da perspectiva do problema, ou seja, tenta compreender como um conjunto de disputas transforma a questão do gênero em um problema social e, posteriormente, em um problema teórico.

Na obra originalmente lançada em 1990, Butler (2013) faz uma genealogia da produção feminista a partir da categoria mulher para repensar a ideia de uma “identidade feminina”, identidade essa que por muito tempo foi o alicerce para as teorias feministas, em especial na segunda onda, apontando a inexistência da sujeita no qual essas teorias são fundamentadas. Assim, a filósofa propõe uma crítica ao modelo binário, homem/mulher e masculino/feminino, que dá as bases para a discussão e distinção dos conceitos de sexo e gênero, e problematiza como esse binarismo é alicerçado em conceitos enraizados e naturalizados decorrentes de uma sociedade marcada pelo falocentrismo e pela heteronormatividade.

Assim, a autora cria um embate com a premissa de que o sexo é natural e o gênero é construído culturalmente, proposta ainda durante a segunda onda do feminismo. A distinção entre os dois conceitos foi utilizada até meados da década de 1980 para questionar a associação da mulher com características naturalizadoras como a fragilidade e a submissão ao sexo masculino. Para ela, o conceito de gênero é, então, uma característica flutuante que não pode ser compreendida apenas por meio de binarismos, como o sexo, tentando distanciar os dois conceitos e argumentar o quanto a distinção entre eles pode ser entendida como arbitrária. Em suas palavras,

se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorre de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2013, p. 26).

Butler (2013) propõe que o sexo não é natural ou determinado por características biológicas, mas que, assim como o gênero, ele é cultural e discursivamente construído. Desse modo, a filósofa tece críticas à teoria feminista que defende a noção de que a identidade está relacionada ao gênero e não ao sexo, uma vez que, no entendimento da autora, esse conceito se conforma com a ideia de que o gênero expressaria uma essência da sujeita.

Na visão butleriana, tudo está no plano da prática, inclusive a subjetividade. Ao partir do questionamento que pretende responder em qual momento acontece a construção do

gênero, a autora descarta a ideia do gênero como algo ontológico e pré-discursivo, se distanciando, assim, da dicotomia presente na filosofia da consciência, que determina a existência de uma distinção entre alma e corpo, em que o corpo está inserido na dimensão prática e a alma em uma dimensão subjetiva.

Na sua Teoria da Performatividade de Gênero, Butler (2013) determina que o gênero emerge no processo de ação. Ao contrário da teatralidade percebida através da análise das *drag queens*, em que a atriz representa alguém que ela não é, a performatividade se faz na representação, é a partir da imitação que a sujeita vai se construindo como indivíduo. Desse modo, o gênero seria uma espécie de imitação persistente, construída através dos atos performáticos desempenhados na relação. É a partir da ideia de forma que a autora pensa o gênero e o corpo, e, conseqüentemente, fundamenta a sua Teoria Queer. A forma seria, portanto, o fazer dentro da interação, sendo o queer o exercício desse fazer, a negação de uma fixidez de identidade.

A filósofa pós-estruturalista refuta, então, o conceito do ser mulher amplamente debatido pelas teóricas da segunda onda, pois, segundo ela, essa dimensão produziu uma identidade de mulher específica que não engloba uma série de outros corpos que não se encaixam nessa produção. Nesse ponto, Butler (2013) estabelece um diálogo com diferentes autoras, em especial com Simone de Beauvoir, ao propor uma análise da emblemática frase “Não se nasce mulher, torna-se”, apontando para o fato de que "não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea" (BUTLER, 2013, p. 27).

Butler (2013) sugere pensar o sexo e o gênero a partir de uma discussão social e não de um plano da natureza, uma vez que é do social que emerge o gênero e é através dele que pensamos e produzimos a natureza como verdade e substância. Para Butler (2013), o corpo possui uma importância fundamental, pois ele se produz constantemente de modo social e é a partir dele que se dá a materialidade da sujeita reflexiva. Destarte, a sujeita reflexiva ao qual a autora faz referência, consciente de si, emerge de um cenário de interpelação, já que pensa que a relação está modulada por uma interação e por uma posição nessa interação surgida da interpelação.

Com isso no horizonte, Butler (2013) contrapõe os conceitos de identidade e aliança, uma vez que, para ela, a identidade, ao menos do modo como foi concebida, separa as sujeitas em caixas, enquanto a aliança é o encontro do qual emerge a ideia de si, a partir do outro, fundamentando assim o conceito de queer, já que a performatividade de gênero parte da ideia

de atos performativos. Desse modo, o corpo queer estaria para além da identidade, porque é um corpo que surge na relação e vem do processo, não está anterior a ele.

#### 4.4. QUARTA ONDA DO FEMINISMO

A quarta onda do feminismo, iniciada em meados de 2010, surge em um contexto de movimentos sociais agenciados no espaço das novas tecnologias. Nessa quarta geração, pouca teorizada e debatida até então, o feminismo se reconfigura nos espaços das redes e, para além das pautas e dos movimentos de rua, passa também a abranger o ciberespaço. A esse movimento chamamos de ciberfeminismo.

O ciberfeminismo tem como algumas das principais pautas as discussões acerca de abusos sexuais, psicológicos e físicos contra as mulheres e tem ganhado visibilidade no ambiente das redes sociais a partir de campanhas de grupos feministas como as campanhas #MeuAmigoSecreto e #MeuPrimeiroAbuso, que ganharam milhares de depoimentos nas redes sociais para relatar experiências com o machismo e casos de violência sexual contra mulheres.

A quarta onda, portanto, assim como a terceira, dá continuidade aos debates sobre gênero e caracteriza-se por um “feminismo da diferença”, defendendo a ideia de que cada mulher é individual e subjetivamente diferente. Nessa onda, temos o que chamamos de ciberativismo. Em contraponto ao ativismo nas ruas, caracterizado pela atuação em esferas locais, através de ações desenvolvidas fora do ambiente virtual, o ciberfeminismo está situado dentro do ciberativismo, e é desenvolvido através de ações na internet, por meio de sites, blogs e redes sociais.

Apesar disso, o movimento atua ainda em complementaridade ao espaço das ruas, pois, ao propor novos meios de ação, o movimento produz inúmeras reverberações que afetam diretamente a forma como o feminismo tradicional também se configura. “A crise na democracia e o aumento do descrédito do poder público, aliados ao aumento do uso das redes sociais na internet, nos levam a crer no desenvolvimento do ciberativismo como alternativa de liberdade de expressão e força do poder popular” (AMARAL et al, 2016).

Vale ressaltar que o ambiente tecnológico ainda pode ser considerado um domínio predominantemente masculino. Apesar disso, as mulheres têm utilizado desses meios para comunicarem-se e organizarem-se politicamente. No caso do ciberfeminismo, a internet foi apropriada pelas ativistas para difundir informações, organizar o movimento e promover uma rede de apoio mundial entre mulheres que são vítimas do machismo. O ciberfeminismo é uma

nova forma de se fazer o feminismo no ciberespaço e é um elemento do feminismo da quarta onda, ou pós-feminismo.

É importante destacar que o ciberfeminismo não é apenas uma transposição de espaços de atuação, da rua para o ciberespaço, e sim uma migração do movimento a partir de outras lógicas interacionais que passam a funcionar produzindo um movimento singular, distinto do feminismo tradicional. Assim, o prefixo “pós” demarca a diferença entre os dois movimentos.

De acordo com a pesquisadora e comunicóloga Marina Gazire Lemos (2009), em sua tese de mestrado em Comunicação e Semiótica, *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas* (2009), o ciberfeminismo se originou em diversas redes eletrônicas antes do World Wide Web (WWW). Lemos (2009) aponta que o termo ciberfeminismo foi criado pelo grupo australiano VNS Matriz, em 1991. “O grupo composto, por mulheres, se auto-proclamou “ciberfeministas” a partir de um manifesto por elas composto, o Manifesto Ciberfeminista (1991)” (LEMOS, 2009, p. 41). O VNS Matriz teria usado o termo pela primeira vez em referência aos estudos da bióloga, filósofa e escritora Donna Haraway (2016), que, apesar de nunca ter usado o termo ciberfeminismo, faz uma nova releitura dos movimentos feministas (LEMOS, 2009).

O artigo “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de Donna Haraway (2016), publicado originalmente na *Socialist Review*, em 1985, é utilizado como “base teórica ao sugerir uma análise do feminismo sob a ótica das novas tecnologias, incluindo os meios de comunicação, propondo a organização em rede e apropriação dessas tecnologias como forma de ativismo político” (LEMOS, 2009 p. 41). Desse modo, o termo ciberfeminismo tem servido para conceituar o movimento feminista na internet, a partir da organização política de mulheres através da tecnologia.

Segundo Lemos (2009, p.9):

Em suma, o Ciberfeminismo surgiu em uma época onde são cada vez mais polifônicas as narrativas, as identidades e até mesmo as próprias tecnologias. O significado da comunicação e da informação, e conseqüentemente, sua globalização, criaram novos espaços de ação coletiva que são considerados na análise do objeto.

Temos, portanto, que com o avanço das novas tecnologias, a construção de sentidos sobre corpos também passa a se reconfigurar. Ao refletir sobre a existência para além do corpo, como uma forma de superação da existência corpórea por meio das tecnociências, a filósofa Donna Haraway (2009) analisa como a ciborgue é constituída como um híbrido entre máquina e a humana. A figura da ciborgue é utilizada pela autora para refletir sobre as afetações das tecnologias em expansão no fim do século XX sobre as relações sociais.



Donna Haraway (2016) nos leva a pensar a ciborgue como uma sujeita fronteiriça, composta através de fluxos e intensidades que não está atrelada somente ao orgânico ou inorgânico.

“A declaração de Haraway de que somos todos ciborgues remete às ambiguidades presente. Em um mesmo corpo, não só feminino, reúnem-se o mecânico e orgânico, a cultura e natureza, o simulacro e o original, a ficção científica e a realidade social” (LEMOS, 2009, p. 15).

Desse modo, pensar a configuração do ciberfeminismo em uma ótica tecnológica é pensar os enlaces que unificam as tecnologias e o corpo humano e, conseqüentemente, das subjetividades envolvidas no processo, sejam elas maquínicas ou humanas. Para Lemos (2009), as subjetividades maquínicas são sempre anuladas quando postas em relação aos traços humanos, de forma que a humana está sempre em posição de dominação ou de dependência em relação a primeira.

A declaração de Haraway que somos todos ciborgues deve ser tomada em sentido literalmente e ao mesmo tempo metaforicamente. Literalmente porque as tecnologias biológicas teleinformáticas estão, de fato, redesenhando nossos corpos. Metaforicamente, porque estamos passando de uma sociedade industrial orgânica para um sistema de informação polimorfo. Ao transgredir as fronteiras que separam o natural do artificial, o orgânico do inorgânico, o ciborgue, por sua própria natureza, questiona os dualismos, evidenciando que não há mais nem natureza, nem corpo, pelo menos no sentido que o Iluminismo lhes deu. (SANTAELLA apud LEMOS, 2009, p. 16).

Sendo assim, além de questionar as relações de gênero, as ciberfeministas também estão preocupadas com questões que dizem respeito aos espaços fronteiriços que delimitam onde termina a máquina e onde começa a humana. As integrantes do movimento passam, portanto, a coabitar a fronteira entre os movimentos políticos e os próprios meios tecnológicos, não só utilizando as tecnologias em prol do movimento e tecendo críticas sobre elas, mas articulando novas formas de se mobilizar a partir dessas plataformas.

## 5. MADALENA, DE PROSTITUTA A APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS

### *Cena 01*

Às margens do Mar da Galileia, a população de um vilarejo chamado Magdala se reúne em um lugar de oração. Ao lado esquerdo estão as mulheres da comunidade, com vestimentas simples e gastadas e as cabeças cobertas com mantos. Homens adentram à sinagoga e sentam ao lado direito do templo. Uma das mulheres observa atenta a chegada do grupo enquanto as preces são ditas por todos. O seu olhar cruza com um dos homens por um instante e a mulher imediatamente desvia o seu. Outro homem sentado em frente à mulher observa a troca de olhares, seu nome é Daniel.

Corta a cena.

### *Cena 02*

A mulher caminha sozinha pelo campo. Um pequeno grupo de pessoas da mesma família caminha logo atrás dela, incluindo crianças. Um homem mais velho, de nome Eliseu, acompanha seus passos e a interpela:

Eliseu: “Elevo meus olhos aos montes”.

Maria Madalena: “De onde virá o meu socorro?”.

Eliseu: Efraim virá jantar conosco amanhã. Você o conhece.

Maria Madalena: Conhecia a sua esposa.

Eliseu: Ele é um bom homem. Seus filhos precisam de uma mãe. Ele escolheu você, Maria.

Maria Madalena: Você precisa de mim.

Eliseu: Agradaria a Deus se você fosse mãe. Agradaria a mim.

Em seguida, os dois continuam a caminhada em silêncio.

Corta a cena.

### *Cena 03*

Uma mulher caminha nas sombras. Ela para perto dos animais do vilarejo quando ouve gritos:

Maria! Onde você está? Maria!

A mulher corre então no escuro, em direção à sinagoga do vilarejo. Maria Madalena parece estar apreensiva quando entra no local de oração, senta-se em um banco e começa a falar

palavras incompreensíveis, como se estivesse em uma oração. Seu pretendente havia jantado com a sua família naquela noite. Homens que estavam na sinagoga olham para a mulher quando o sacerdote se aproxima e pergunta como pode ajuda-la, em seguida pede que chamem a sua família. A mulher, então, sai às pressas da sinagoga, enquanto alguns homens gritam: Vergonha!

Corta a cena.

#### *Cena 04*

Maria retorna para casa e ouve seu irmão dizer que ela trouxe vergonha para a família.

Daniel: O que achou que estava fazendo?

Maria Madalena: Eu precisava orar para decidir.

Daniel: Decidir? Escute, você ora no culto com as outras mulheres. Você ora em casa com a sua família, mas não saía correndo por aí como uma lunática.

Maria Madalena: Eu não posso casar com Efraim. Eu não nasci para essa vida.

Daniel: Então para que vida você nasceu? Quer que eu enfaxe seus seios e corte seus cabelos para você virar um homem? Assim poderá orar quando quiser.

Daniel a abraça enquanto Maria permanece imóvel.

Daniel: Você mancha a memória de nossa mãe. Desta vez você irá casar.

Corta cena.

#### *Cena 05*

Maria de Magdala é acordada no meio da madrugada pelo irmão que pede que venha encontrar com seu pai. A mulher sai de casa na companhia do irmão, em direção ao mar da Galileia, onde encontra seu pai e outros três homens. Assustada e sem entender a situação, Maria entra no mar tomada pelas mãos por seu pai e seu irmão Daniel. Um dos homens se dirige a Maria e coloca uma moeda no seu rosto, em seguida pede que ela não tenha medo e inicia uma oração em hebraico.

Ainda sem entender, Maria é forçada a mergulhar no mar como em um batismo, enquanto Daniel afirma que há algo de anormal dentro dela. Nesse momento, Maria se debate tentando se livrar das mãos de Daniel e grita por seu pai, que permanece impassível diante da cena. A ação então prossegue com um ritual de exorcismo.

Corta a cena.

**Imagem 08:** Cena do filme Maria Madalena.



Fonte: Maria Madalena, 2018.

### *Cena 06*

Após quase morrer afogada, a mulher é levada nos braços dos homens da família de volta para casa e depositada no chão com as roupas ainda molhadas da água do mar. Eliseu deita ao seu lado, enquanto Maria Madalena permanece imóvel e em silêncio, com os olhos abertos encarando o teto.

O pai de Maria Madalena pede que chamem o curador para falar com ela. O curador é Jesus Cristo.

Jesus Cristo: Sua família diz que você luta com um demônio.

Maria Madalena: Se há um demônio, ele sempre esteve aqui. Quem me dera fosse um demônio.

Jesus Cristo: Por que? O que você teme em si mesma?

Maria Madalena: Meus pensamentos, meus desejos, minha infelicidade. Temo envergonhar minha família. Eu os envergonho. Não sou como eu deveria ser.

Corta a cena.

**Imagem 09:** Maria Madalena é batizada por Jesus Cristo.



Fonte: Maria Madalena, 2018.

As cenas descritas acima retratam passagens importantes do filme *Maria Madalena*, lançado em 2018. Com o roteiro escrito por duas mulheres, a obra cinematográfica retrata como a figura emblemática do cristianismo tinha pensamentos à frente do seu tempo. No filme sobre a vida da personagem bíblica, Maria Madalena<sup>8</sup> é mostrada não como prostituta, mas como uma mulher que não aceita os costumes da época e se recusa a casar-se com um pretendente arranjado pela família, abandonando o vilarejo e juntando-se aos apóstolos para seguir Jesus Cristo.

Além do primeiro encontro de Maria Madalena com Jesus Cristo, o filme também retrata a realidade das mulheres da época. Em várias cenas, as mulheres aparecem tecendo redes de pesca, pescando no mar para garantir o alimento para a família e desempenhando outros afazeres, enquanto os homens da família andam pelo povoado em grupos, oram nas sinagogas e vão às pregações de Jesus Cristo. As cenas mostram ainda como Maria Madalena tinha comportamentos incomuns para a época, apesar de realizar as tarefas com as outras mulheres, se negava a performar o papel de mãe e esposa.

---

<sup>8</sup> Maria não possuía sobrenome, o que era comum entre os judeus de seu tempo. Madalena deriva da região de Magdala, onde viveu antes do encontro com o Cristo;

O filme mostra sua proximidade com o “Rabin”, como Jesus Cristo é chamado pelos apóstolos. Em diversas cenas, Cristo se distancia dos apóstolos para conversar com os anjos ou ficar a sós para tomar decisões importantes mencionadas pela Bíblia, como a sua chegada à Jerusalém. Nesses momentos, a troca de olhares entre Cristo e Maria Madalena, ou até mesmo as conversas, quando os outros apóstolos eram aconselhados a ficarem distantes, mostram a relação de afeto e intimidade entre os dois. Apesar disso, o filme mostra Maria Madalena como uma apóstola fiel a Cristo e não sua esposa, como afirmam algumas vertentes religiosas cristãs.

**Imagem 10:** Maria Madalena é ungida por Jesus Cristo.



Fonte: Maria Madalena, 2018.

Nas escrituras sagradas do cristianismo, Maria Madalena foi uma das seguidoras mais dedicadas aos ensinamentos do Cristo. Segundo o apóstolo Lucas (8:2), bem como Susana, Joana e outras mulheres, Maria Madalena acompanhava o Cristo após terem sido retirados de si sete demônios. “Quando Jesus ressuscitou, na madrugada do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios” (Marcos 16:9). Essa retirada enquadra-se na cura de espíritos malignos e enfermidades realizados pelo Cristo na sua trajetória evangelizadora.

Uma vertente da mesma religião nos mostra Maria Madalena como uma prostituta arrependida que confessa seus pecados ao Cristo e arrepende-se tornando-se, assim, convertida ao cristianismo. Essa versão começou a ser adotada em 591, pelo Papa Gregório I em sua homilia. De 591 a 1969, o seguinte trecho bíblico passou a ser usado para falar dela:

E eis que uma mulher da cidade, que era uma pecadora, quando soube que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo e colocou-se a

seus pés por trás dele, chorando, e começou a lançar seus pés com lágrimas, e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijou seus pés, e os ungiu com o unguento... E ele disse a ela: “Os teus pecados estão perdoados”. (Lucas 7:37-8)

Ao contrário do que diz a liturgia bíblica tradicional, manuscritos encontrados em Nag Hammadi, no Egito, em 1945, confirmam que Maria Madalena possuía uma estrita relação com Jesus Cristo, chegando a ter relatos de beijos na boca entre os dois, ato que, além de demonstrar afeto, também era usado na época para transmitir sabedoria.

Outro ponto emblemático da proximidade de Maria Madalena com Cristo é a sua representação ao lado dele em imagens que retratam a Santa Ceia, como na mais famosa delas, A Última Ceia, de Leonardo da Vinci, que porventura veio a ser usada como base para o Best-Seller *O Código da Vinci* (2004), do escritor norte-americano Dan Brown. Na versão novelística de Dan Brown, Maria Madalena e Jesus eram casados e tinham um filho.

Apesar de todo o mistério envolvendo a história de Maria Madalena e a sua relação com Jesus Cristo, é importante destacar que um fato é consenso entre todos, o de que Maria foi uma das apóstolas que acompanhou o Cristo durante todas as etapas do processo evangelizador até o calvário e a ressurreição. Ela é a mulher mais citadas nos evangelhos, mais até que a mãe de Jesus, e é apresentada como a primeira testemunha da ressurreição de Jesus Cristo, a primeira a encontrar o seu túmulo vazio e falar com Cristo ressuscitado.

Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.” Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?” Supondo que ele fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar.” Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela exclamou em hebraico: “Rabôni” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: “Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhes tinha falado. (João 20:11-18)

Por todas as vertentes, Maria Madalena é considerada uma das figuras mais enigmáticas apresentadas pelas escrituras sagradas do cristianismo, ora como prostituta, ora como uma mulher rica que abandonou os bens para seguir Jesus, ora como irmã de Lázaro e por fim como esposa de Jesus. O que se sabe, no entanto, é que a Igreja Católica reconheceu a importância de Maria Madalena após 2.016 anos do nascimento de Jesus Cristo, sendo considerada pelo Papa Francisco como a “apóstola dos apóstolos”, ou seja, aquela que levou a notícia sobre a ressurreição de Jesus aos apóstolos e eles aos fiéis.

Maria Madalena, por todas as controvérsias em torno do seu nome, virou o centro dos debates entre progressistas e conservadores da Igreja Católica, pelo fato de que, mesmo depois de dois milênios da sua morte, ainda desperta interesse de fiéis e até mesmo a ira dos mais dogmáticos de uma igreja fundada em pilares patriarcais e machistas. De prostituta à apóstola dos apóstolos, a figura de Maria Madalena mostra um cristianismo mais feminino e desafia o desprezo pela mulher revelado em alguns evangelhos, ao apontar que a participação feminina no legado de Cristo foi mais presente do que a Igreja quer admitir.

Pelas escrituras, Madalena é então o arquétipo do pecado. Assim como Eva, que comeu do fruto proibido e cometeu o pecado original, Maria Madalena leva em si o símbolo do pecado e da impureza. Por mais de um milênio, a sua imagem foi associada à imagem de uma mulher pecadora, mesmo que na parábola bíblica usada pelo Papa Gregório I para fazer tal denominação não haja menção ao seu nome. Em muitas passagens dos evangelhos canônicos, as figuras de mulheres são usadas para representar o mal, o pecado, o lado obscuro. Um dos exemplos é o Evangelho de Tomé, também encontrado em Nag Hammadi, no qual há uma citação de Pedro, considerado como o líder dos apóstolos, que, por não aceitar a proximidade de Maria Madalena com Jesus Cristo, pede para que ela saia de perto, porque as mulheres não são dignas da vida.

Sua imagem recebe uma influência direta do contexto histórico no qual viveu. Apesar de ter sido uma das apóstolas mais próximas e fiéis a Cristo, não há conhecimento sobre Madalena a partir de suas palavras, mas pelas palavras escritas por homens. E, mesmo com o negacionismo da Igreja e as incertezas sobre a história verdadeira, Maria Madalena, ao sair do seio da sua família e optar por seguir Jesus Cristo na companhia de outros homens, subverte o papel da mulher no século primeiro.

Assim como Maria Madalena, as madalenas são as injustiçadas, apagadas pela história, consideradas prostitutas e pecaminosas por irem contra a ordem social vigente. Ser Madalena é rejeitar a passividade, subverter as normas e escrever sua própria história, tal como as palavras que tecem o seu corpo. É vestir o arquétipo do pecado e usá-lo como escudo. Penso que ao afirmarmos que somos madalenas, o “nós”, como pronome da primeira pessoa do plural, ressoa a polivocidade, a pluralidade de eus que compõe uma sujeita. Do mesmo modo, o pronome também remete às múltiplas madalenas atravessadas pelos significados do arquétipo da mulher pecadora.

Eu, enquanto mulher e outros signos que carrego em mim, também subverti as normas e flagelos impostos ao meu corpo e à minha existência desde a infância. Abro aqui, um parêntese para afirmar que na minha história, enquanto vítima de violência sexual e



proveniente de uma família desestruturada e sem acesso à educação de qualidade, sobrevivi também ao racismo estrutural imposto à minha mãe, mulher negra, solteira e de baixa escolaridade, cujas possibilidades de “vencer na vida” se mostraram tão difíceis pela cor da sua pele. Durante toda a minha formação e identificação com o símbolo da feminilidade, vesti o arquétipo da pecadora, encarnei a culpa pela violência por ser mulher e mesmo em tenra idade ter “permitido” que tais atos acontecessem, encarnei a culpa por ter mãe negra e ser de classe baixa, culpas que não eram minhas, mas que foram introjetadas no meu corpo a partir das múltiplas violências às quais fui submetida.

Sou Madalena porque, ao descobrir o meu lugar na minha história como mulher, reneguei todas essas culpas e consegui ser a primeira da minha família a ingressar na universidade e hoje escrevo esse texto como requisito para a obtenção do meu título de mestra. Nós somos Madalenas porque, como mulheres, revolucionamos os pilares de uma sociedade patriarcal e machista e formamos um movimento que, inclusive, me permitiu ter o direito de ingressar na universidade e também conseguir o título de mestra.

## 6. O POETA MALDITO E O CORPO SEM ÓRGÃOS

Ao propor uma análise de fotografias de corpos femininos para compreender os sentidos sobre o ciberfeminismo, faz-se necessário entender como o corpo atua como terminal de sentidos e como as questões sobre o corpo são desenvolvidas no âmbito das tecnologias midiáticas. Para isso, é crucial compreender como essas tecnologias atuam como dispositivos de sujeição.

No entanto, antes de adentrar no conceito de dispositivos de sujeição, é importante abrir um parêntese para entender a influência do pensamento do dramaturgo, ator e poeta Antonin Artaud (1895-1948) sobre as produções dos filósofos franceses Michel Foucault (2014) e Gilles Deleuze (1996) e de Félix Guattari (1996), autores que usarei como alicerce para o entendimento sobre o corpo como terminal de sentidos, a partir do conceito de Corpo sem Órgãos.

Por isso, este capítulo foi dividido em dois tópicos, no primeiro, dissertarei brevemente sobre a criação do termo Corpo sem Órgãos (CsO) por Antonin Artaud (1948) e tensionarei o desenvolvimento do termo CsO por Deleuze e Guattari (1996), em sua obra *Mil Platôs*. No segundo, me debruçarei sobre os significados do termo dispositivo e como eles atuam sobre os processos de subjetivação.

A obra de Antonin Artaud (1948), conhecido como o poeta maldito, não obedece a um caminho lógico, como os textos aos quais me acostumei na academia. Por falar de um outro lugar, do lugar da poesia e também da loucura, haja vista que passou quase 10 anos da sua vida aprisionado em manicômios, Artaud utiliza-se de metáforas e aforismos para desenvolver um novo teatro.

Um texto essencial para a compreensão desses dois termos é resultante de uma transmissão radiofônica realizada por Artaud, em 1948, denominada “Para acabar com o julgamento de Deus”. Nela, o dramaturgo utiliza a sua potência teatral para expressar a ideia do Corpo sem Órgãos (CsO), termo que posteriormente foi desenvolvido por Deleuze e Guattari.

Ao fazer um manifesto para a criação de um Corpo sem Órgãos, o dramaturgo não utiliza o termo órgão para propor uma definição sobre as partes de um organismo do modo como entendemos no seu significado tradicional e, sim, para evidenciar as maneiras

particulares do corpo de ter acesso ao mundo, para além dos cinco sentidos, como o tato, olfato, paladar, visão e audição. Na perspectiva artaudiana, os sentidos pelos quais experienciamos o mundo exterior são múltiplos, e não se limitam apenas a uma generalização das sensações que os cinco sentidos tradicionais nos proporcionam, essa fragmentação dos sentidos permite, então, uma forma parcial de experimentar a natureza.

Desse modo, para o poeta, o problema do corpo não são órgãos, mas o próprio julgamento de Deus, visto em sua obra como um sistema pré-estabelecido e moralizante. Esse julgamento seria dado a priori, externo ao próprio corpo, e seria ele quem determinaria o sistema organizacional, além de um padrão moralizante que instrui o corpo e impõe os modos pelos quais eu posso vivenciar o meu corpo.

[...] quero dizer que descobri a maneira de acabar com esse macaco de uma vez por todas  
 E já que ninguém acredita mais em Deus, todos acreditam cada vez mais no homem.  
 Assim, agora é preciso emascular o homem.  
 Como?  
 Como assim?  
 Sob qualquer ângulo o Sr. não passa de um maluco, de um doido varrido.  
 Colocando-o de novo, pela última vez, na mesa de autópsia para refazer a sua anatomia.  
 O homem é enfermo e mal construído.  
 Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente,  
 Deus  
 E juntamente com deus  
 os seus órgãos  
 Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força  
 Mas não existe coisa mais inútil que um órgão.  
 Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,  
 Então o terão libertado de seus automatismos  
 E devolvido sua verdadeira liberdade.  
 Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas  
 Como no delírio dos bailes populares  
 e esse avesso será  
 Seu verdadeiro lugar.  
 (Artaud apud Lins, 1947/2011, p. 44).

Através do uso de metáforas, o dramaturgo propõe a invenção de um Corpo sem Órgãos para incitar a criação e a utilização do corpo como um meio pelo qual se alcança a revolução, o corpo se torna um corpo-revolução, um terminal pelo qual eu despedaço os órgãos e, ainda na mesa de autópsia, forjo a minha própria autonomia. Segundo o autor, o meio pelo qual a atriz alcança essa autonomia seria a crueldade que, ao contrário do significado literal da palavra, é utilizado em sua obra para determinar o rigor, uma determinação irreversível e absoluta.

Do mesmo modo, no texto “Como criar para si um Corpo sem Órgãos”, no terceiro volume de Mil Platôs, Deleuze e Guattari (1996) iniciam fazendo uma referência ainda no título a 28 de novembro de 1948, data em que ocorreu a transmissão radiofônica de “Para acabar com o julgamento de Deus”, de Antonin Artaud, sugerindo uma apropriação do termo CsO inicialmente cunhado pelo poeta e dramaturgo francês. “É uma experimentação não somente radiofônica, mas biológica, política, atraindo sobre si censura e repressão. Corpus e Socius, política e experimentação. Não deixarão você experimentar em seu canto” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 9).

Assim como para o dramaturgo, os autores franceses propõem a revolução do corpo a partir da guerra ao órgão, já que o órgão é como um “inimigo” que afasta o corpo do seu potencial revolucionário e canaliza o corpo dentro de uma ótica de organização produtiva, anestesiando-o pela rotina. Essa revolução, no entanto, não se dá em campo metafísico, pois o CsO não é uma ideia, um conceito, ele se dá na prática, no modo de vida, na própria linha que tece a nossa experiência.

Vale pensar aqui, a ideia do CsO como um modo de agenciar-se a si mesma, através de um corpo que, apesar de esvaziado dos órgãos, é completo e construído no próprio desejo. O desejo, portanto, é essencial na construção do CsO. O corpo é e torna-se a se transformar em desejo.

Não se trata de sentir o desejo como falta interior, nem retardar o prazer para produzir um tipo de mais-valia exteriorizável, mas, ao contrário, de construir um CsO intensivo, Tao, um campo de imanência onde nada falta ao desejo e que, assim, não mais se relaciona com critério algum exterior ou transcendente. (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 19).

Pensar um CsO em uma ótica deleuze-guattariniana não é pensar em um conceito, pois ele não o é, o CsO se constitui na prática, em um conjunto de práticas. Do mesmo modo, é um devir constante, uma prática que não se encerra. Para isso, os autores propõem a elaboração do CsO a partir de um programa, e o desenvolvimento em duas fases, sendo que “uma é para a fabricação do CsO, a outra para fazer aí circular, passar algo; são, no entanto, os mesmos procedimentos que presidem as duas fases, mas eles devem ser repetidos, feitos duas vezes” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 11).

Ao expressar que o corpo é a superfície pela qual as intensidades circulam, penso em um corpo fugidio, aquele que não se encaixa em nenhuma norma ou função pré-determinada. Ele quebra a máquina que produz subjetividades, a retorce e reconstrói de um novo modo, e dela saem subjetividades outras que não aquelas inicialmente programadas. Por isso é um

corpo-revolução que, através da fluidez e das intensidades, reprograma novos modos de existência.

Por fim, o juízo de Deus, ou julgamento de Deus, seria assim um tribunal invisível fundido ao corpo, aquele do qual não se escapa. Não há fuga daquilo que está impregnado na própria vida, modelando os processos de subjetivação e punindo toda existência fugidia potente de criação e movimento. É um equívoco pensar que a figura de Deus, utilizada para imprimir esse sistema moralizante e opressor, existe apenas no campo da religião. Pelo contrário, esse juízo está no que posteriormente Foucault irá desenvolver como dispositivos de sujeição, como a ciência, a política e a educação.

## 7. CARTOGRAFIA

### 7.1. PERCURSO METODOLÓGICO

A decisão sobre qual caminho metodológico seguir nesta pesquisa não foi fácil. Na minha mente de pesquisadora iniciante, havia uma delimitação clara de dois caminhos que poderiam ser seguidos: a priori, o procedimento inicial consistia na análise de conteúdo categorial, ou seja, na investigação de conteúdos verbais ou não verbais, a fim de dar significação aos dados coletados, baseando-se no método proposto pela francesa Laurence Bardin. Esta metodologia, que já havia sido adotada no meu trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharela em Comunicação, trata-se de uma observação cuidadosa, sistemática e objetiva, que atua por meio do desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.

Permaneci nesse caminho até ser provocada pelas disciplinas do mestrado em Comunicação, em especial pelo componente sobre a Metodologia da Pesquisa em Comunicação e pela minha orientadora, a pensar a pesquisa e a produção de conhecimento por outras vias, distintas do referente instituído pela cientificidade das ciências ditas duras. A partir da matriz epistemológica das Ciências Humanas e Sociais despertei para metodologias sensíveis como a cartografia, que podiam conferir não só a legitimidade e o rigor metodológico necessários para a composição da pesquisa, mas também um exercício ativo com o território de pesquisa, aquilo ao qual me propus investigar.

Apesar do seu aspecto formal e comum quando se fala na produção de conhecimento científico, a importância do método nem sempre é apreendida ao pesquisar, o que acaba por conferir-lhe uma figura obscura ou incompreensível (XAVIER, 2014, p. 33). Por isso, faz-se necessário, para o bom andamento da pesquisa, refletir sobre o método adotado e, mais do que isso, sobre quais justificativas são exigidas pela pesquisa em si e o que demandam os próprios processos, pois o método nada mais é do que “as diferentes estratégias de aproximações demandadas pelo objeto e que resultam no desenho específico da investigação” (XAVIER, 2014, p. 34).

A autora diz que:

A busca por compreender um objeto de pesquisa consiste em um problema de método. Assim, ele assume como objetivo conduzir o pesquisador em seu esforço por produzir conhecimento, refletindo o movimento estabelecido na construção de uma problemática de pesquisa e sua articulação com os objetivos, o acionamento teórico demandado, as perguntas dirigidas ao objeto e o tratamento conferido ao corpus, garantindo coerência interna entre os elementos formalizados que constituem uma pesquisa. (XAVIER, 2014, p. 33)

Portanto, a pesquisa pode ser definida como o percurso pelo qual descubro o que a investigação tem a me dizer. Sendo assim, as teorias participam de forma prévia da construção da dimensão investigada, como acionamento metodológico, num quadro geral que me permite pensar o objeto, enquanto a análise – a pesquisa – deve partir do objeto.

No entanto, antes de recolher as migalhas de pão que espalhei na trilha do meu pesquisar, até chegar de fato na concepção da cartografia, faz-se necessário sistematizar os elementos que compuseram a pesquisa, coadunando as ideias que antes estavam dispersas na construção do método de investigação.

Vale destacar que esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa. Definida como uma metodologia de caráter exploratório no qual busco atribuir significados enquanto habito o meu território de pesquisa e compreendo os múltiplos processos que emergem do pesquisar. Em vez de uma observação objetiva e sistemática de dados, a cartografia como uma pesquisa qualitativa me permitiu atuar diretamente sobre a matéria-prima da pesquisa, a produzir invenções de mim e do mundo no qual me debrucei de maneira sensível.

Contudo, isso não implica no afrouxamento das diretrizes que conduzem o fazer científico e da responsabilidade com a expansão de saberes e devires, mas na busca por um conhecimento produzido não somente sobre aquilo que é território da pesquisa, mas das afetações que emergem do contato da pesquisadora com esse território, a partir da abordagem da pesquisa-intervenção proposta pela cartografia.

Ao cumprir o papel de facilitadora, a pesquisa qualitativa pode elucidar as condições de possibilidade pelas quais o feminismo se adapta nos mais variados dispositivos midiáticos.

Dentre os modos possíveis de pesquisar, optei por uma pesquisa que se dá no campo da experiência, através das minhas vivências enquanto pesquisadora, e do diálogo, práticas e invenções no decorrer da investigação. E é a partir da produção de dados na relação com o campo que se produz conhecimento.

Assim sendo, utilizo aqui a pesquisa como um modelo de investigação em que o território sob o qual me debruço, acaso queira conhecê-lo, requer uma observação crua, visceral. Essa observação não partirá de preceitos metafísicos, mas, sim, da investigação de

sua realidade. Essa realidade, por sua vez, é onde toda a pesquisa acontece: é onde está o meu objeto, onde estão as perguntas e onde estão as respostas. Tal modelo de pesquisa, com todas essas características supracitadas, também possui um caráter quase obrigatório no que diz respeito às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, dada a necessidade de encaixar-se nas especificidades da Comunicação enquanto campo constituído e também como contribuição para seu desenvolvimento teórico.

Para além disso, o território investigado demanda uma contaminação da pesquisadora no ato do pesquisar, no sentido de convidar a ser tocado, vivenciado, e se deixar afetar, e é por estar inserido dentro de uma realidade que sou impelida também a me colocar dentro desse mundo de modo a explorar as potencialidades que lhes são derivadas.

Um objeto que se constitui na prática onde adquire existência nos demanda o exercício de descer à prática, tocá-la e por ela nos deixar contaminar como condição maior de entender suas lógicas de funcionamento e o que delas se desenrola. (XAVIER, 2014 p. 36)

Destarte, parti para a seleção do material, enquanto território de pesquisa, que daria conta de responder ao questionamento principal da pesquisa: de que modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas”? A partir dessa pergunta, mergulhei em uma jornada em busca de materiais que dessem conta de responder a essa questão.

Sobre os materiais selecionados para observação, delimiti como critério inicial o fato de que os materiais coletados deveriam estar em redes sociais, por compreender que essas redes atuam como dispositivo interacional ambientado em uma sociedade em vias de midiatização e são importantes para compreender como o ciberfeminismo se configura no âmbito das novas tecnologias.

Além disso, elegi como segundo critério que as modelos fotografadas deveriam se auto intitular como feministas, uma vez que nenhuma característica física evidencia ou diferencia uma mulher feminista de uma mulher antifeminista ou apolítica. A partir disso, compreendi que evito corromper o meu olhar, ao evitar estereótipos sobre as sujeitas políticas que compõem esse movimento.

Apesar de, em um primeiro momento, parecer ser uma tarefa fácil, a definição sobre qual território me debruça foi extremamente difícil, uma vez que poucas páginas que tratam sobre o feminismo trazem fotografias de mulheres, priorizando a postagem de ilustrações, frases, capturas de tela de outras postagens ou comentários de internautas.



Em uma dessas buscas, no entanto, me deparei com o ensaio fotográfico “Nós, Madalenas”, a partir da tag #feminismo na rede social Tumblr. A página não apenas trazia o trabalho de uma fotógrafa feminista, como deixava explícito que todas as modelos fotografadas se definiam como feministas e traziam em seus corpos palavras que traduziam o movimento para cada uma delas.

Defini, então, que o campo da pesquisa seria constituído por 100 fotografias de mulheres contidas na página. As fotografias, como descritas anteriormente, são em preto e branco e mostram uma diversidade de mulheres, sejam grávidas, idosas, jovens, brancas ou pretas.

O terceiro recorte se deu a partir das 100 fotografias contidas no blog, tão logo ficou claro que o material era muito vasto, já que o objetivo era cartografar as fotografias, por meio de poemas, palavras e textos que costuravam o meu enlaçar com o território de pesquisa. Nessas imagens, não apenas as mulheres contidas nas fotografias seriam cartografadas, mas as próprias palavras que traziam uma significação fortemente vinculada à atuação e o entendimento daquelas mulheres dentro do movimento feminista.

Para definir as diretrizes da pesquisa é necessário retornar aos objetivos do trabalho, uma vez que são esses mesmos objetivos que darão um rumo para nossa investigação. Dito isso, os questionamentos que nortearam a pesquisa dizem respeito a como são retratadas as noções sobre “feminino” e “ciberfeminismo” a partir dos ditos e não ditos no ensaio fotográfico; identificar como o ensaio tensiona/reconstrói sentidos sobre o ciberfeminismo e sobre o feminismo; compreender como esses sentidos são postos em circulação e, também, nos ajudar a entender como a exibição dos corpos atua como modo de ativismo político.

A partir disso, pude então produzir as perguntas táticas que dariam conta de responder a tais questionamentos iniciais, levando em consideração o que o próprio objeto demandava e quais as suas singularidades.

## 7.2. CARTOGRAFIA

A cartografia é um tipo de pesquisa inserida por Deleuze e Guattari (1995-1997), na obra *Mil Platôs*. Os autores utilizam o termo, já existente na geografia, para propor um novo modelo de pesquisa a ser utilizado em outros campos de conhecimento. A cartografia passa, então, a ser usada como um *hodos metha*, uma inversão ao método que refuta o paradigma da cientificidade. A partir disso, é possível definir que, na cartografia, o que importa são os exageros, definidos como os entres. Ou seja, aquilo que extrapola as fronteiras, o que

transborda as bordas, os limites. A pesquisadora precisa pensar e sentir o processo de sua pesquisa.

É nesse movimento que são desenhados os mapas cartográficos, não no sentido tradicional da cartografia geográfica, mas de diagramas de poder.

O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, coextensiva a todo o campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar. Se há muitas funções e mesmo matérias diagramáticas, é porque todo diagrama é uma multiplicidade espaço-temporal. Mas, também, porque há tantos diagramas quanto campos sociais na História. (DELEUZE, 1988, p.44).

Acerca dos mapas cartográficos, proponho um exercício mental sobre sua composição: curvas retilíneas, cruzadas, transpassadas, tracejadas. A partir disso, encontra-se pontos de intersecção entre a pesquisa cartográfica geográfica e a proposta de Deleuze e Guattari (1995-1997): ambas trabalham com territórios e suas representações. Assim, na cartografia deleuze-guattarriniana, a pesquisa opera em campos, que denomino como territórios e, nestes está inserido a pesquisadora, que transita pelos mais diversos campos e traça, à medida em que vive, uma existência que se constrói através desses entrelaçamentos. O método cartográfico, então, trabalha com aquilo que acontece entre a pesquisadora e o território de pesquisa.

É necessário reconhecer que a cartografia não é uma estratégia de pesquisa com um passo-a-passo. Pelo contrário, o fazer cartográfico é orientado através de pistas e cabe à pesquisadora construir a investigação conforme lhe for útil e necessário para aquele momento/pesquisa. Uma de suas principais características, portanto, é a necessidade de buscar responder as perguntas que surgem do pesquisar e, para isso, a autora precisa estar presente em sua pesquisa, em sua totalidade.

Não se utiliza, então, a busca por uma conclusão da pesquisa cartográfica e sim a jornada de pesquisa, seu processo, suas etapas, os desvios, os equívocos. São os encontros, o entre pesquisadora e pesquisa, que irão definir como procederá com os passos, as estratégias a serem seguidas.

A utilização da cartografia como estratégia de pesquisa me permitiu analisar os acontecimentos e agenciamentos dos processos de produção de sentidos sobre o corpo feminino nas fotografias do Tumblr “Nós Madalenas”. Ao utilizar a cartografia como estratégia de pesquisa, eu, enquanto cartógrafa, me propus a compor processos que se configuraram por meio do acompanhamento da produção de subjetividades.

A cartografia, ao contrário de metodologias de pesquisa que possuem regras e objetivos previamente estabelecidos, possui outros espaços de atuação, ao pensar por outras vias e colocar a pesquisadora como produtora de novos sentidos e novas intersecções e não apenas como uma coletora de dados, traçando as suas metas e acompanhando processos no decorrer do percurso do pesquisar. Neste sentido, epistemologia e metodologia se atravessam, construindo múltiplos caminhos, processos e paisagens a partir dos questionamentos que faço enquanto pesquisadora, em contato com meu território de pesquisa.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 17)

As pistas do fazer cartográfico orientam o percurso da pesquisa e auxiliam a pesquisadora na construção e compreensão do objeto, “sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS e col., 2014, p. 17).

Portanto, a diretriz cartográfica não apoia o objeto no que se sabe previamente sobre ele (know what), mas na própria experiência do pesquisar, ou seja, o objeto é construído no decorrer da pesquisa e o ponto de apoio é a própria experiência (know how), sendo necessário considerar o que emerge desse saber-fazer. Para a cartografia, o que importa é o percurso pelo qual será construída a pesquisa. Desse modo, a pesquisadora deve colocar em um plano de imanência aquilo que é produzido fora de um pensamento hegemônico.

É importante que a cartografia seja compreendida como uma estratégia de pesquisa-intervenção. Nesse modelo, pesquisadora e pesquisada se atravessam para construir a pesquisa. Assim, para além de analisar e compreender o objeto, me ative também ao percurso da pesquisa, registrando e relatando a experiência no decorrer do pesquisar, construindo diários de campo que retratam os fluxos e movimentos ao longo da pesquisa e as afetações produzidas no percurso da investigação. O diário de campo é uma das ferramentas que podem ser utilizadas para auxiliar em uma coprodução do saber-fazer, e foi através dele que registrei o trabalho investigativo e analisei as implicações do saber-fazer.

Em uma perspectiva guattariniana, sujeita e objeto só podem ser tomados pelo meio, em uma relação de atravessamento, ou seja, pela construção de um plano de imanência<sup>9</sup>. Assim, a cartografia é tida como um dos princípios que constituem o conceito de rizoma criado pelos autores, esse modelo rizomático é o modelo da grama, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15).

Os mapas cartográficos fazem, então, parte de um modelo rizomático que não deriva de conceitos primários e, sim, os elabora do decorrer do pesquisar, sem uma hierarquização dos elementos que compõem esse processo. Para Deleuze e Guattari (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 32-33), esse mapa “deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”.

Sendo assim, ao pesquisar redes sociais assumo a instabilidade que o território de pesquisa demanda, através da fluidez de navegação entre os links e imagens que me levam de um a outro ponto do rizoma. Contudo, o percurso não se refaz a cada busca, a cada nova conexão, mesmo que as ferramentas utilizadas sejam as mesmas. O caminho sempre será mutável uma vez que o mapa nunca se repete. A cada nova conexão são construídos novos afetos heterogêneos e inconstantes.

Para Kastrup (2013, p.57), a rede é “uma encarnação, uma visão empírica e atualizada do rizoma. E já um campo visível de efetividade, onde ocorrem agenciamentos concretos entre os elementos que a compõem”. É nesse território tecnológico que o ciberfeminismo se configura, através de dispositivos digitais e obedecendo a lógicas próprias, ele conecta corpos e subjetividades, ambientado em um espaço que nos proporciona pensar o movimento por outras possibilidades e caminhos.

Nesse sentido, por analisar um objeto que está em constante processo de transformação, a produção de sentidos, fez-se necessário compreender como a subjetividade atua em seu curso, por meio da sua processualidade, e não como um objeto estanque. Para isso, busquei compreender como as afetações sobre o ciberfeminismo são produzidas por meio dos ditos e não-ditos no ensaio fotográfico em questão. As redes sociais, plataforma onde este objeto está inserido, foram analisadas como território de produção e reverberação dessas afetações. Ao considerar qual o papel das redes sociais nesse processo e o próprio

---

<sup>9</sup> O plano de imanência é um conceito criado por Deleuze e Guattari que está relacionado à nossa capacidade de compreender a pluralidade e o caos e, por fim, o objeto, como eles nos são dados. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

objeto como ele se apresenta, precisei adotar procedimentos visando fazer emergir determinados elementos sensíveis ao olhar e registrar como essas reverberações atuaram no percurso da pesquisa.

Ao analisar as fotografias do microblog “Nós, Madalenas”, assim como a plataforma em que estão inseridas, foi possível identificar elementos que compuseram os mapas cartográficos. Vale ressaltar que a análise contemplou não apenas as fotografias, mas também os comentários e os modos pelos quais as usuárias interagem com a página, assim como nas fotografias enviadas pelas leitoras.

Ao substituir as regras previamente estabelecidas por pistas da diretriz cartográfica ressignifiquei o trabalho da pesquisa, de forma a reverberar a rede de forças que atuam sobre ele, conectando-o ao campo de imanência e, conseqüentemente, conferindo à pesquisa uma potência criadora.

Deste modo, a pesquisa me colocou diante de um território que, por mais que já fosse habitado por mim enquanto mulher e militante do movimento feminista, permitiu um processo de construção coletiva acessado a partir do desenho de um plano comum. Para Passos e Kastrup (2014, p. 264), “acessar o plano do comum e também construir um mundo comum e, ao mesmo tempo, heterogêneo. A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente”.

Assim, através do diário de campo registrei as afetações provocadas pelas fotografias analisadas e das impressões manifestadas no cotidiano da pesquisa, seja a partir dos pensamentos desta pesquisadora ou das alianças que fazem parte das implicações metodológicas e do processo criador da pesquisa, sendo este uma emergência dos acontecimentos coletivos realizados com múltiplas mãos.

Ao trazer os recortes do diário cartográfico busco exemplificar a minha relação com o meu território de pesquisa e as formas pelas quais intervi sobre a realidade enquanto pesquisadora-cartógrafa. Pensar Madalenas é, de certa forma, pensar em mim. O caminho que percorro durante o meu caminhar cartográfico produz afetações que em alguns momentos dizem de mim, outros do movimento feminista e ainda sobre Madalenas. Por isso, é impossível discernir em que momento nossos três caminhos se separaram. Sinto como se nossos laços estivessem cada vez mais apertados, formando um nó.

A partir da experiência vivida concebida no processo de implicação, no campo da invenção e da habitação do meu território de pesquisa, consegui degustar dos afetos que emergiam das sensações de pertencimento emanadas a partir do meu contato com o ensaio fotográfico. Suely Rolnik (2014) concebe a ideia do cartógrafo como um antropófago,

devorando linguagens para incorporar os elementos necessários para a composição dos mapas cartográficos. A cada afetação surgida nesse processo, no contato com o território, esta cartógrafa conseguiu provar os agenciamentos costurados na superfície da minha própria autoimagem enquanto mulher e feminista. No percurso, as fotografias das mulheres reverberaram em mim sentimentos sobre o feminismo, muitas vezes associados à resistência às opressões ou às imposições de uma sociedade ainda patriarcal e machista.

Partindo da noção de estrangeiras trazida por Rolnik (2014), regurgitei vozes, sons e sentidos que me ajudaram a compor esse mapa cartográfico. Ao devorar suas contribuições pude traçar caminhos e metabolizar conceitos e ideias transformando as outras em mim, na medida em que o percurso de investigação foi construído. Deste modo, a cartografia foi tecida a partir da manifestação e revisitação de afetos.

### 7.3. CARTAS-DIÁRIO: EU, MADALENA.

**03/09/19**

**Começo**

Como pensar nas palavras que marcam meu corpo? Se meu corpo por muito tempo não foi meu. Corpo objeto, posse, fragmentado, flagelado, corpo outro, não meu. Acesso de choro, pânico, raiva. Como ressignificar essas palavras que marcam a minha alma?

**04/09/19**

**Cura**

Corpo-objeto

Partido em pedaços

Não era meu, até ser.

**Imagem 11:** Cura. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**05/09/19**

### **Conforto**

Pensei muito sobre a palavra ou frase que iria compor meu terceiro dia de projeto. Abro o Tumblr, deslizo os olhos pela página, vejo e revejo as fotos, nenhuma palavra parece traduzir qualquer sentimento. Penso como é difícil fazer uma pesquisa com base nas minhas afetações. Lembro das orientações na banca de qualificação, as observações da professora Shara, havia sentimento, arte. Confesso que depois de alguns longos minutos olhando para a página, relembrando as orientações, relembrando as conversas com amigos e alunos, cheguei ao ponto de pensar que não mais conseguiria chegar a definir uma por hoje.

Primeiro pensei na palavra resistência, porque eu acredito que a poesia que quero fazer emerge dessa investigação, deve ser uma poesia de resistência. No entanto, não me pareceu certo usar essa palavra nesse momento. Decido que não seria ideal forçar a exteriorização de uma afetação que ainda não estava presente ali. Ao deitar na cama, me preparo para mais um dia de trabalho, faço meus exercícios de respiração e, sem perceber, a palavra emergiu.

Conforto. Depois de todos os percalços, pedras, desvios, estrangulamentos, fragmentações, meu corpo me parece confortável.

Apesar de possuir uma autoestima baixa, sentir vergonha do meu corpo, consertar meu andar quando me olho no espelho, procurar mil defeitos ao confrontar o meu reflexo, me sinto confortável em habitar essa pele. Deitada aqui, imersa em pensamentos, percebo que habito esse lugar, esse território, e depois de 28 anos é confortável habitá-lo, vivenciá-lo, ressignificá-lo.

Lembro da imagem renascer. Estar confortável com seu corpo e com a sua própria existência é como renascer como uma nova mulher. A foto da modelo em posição fetal, com a palavra desenhada na quase totalidade do seu corpo, diz muito sobre a sua autoaceitação enquanto mulher, gorda, negra, feminista.

**Imagem 12:** Renascer. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.





Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Penso em como, para aquelas mulheres, deve ter sido desafiador se mostrar sem filtros e edições. Como somente o conforto com o seu próprio corpo e sua própria existência podem fazer com que o eu seja mostrado sem máscaras e adornos. A nossa existência enquanto mulher não é confortável, pelo contrário, é incômoda, dolorida. No entanto, as imagens das mulheres e seus olhares aparentam conforto. Conforto. Hoje não é poema.

**06/09/19**

### **Pertencimento**

Ainda com a palavra conforto em mente, me peguei observando como o emergir da palavra influenciou na minha postura durante o dia seguinte. De batom vermelho, me vesti do meu corpo para ir trabalhar e encarar a rotina de trabalhar com jornalismo policial. É um trabalho desafiador e, por muitas vezes, desagradável. Contudo, o conforto com meu próprio corpo e minha própria existência me deram mais firmeza nas decisões que tive de tomar ao longo do dia, lidando com a polícia, fontes e colegas de redação.

Hoje, penso o corpo como lugar de habitação, de pertencimento. Se eu habito esse território, cabe a mim decidir a quem dou passagem para adentrar as fronteiras do lugar o qual pertencem. Percebo que é a partir do corpo que habitam que as mulheres feministas conseguem delimitar seus espaços de atuação.

**Imagem 13:** Pertencer-se. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

O feminismo em si seria também uma habitação na qual insiro o meu corpo, estabeleço a minha atuação para além de onde minhas mãos tocam, mas sem esquecer as marcas gravadas nesse corpo. É através delas que construo significados sobre mim, me relaciono e estabeleço meu lugar em comunidade.

**07/09/19**

### **Pluralidade**

O movimento feminista é composto por mulheres plurais, gordas, magras, brancas, negras, idosas, jovens. Mais do que adjetivos, são traços que definem quem somos e que nos mostram para o mundo. Sobre mim, me vejo como mulher, jornalista, bissexual, feminista, filha, pesquisadora, plural.

O autoconhecimento é essencial para identificar esses signos que nos completam enquanto sujeitas. No entanto, ainda há palavras que não consigo definir, são lugares turvos em que, como areia movediça, quanto mais eu piso, mais afundo. Assim, o meu corpo me mostra para o mundo como alguém inteira, sem fissuras, mas olhando mais a fundo é possível enxergar as rachaduras que quebram a casca e fazem emergir mil mulheres de mim.

**Imagem 14:** Autoconhecimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**08/09/19**

### **Exército**

Marco em mim o que sou  
Minha pele carregada de fissuras  
Carrega os símbolos  
Do meu pensamento  
Na minha pele o toque  
O cheiro  
O sentido  
Transformando uma em um milhão  
E em um exército um movimento

**Imagem 15:** Movimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**10/09/19**

**Negra?**

Olhando para as fotos de mulheres negras no projeto, lembrei de algo que tem me inquietado bastante nos últimos tempos. Tenho pensado em mim como mulher negra. Até que ponto posso me identificar como mulher negra? Eu poderia sofrer as mesmas opressões que minha mãe sofre, por exemplo, pelo seu tom de pele? Apesar disso, será que todas as mulheres negras sofrem opressão no mesmo nível? E a minha educação advinda de uma família negra? E a minha experiência negada até certo ponto por ter marcas dessa negritude na minha pele? E a objetificação do meu corpo sempre que coloco uma roupa mais justa? E as críticas ao meu cabelo cacheado sempre que ele cria volume? Por que não alisa? "Tão mais bonita".

O tom mais claro da minha pele, a minha indefinição enquanto mulher negra permite que esses comportamentos sejam toleráveis? Tenho pensado sobre isso, lembrando da minha infância na casa da minha avó, lavadeira de roupa, uma negra mais "clara" que insiste em dizer, sempre que lhe apontam a sua cor, que seus irmãos eram todos brancos dos olhos azuis. Uma mulher que sofreu tanto racismo durante toda a vida que reproduz em muitas das suas falas as opressões marcadas na sua pele. Ao mesmo passo, tenho tios e primos negros retintos, mas que não possuem senso de identidade negra.

Lembro da minha mãe dizendo que sou branca de pele, mas meu sangue é 100% negro, no minuto em que alguém lhe diz que eu nasci a sua cara, para verbalizar que aqui dentro também tem sangue seu. Apesar de tudo isso, temo ocupar um lugar de fala que não me pertence. Penso que a identidade não pode ser terceirizada, apontada por alguém. Ela precisa ser assumida, reconhecida em seu próprio corpo. A partir disso, quais fragmentos compõem o meu corpo? Que signo de branquitude e negritude marcam a minha pele? É preciso ser estanque? Sou fragmentada, mas não por ter sido um dia unida em uma peça só, mas porque reúno múltiplas mulheres em mim. Com quantos corpos se faz uma multiplicidade? Com quantos recortes se faz uma mulher negra?

Pensando nisso, me deparo com a foto de Djamila Ribeiro no Tumblr Nós, Madalenas. Depois de dezenas de vezes olhando a mesma foto, essa é a primeira que reconheço seu rosto. Talvez porque ao lermos um livro de determinada autora ou autor, dificilmente atrelamos as palavras ao rosto da pessoa que as escreveram. Apesar de, no caso de Djamila, o seu estudo sobre negritude e a condição da mulher negra ser tão marcante e tão cheio de suas próprias vivências.

Ao mesmo tempo, lembro da introdução do seu livro "Quem tem medo do feminismo negro?", em que ela conta sua história de vida e todas as opressões que sofreu como menina negra e como isso a fez, por muitas vezes, se acostumar com as máscaras do silêncio que lhes

eram impostas desde a infância, seja pelo racismo na escola particular e o esforço para sua adequação a um lugar que era majoritariamente ocupado por crianças brancas ou pelos procedimentos de beleza para apagar os traços da sua negritude.

Agora, escrevendo esse diário, tento conectar os traços daquilo que reconheci como máscaras do silêncio durante a minha vida e as máscaras impostas à Djamila. Sua palavra é acolhimento, talvez o acolhimento das mulheres silenciadas, violentadas, marginalizadas e que foram constantes alvos de ataques durante toda a vida. Se for assim, me sinto acolhida.

**Imagem 16:** Acolhimento. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

## Comunidade

As palavras que me atravessam, algumas dizem sobre mim, outras sobre o movimento e ainda há aquelas que dizem sobre o feminismo em si. É impossível pensar a mulher feminista sem pensar o enodamento desses três nós que se completam. Somos como uma rede, cada ponto interligado para construir o todo.

Por isso, tem sido difícil construir palavras sobre mim, sobre o movimento e sobre o projeto. Sinto como se nossas linhas estivessem cada vez mais apertadas, formando um laço, é impossível distinguir onde eu começo e onde o movimento termina. Quanto mais tento afrouxar o laço separar as linhas, mais ele se aperta. Não há mais como dividir, somos um.

**Imagem 17:** Rede. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**Retalho**

Penso no movimento como uma colcha de retalhos.

Cada pedaço se moldando

confortavelmente

às linhas que unem

duas partes.

Em cada recorte a singularidade

das mulheres que o compõe.

Sem rasgos

nem desfios,

O todo se une.

Forja um mar

multicolorido,

Com cores imensas e profundas

a tornar a fração em inteiro.

**Imagem 18:** Diversidade. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>



13/09/19

### Desacorrentar

Estar no movimento é também sinônimo de estar em movimento, de se desacorrentar das imposições e opressões que nos são diariamente colocadas. É estar para além das correntes que nos prendem e usá-las como armas contra as adversidades.

**Imagem 19:** Resistência. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Do mesmo modo, estar no movimento não pode ser visto como um acorrentamento, cada mulher deve estar livre para construir suas ações e contribuições ao movimento, utilizá-lo como uma rede de fúria contra o sistema opressor que nos flagela ininterruptamente ou ainda como um mecanismo de autodefesa. Desacorrentar é reapropriar o uso das correntes como modos de subversão e resistência.

**14/09/19**

### **Impura**

As mulheres feministas por muito tempo foram (e ainda são) vistas como mulheres indignas de respeito. Como se a negação dos papéis de gênero que nos empurram goela abaixo marcasse a nossa pele como um ferro em brasa. “Impura”. A libertação feminina incomoda, e muito.

**Imagem 20:** Libertação. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Sempre que alguém me pergunta se sou feminista, ainda há aquele milésimo de segundo de hesitação, como o silêncio que precede a tempestade. Penso. Conjecturo se o questionamento é um teste e qual seria a resposta certa para passar por ele. Não há resposta. Somos mulheres feitas para serem apedrejadas, para apanhar e para cuspir. Somos o signo reverso, lascivas e pecaminosas. Tal qual Geni e Madalena. Mas o melhor disso tudo, é que somos mulheres livres.

**15/09/19**

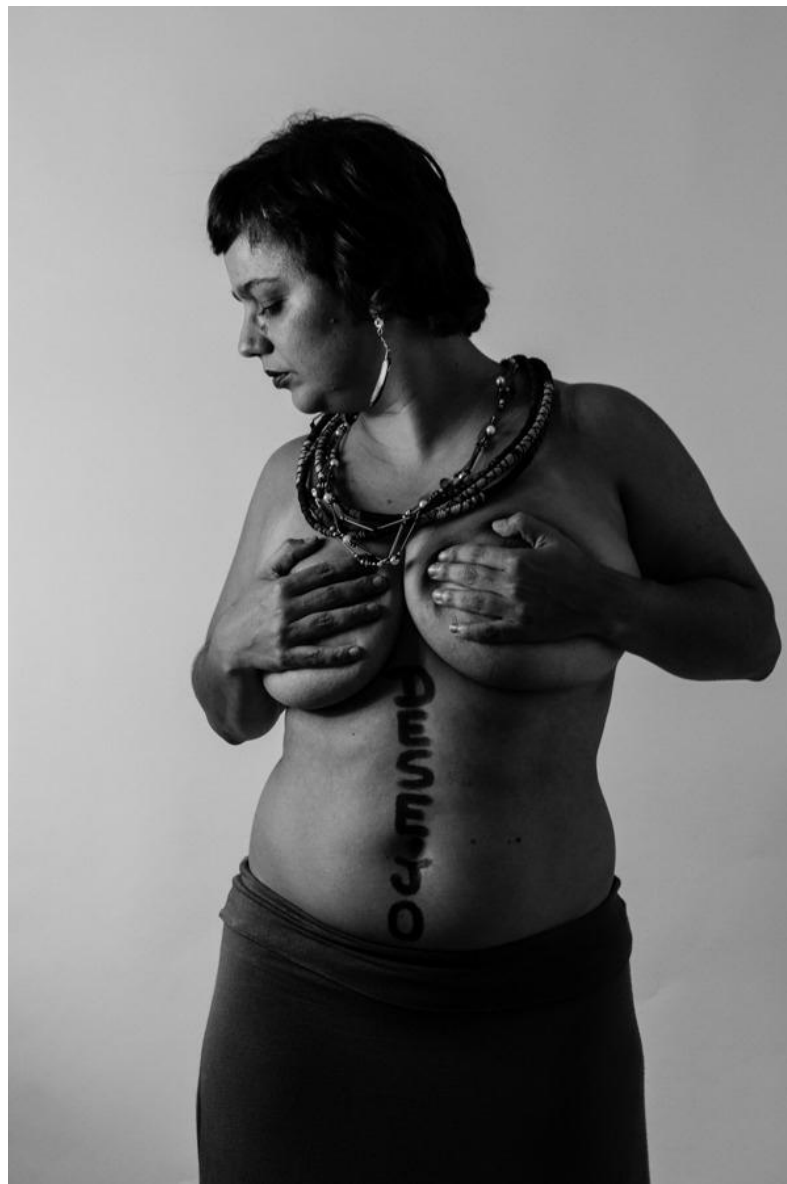
### **Orgasmo**

“Efervescência de sentimentos, excitação incontrolável do espírito”. Se o prazer está ligado ao sentimento despertado através do desempenho de atividades que geram uma satisfação pessoal, podemos dizer que a efervescência de sentimentos causada pelo feminismo

e os modos pelos quais ele gera uma excitação incontrolável do espírito é possível gerar prazer/orgasmo?

O orgasmo se inicia com o desejo e é a partir do contato com essa palavra que penso que o desejo é mais do que puramente sexual, ele funciona como um motor da nossa própria existência, pois é a partir dele que saciamos o prazer, prazer pelas vivências, prazer em manter o controle sobre as próprias vidas, prazer em habitar nossos corpos e a partir deles gerar vida, a nossa. Ao alcançar todos esses prazeres o gozo é inevitável.

**Imagem 21:** Desejo. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”. Disponível



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**16/09/19**

### **Sobrevivência**

Sobreviver enquanto mulher feminista é um caminho árduo e perigoso. Estão sempre prontas pro enfrentamento, como uma gazela a esperar que a qualquer momento o leão pode emergir no prado. Andam em bandos, protegem umas às outras, criam elos por união, mas também por segurança. O instinto de sobrevivência da mulher feminista a guia por entre os leões, ensina novos métodos para que saia ilesa de uma sociedade que a mutila cotidianamente. Não gosto do termo resiliência, porque ele nos ensina a nos conformarmos com a sobrevivência. É preciso viver, mais do que sobreviver. Sobreviver não é escolha, é imposição.

**Imagem 22:** Resiliência. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**19/09/19**

### **Sagrado**

Abro o aplicativo do Tumblr, como de costume, procuro a barra de busca e digito "nós". A ferramenta, já acostumada com as minhas preferências, me traz de pronto a primeira opção "Nós, Madalenas". Clico e abro a página do Tumblr. Deslizo o dedo pela tela, a primeira, segunda, terceira imagem, todas gravadas tão bem na minha retina, como se meus próprios olhos tivessem captado aquele fragmento de segundo em cores. Imagens já tão comuns ao meu olhar. Desço a página, observo aos poucos as fotos que se seguem, em busca de uma que me chame atenção em particular. Aquela que irá fazer saltar os olhos. Não sei qual, mas algo me diz no fundo, que assim que eu a ver saberei qual é.

Continuo a rolar a página, dezenas de fotos, algumas mais familiares que outras. Finalmente. Sagrado. Não sei se é a posição da modelo na fotografia, como se o seu próprio corpo representasse as raízes que aos poucos se transformam em útero. Feminino. Sagrado. Útero. Cada letra que forma a palavra repousa sobre o seu ventre. Com as mãos acima do rosto, em forma de taça, a modelo parece contemplar o universo. Imediatamente, lembro da discussão na banca de qualificação, ao presumir que o ensaio produz afetações sobre o feminino, eu mesma identifico essas afetações, as teço à medida em que me debruço o meu território. Olhando para a foto agora, não deixo de pensar que o signo está ali. Feminino. Mulher.

**Imagem 23:** Sagrado. Fotografia do Projeto "Nós, Madalenas".



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Para além disso, uma inquietação surge. Não somos todas mulheres formadas por signos que nos definem enquanto sujeitas? Um desses signos, o feminino, está carregado de sentidos que determinam, a grosso modo, como devemos nos portar, servir, viver. Propomos então uma nova forma de pensar o feminino. Romper amarras. Quebrar as estruturas. Desfazer e refazer o signo em nós mesmas.

**20/09/19**

### **Controle**

O vento anuncia a chegada da chuva, apesar de estarmos em pleno B-R-O-Bró, período conhecido no Piauí pela falta de chuva e altas temperaturas. Diferente dos outros dias, o vento frio me faz embalar a rede mais uma vez, com os pés apoiados na parede.

O vento sopra e faz com que as folhas do “pé-de-manga” do vizinho dancem, lançando-se dispersas no chão do meu quintal, espantando a memória de um dia quente, beirando os 40° C. De repente me vem à mente a urgência de olhar novamente para o Tumblr, descobrir os significados que se revelam com meu olhar. Minimizo as redes sociais e tendo a

emergir no meu território de pesquisa. Procuo entre as dezenas de aplicativos o pequeno “T” branco em um fundo preto. A tela demora poucos segundos para mostrar a imagem de uma mulher de costas, uma imagem em preto e branco, muito diferente das fotografias do Nós, Madalenas.

A página que aparece no primeiro momento, na tela inicial do aplicativo, é uma sugestão com base nas minhas preferências assinaladas ao baixar o app. Deslizo a tela até encontrar o ícone de busca. Como de praxe, digito a palavra: nós. Continuo deslizando a tela e observando as fotografias de Madalenas. Procuo significados ocultos, latentes, fios que tecem o meu pesquisar.

Olho as imagens e percebo como as mulheres fotografadas parecem tão donas de si e dos seus corpos. De imediato, lembro de uma amiga, uma pessoa bastante querida que me impulsionou a entrar no Mestrado. Nessa manhã, depois de vários dias longe das redes sociais, ela havia reaparecido e dito que não estava bem. Ela sofre de uma doença nos nervos motores, recém-descoberta, que a faz perder o controle do próprio corpo.

Fico imaginando como seria para ela aparecer naquelas fotos, como seria mostrar o controle do seu corpo, que não mais obedecia aos seus comandos. Que palavra ela escreveria? Ela, sem dúvidas, é uma das pessoas mais fortes e obstinadas que já conheci. Me disse da importância de assumirmos e reconhecermos no nosso corpo a nossa identidade. De repente, me veio à mente que todas aquelas mulheres, tão cheias de si, apesar de apresentarem ter o controle do próprio corpo, talvez não o possuam. Seja por doenças degenerativas que nos impedem de andar, segurar objetos, ou fazer atividades básicas do dia-a-dia, ou porque a nós nos é negado, desde o primeiro momento, o controle sobre os nossos corpos.

**Imagem 24:** Controle. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

A nós, nos é dito como devemos falar, andar, amar, agir, sempre tentando nos colocar em uma redoma em que as tentativas de fuga nos colocam em risco de extinguir a nossa própria existência. Como exercer controle sobre os nossos corpos como mulheres? Como, apesar das enfermidades, dos percalços, podemos alcançar o status de donas dos nossos corpos? O feminismo parece nos apontar um caminho.

**21/09/19**

**Enigma**



Meu olhar percorre a página. Pela primeira vez, a trajetória não é longa. A modelo da segunda foto me prende, a mesma pela qual meus olhos já passaram talvez centenas de vezes me desperta. Demoro meu olhar no seu olhar. Por um minuto, parece que ela me olha de volta, me vê através da foto. Observo seu corpo, os fios dos cabelos, o formato da boca, mas são seus olhos o que me paralisa. Assim como Monalisa, a forma como sua boca forma um meio sorriso enigmático, me lembra da obra prima de Da Vinci.

**Imagem 25:** Afronta. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <https://nosmadalenas.tumblr.com/>

Pensar na imagem de Monalisa e ao mesmo tempo lembrar que Monalisa guia o meu percurso de pesquisa me faz esboçar um sorriso. A sobrelha arqueada, a posição do seu rosto, quase de perfil, mas não ainda. Penso na textura da imagem, a forma pela qual, mesmo em preto e branco, consigo discernir sombra e luz no seu corpo. Afronta é sua palavra. Não

poderia haver outra melhor. Ela me afronta através da foto, me instiga a decifrá-la. Sua postura é de desafio ou empatia? O que esconde através do meio sorriso? Por que me olha por sobre o ombro? Afronta. Enigma.

**23/09/19**

### **Homem**

Depois de horas lendo sobre cartografia, tentando compor meu mapa cartográfico, penso que já se passaram alguns dias desde a última vez que escrevi sobre as minhas afetações com meu território de pesquisa. Deito na cama, como todas as noites, procuro um cobertor. Prestes a dormir, ponho o som da chuva nos meus fones de ouvido e busco o Tumblr entre os aplicativos do celular. Ao abrir o aplicativo, me dou conta, pela primeira vez, minhas sugestões de conteúdo nunca são postagens autorais.

Desta vez, percorro a página inicial do Tumblr por alguns minutos analisando as frases, fotos de artistas, montagens com material publicitário, nenhum conteúdo autoral. Deixo que o pensamento passe e busco a barra de ferramentas. Já no Tumblr, decido me ater às reações dos seguidores na página. Ao contrário do que eu esperava, não há comentários e as reações oscilam bastante entre as fotografias.

Observo e, nesse primeiro momento, não consigo definir qual é o critério. Algumas fotografias possuem 20 reações, entre curtidas e compartilhamentos, e outras 600. O primeiro comentário, na fotografia Sensibilidade, está em inglês. Transcrevo: "I feel stupid because I'm still surprised about all the shit all of them do" e continua "I feel stupid because it hurts me". Penso por um segundo sobre quem seria o "all of them". Homens? Sociedade? Penso na polarização entre masculino e feminino. Signos opostos que não se complementam. Não consigo conjecturar quem seriam "eles", mas a minha formação enquanto feminista me leva a pensar, imediatamente, no "eles" como os homens. São eles que fazem "merdas" que nos machucam. Que gravam em nossas carnes palavras de violência, agressão e morte.

A palavra na fotografia é sensibilidade. Nós somos sensíveis? Precisamos sentir? Ou mais, precisamos sentirmo-nos estúpidas por ficarmos surpresas com as merdas que fazem a nós, apenas por sermos mulheres? São muitos questionamentos, mas nenhuma resposta.

**Imagem 26:** Sensibilidade. Fotografia do Projeto "Nós, Madalenas".



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**29/09/19**

### **Violência**

Passaram-se alguns dias desde que consegui escrever as minhas afetações em contato com Madalenas, mas hoje foi um dia atípico. Mais um caso de feminicídio estampou as páginas dos principais noticiários de Teresina. É domingo, estou de folga em casa e não consigo parar de pensar sobre isso. Decido abrir o Tumblr e a palavra que me provoca é Direito. Imediatamente penso no direito mais básico do ser humano, o direito à vida. Sou jornalista policial há três anos e durante esse tempo foram várias as vezes em que fiz cobertura de casos de feminicídio. Já vi mulheres mortas, senti o odor dos corpos em estado de putrefação, abracei familiares, acompanhei passeatas e julgamentos, e no fim do dia chorei ao sentar na frente do computador para transcrever as informações e transformá-las em matérias.

**Imagem 27:** Direito. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Ao longo da minha formação como jornalista, a única certeza que tinha era que não queria ser jornalista policial, não compactuo com a noção de ganhar dinheiro em cima das desgraças dos outros, mas o mercado de trabalho me levou a embrenhar por esse caminho. São muitas as histórias que me marcam enquanto jornalista e mulher, e em todas elas o sentimento é o mesmo, de inconformidade. Revolta.

Vanessa, a mais nova vítima de feminicídio no Piauí, morreu após ser atropelada pelo namorado da amiga, que não se conformava com o fato da namorada preferir ir embora na companhia de amigas após uma discussão entre o casal em uma festa de casamento. Após o

crime, o agressor dirigiu seu carro de luxo até em casa e foi encontrado dormindo pelos policiais. Não há remorso e nem culpa.

A vida das mulheres é insignificante e o espaço público, o mesmo em que Vanessa foi morta, é constantemente usado como palco dessas violências, como forma de mostrar o poder do homem e a subjugação da figura feminina. Todos os dias somos vítimas de microviolências no trabalho, na rua, no ambiente familiar. Não estamos seguras. Não há para onde escapar.

**30/09/19**

### **Desobjetificação**

A quem serve o meu corpo?

Entretenimento masculino

Objeto de desejo

Globeleza

Porn Revenge

A quem serve o meu corpo?

Se não é a mim.

**Imagem 28:** Desobjetificação. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

01/10/19

## União

Como de costume, hoje abri o Tumblr já deitada para dormir. A quietude da noite e a certeza da solitude permitem com que eu possa me deleitar e me entregar às afetações da cartografia. Não me ative as imagens, naveguei nas abas da plataforma e busquei palavras para além daquelas expressas nas imagens. Queria entender a fotógrafa e os motivos que a levaram a conceber e concretizar o projeto.

Na aba “About”, em um texto escrito pela própria Maria Ribeiro, uma parte me chamou atenção: “A exposição da dor, da frustração, da luta que consiste conviver em uma sociedade patriarcal onde as mulheres são educadas e formadas a partir de uma concepção predatória e auto-destrutiva”. Ao ler esse trecho, me dei conta de que o projeto não é apenas uma forma de mostrar a resistência, mas de dar passagem também às dores e percalços enfrentados por essas mulheres nos seus cotidianos. No infortúnio de levarem a vida como mulheres e sofrerem diariamente a violência de gênero.

**Imagem 29:** União. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas.tumblr.com/> >

Para além disso, percebi o elo que as liga. Fotógrafa e fotografadas. Não são apenas os traumas e cicatrizes que as unem, mas o próprio sentimento compartilhado por elas. As mulheres enxergam umas nas outras aquilo que as tornam frágeis, mas ao mesmo tempo fortes. É através da aliança compartilhada entre elas que é possível sobreviver nessa sociedade excludente e machista.

Vale lembrar que a aliança entre mulheres é uma travessa repleta de outros sentimentos que transbordam nessa união transcendental: confiança, empatia, companheirismo. Pensando nisso, lembrei de uma canção sempre entoada nos atos feministas de rua: “Companheira, me ajude que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”.

**02/10/19**

### **Confiança**

Hoje é um daqueles dias de calor extremo. Almocei rápido no trabalho e vim direto pra UFPI. Queria aproveitar as horas antes da aula pra ler alguns textos para a dissertação e entrar em contato com o Tumblr. Surpreendi a dona Fátima ainda esbaforida enquanto abria a porta do PPGCOM, solicitando de pronto a chave para a sala de estudos. Trocamos meias palavras e, como boa teresinense, lhe falei do calor daquele dia. Ela concordou, me entregando a pasta para assinar o documento para acesso à sala de estudos.

Já na sala, ar condicionado ligado, tiro os sapatos e me preparo para ligar o notebook. Mais do que a biblioteca, a sala de estudos é quase como uma segunda casa para os alunos do PPGCOM, sempre tranquila e fria para fugir da quentura da primavera teresinense. Ligo o notebook e abro o navegador. Clico no atalho de favoritos para o Tumblr e já me deparo com o ensaio fotográfico de Maria Ribeiro. Mais uma vez me pego pensando no quanto é difícil cartografar um ensaio fotográfico, todas as fotos tão comuns ao meu olhar.

Percorro a página e paro diante da foto "confiança", penso nos sentidos ocultos escolhidos pela modelo. Feminismo é confiança. Procuro no dicionário o significado da palavra e me deparo com o seguinte conceito: "um estado psicológico que se caracteriza pela intenção de aceitar a vulnerabilidade, com base em crenças otimistas a respeito das intenções do outro". Ser feminista é aceitar suas vulnerabilidades, acreditando que a outra mulher ao seu lado irá agir com boa intenção.

**Imagem 30:** Confiança. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Na sociedade patriarcal e falocêntrica, somos impelidas desde a infância a desconfiar de outras mulheres, a vê-las como rivais. Em muitos casos ainda é comum ver mulheres reproduzindo esse comportamento de desconfiança e rivalidade com outras iguais. Por isso, para o feminismo, devemos superar essas disputas e nos vermos como aliadas em prol de uma mudança social, um bem comum, a emancipação feminina. Mais importante ainda é pensar que essa emancipação deve abranger todas as mulheres e não apenas as feministas, até mesmo as apolíticas, afinal, somos todas vítimas de um sistema opressor.



**05/10/19**

### **Sororidade**

Pensando um pouco mais sobre a palavra de ontem, me dei conta que a confiança e o apoio mútuo de mulheres tem um nome específico que deve ser debatido: sororidade. A união feminina com base na sororidade permite que as mulheres criem uma aliança sem julgamentos prévios e sem exclusão.

**Imagem 31:** Sororidade. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas.tumblr.com/> >

Por mais que haja discussões sobre o termo nos grupos feministas, no movimento ainda é comum que haja uma segregação com determinados tipos de mulheres, sejam transgêneros, lésbicas, negras. Por ser um movimento formado por múltiplas sujeitas, a união em torno de um objetivo comum ainda não é realidade, pois as mulheres sofrem opressões diferentes entre si, e ainda é difícil fazer com que mulheres em espaços privilegiados se coloquem no lugar de outras e lutem pelo fim de opressões que não lhe atingem diretamente.

A luta feminista está para além da igualdade de gênero. A sororidade, portanto, propõe a superação dessas barreiras dentro do próprio movimento para que todas e cada mulher consiga ver na outra uma aliada em prol da emancipação feminina e pelo fim de todas as opressões que atingem as mulheres das mais variadas formas.

**06/10/19**

### **Solitude**

Diferente da solidão, a solitude é o sentimento positivo que desperta a partir da experiência de estar sozinha. O isolamento, muitas vezes, é um refúgio para mim. Apesar de estar sempre inserida no movimento feminista, seja dialogando sobre temas cotidianos ou sobre as mudanças do atual governo brasileiro, 90% do dia é voltado para me comunicar e compartilhar pensamentos com outras pessoas, em especial mulheres feministas.

No entanto, hoje pensei no quanto a solitude é necessária, até para nós que estamos no movimento. Às mulheres sempre é ensinado que elas não devem ficar sozinhas, a meta é constituir família e dedicar à vida a outras pessoas. Apesar disso, me pego aqui pensando no quanto o estado de solitude é essencial. A partir dele posso me conectar comigo mesma e repensar meus ideais e objetivos. Para este diário, apesar de escrever afetações que me marcam não só no contato com meu objeto, mas com minha vida, optei por escrever sozinha.

Penso que, enquanto mulheres do movimento, devemos estar acostumadas com a nossa própria existência. Para isso, me pego pensando novamente nas fotografias do ensaio, uma em especial fala sobre a nossa autonomia. Percebo então que as mulheres fotografadas estão sozinhas, não em grupos. Cada uma, expressa em si o significado da sua relação individual e subjetiva com o movimento. Isso não quer dizer que estamos em um estado de solidão. Pelo contrário, mulheres acostumadas com a sua própria presença tendem à liberdade.

**Imagem 32:** Autonomia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

**07/10/19**

### **Caça-sentidos**

Abro o Tumblr, mas devido a um problema de conexão, a página demora a carregar. De pronto, uma mensagem em vermelho aparece: “Conexão falsiane. Vamos tentar de novo?”.

Me vem em mente como o Tumblr, por ser um aplicativo voltado, quase que exclusivamente, para o público jovem, adota palavras e verbetes comuns à linguagem dessa faixa etária. Talvez o meu leitor não compreenda o teor humorístico da mensagem: falsiane. Esboço um sorriso de canto de boca, reconecto a internet e início novamente a minha busca pelas palavras.

Rolando a barra de busca do aplicativo, me pego pensando no termo: caça-palavras. A cartógrafa, para além de uma caça-palavras, é também uma caça-sentidos. Estou aqui, imersa em pensamentos, tentando fazer surgir algum sentido que seja palatável, para transcrevê-lo para o bloco de notas e, assim, construir os meus afetos sobre o objeto que revela todos os dias aos meus olhos. Sou mesmo uma caça-sentidos.

**11/10/19**

**Encantamento**

Chove muito lá fora. Os pingos da chuva torrencial tocam na minha janela. O cheiro permanece o mesmo da minha infância, madeira e terra molhada.

Ao longe, consigo ouvir o latir dos cães, ainda não acostumados com o vento frio da chuva de outubro. Agora são 23h07, penso que deveria estar dormindo para trabalhar amanhã. No entanto, o barulho da chuva e o frio me fazem querer emergir afetos, mergulhar no meu território e construir sentidos.

Abro o Tumblr e procuro pelas fotografias. As gotas de chuva na escuridão, intercaladas pelo barulho dos trovões, me fazem pensar em encantamentos. Paro na foto de uma mulher nua com o corpo contra a parede. Um dos seus braços esconde o seio e o outro apoia a sua cabeça. Sua boca entreaberta e seu olhar chamam a minha atenção. O cabelo solto, com dreads em algumas pontas, está desordenado, como se recusasse seguir uma ordem. Sua palavra é magia.

**Imagem 33:** Magia. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <https://nosmadalenas.tumblr.com/>

Penso nas bruxas, mulheres que desafiam as normas, que quebram paradigmas e reverterem modos de ser. Seus encantamentos surgem da magia natural do sagrado feminino. O sangue que sai dos seus corpos é sagrado e capaz de fertilizar terrenos inférteis e o seu corpo é um instrumento de poder e prazer. A magia das bruxas está no caos e nos elementos da natureza. Se houvessem fogueiras no século XXI, feministas também seriam queimadas.

**12/10/19**

### **Resplandecer**

Saí cedo de casa para banhar de rio. Depois de alguns contratempos no meio do caminho, finalmente consegui chegar ao local onde moram algumas das memórias mais felizes da minha infância: o rio Parnaíba.

Por volta dos sete ou oito anos, os passeios para Nazaria na kombi da minha avó Aia aconteciam todos os finais de semana.

Prepara a marmita, pega a roupa de banho, coloca a toalha e não conta nada pra sua mãe. Essa era a lista que minha avó sempre repetia nas idas ao povoado, que recentemente se apartou de Teresina. Minha mãe, lógico, era contra os banhos de rio, porque rio não tem cabelo. E com toda razão.

Neste final de semana, recebi o convite de um amigo querido, companheiro da época das Ciências Sociais. Preferi a emoção de uma viagem curta de moto, enquanto outro grupo foi de carro.

Já no rio, as memórias afetivas do lugar, o cheiro, a calma, o medo, me lembravam aqueles domingos felizes na kombi da minha avó.

Em determinado momento, os homens separam-se do grupo pra pescar e as duas amigas que ficaram a tomar banho de rio começam a falar sobre o sagrado feminino, o desejo da maternidade e a ancestralidade.

No meio da conversa, lembrei de uma fotografia do projeto Nós Madalenas. De tanto passear pelas imagens, elas permanecem sempre gravadas na minha retina. Uma mulher grávida, acaricia a barriga e sorri para o bebê em seu ventre. Tentei lembrar da palavra e ao buscar o aplicativo no celular, me dou conta de que é: resplandecer.

**Imagem 34:** Resplandecer. Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>

Me pareceu oportuno relacionar a palavra com a conversa das duas mulheres. Para elas, toda mulher nasce com o instinto maternal, que pode ou não, ser provocado ao longo da vida. Eu, particularmente, não concordo com a ideia. Não quero ser mãe. Mas é inegável a relação construída entre a mãe e o bebê. A mulher resplandece.

Há uma mulher antes de ser mãe e outra diferente depois. Acredito que a experiência da maternidade muda a existência da mulher. E é importante, para além de receber essas mães, também receber os seus filhos no movimento. Um movimento não se faz somente de mulheres, mas das suas crias, porque são elas que vão mudar o mundo.

**10/10/19**

### **Revolução**

Hoje faz sol, como na maioria dos dias. Desperto um pouco mais cedo do que estou acostumada. Ainda sonolenta pego o celular, passeio pelas minhas redes sociais e percebo o quanto o mundo continua andando e a história continua acontecendo enquanto você está

dormindo. Olhar as redes sociais têm sido motivos constantes para crises de ansiedade. Por isso, tenho tentado evitar navegar muito pelas redes.

Lembro que estou prestes a concluir o mapeamento das palavras no meu território de pesquisa. O céu ainda está meio escuro lá fora, tenho tempo para navegar um pouco pelas fotografias antes de levantar da cama, tomar banho, tomar café e seguir a rotina dos últimos anos. Antes disso, abro o aplicativo. Vasculho todas as fotografias.

Na última página encontro a palavra revolução e tudo aquilo que ela significa para o movimento feminista. Penso no quanto as mulheres foram apagadas da história das revoluções ao longo da história, e quanto esse apagamento sempre colocou o homem protagonista e principal beneficiado pelas grandes mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas ao longo dos séculos. Pelo que é contado, sempre nos parece que as mulheres ficaram sentadas, esperando os homens resolverem os rumos das suas vidas.

É ridículo pensar que nos dias atuais metade da população mundial, no caso nós mulheres, permaneceríamos acorrentadas vendo a história passar diante dos nossos olhos, como quando vasculhamos os nossos livros de história. Pelo contrário, enquanto a nossa história é escrita, mulheres politicamente engajadas, mesmo que historicamente oprimidas, estão exercendo um papel crucial para que a mudança aconteça. Desta vez não, a revolução será feminista ou não será.

**Imagem 35:** Revolução. Fonte: Fotografia do Projeto “Nós, Madalenas”.



Fonte: Disponível em: <<https://nosmadalenas.tumblr.com/>>



**11/10/19**

**Poética**

22:03. Hoje, passeando pela plataforma, antes de navegar pelas palavras de Madalenas, me deparo com o termo poética de afetos. Por um minuto, lembro do quanto foi e é difícil e, por vezes, dolorido, cartografar afetos/afetações.

Tento incessantemente colocar sentimentos no papel de uma forma poética, fazer estalar lá dentro uma faísca de criatividade e segurança para transpassar para o papel aquilo que se enuvia na minha mente. Penso como as mulheres compõem suas palavras em seus corpos como mapas, tento decifrá-los, traçar caminhos e métodos para alcançar aquilo que se esconde diante dos meus olhos.

**8. EU, MADALENA: COLETIVIZAÇÃO DAS COMPOSIÇÕES**

Neste ponto da trilha da pesquisa, me coloquei não como uma observadora passiva dos resultados, mas como uma produtora de conhecimentos, inventando e interagindo com meu território de pesquisa, na medida em coletivizei as composições vivenciadas permitindo a expansão das diferenças.

O cartógrafo acompanha essa emergência do si e do mundo na experiência. Para realizar sua tarefa, não pode estar localizado na posição do observador distante, nem pode localizar seu objeto como coisa idêntica a si mesma. O cartógrafo lança-se na experiência, não estando imune a ela. Acompanha os processos de emergência, cuidando do que advém. É pela dissolvência do ponto de vista que ele guia sua ação (KASTRUP, EIRADO, 2014, p. 129).

Para isso, organizei as afetações no decorrer do percurso investigativo em três eixos interligados aos objetivos de pesquisa. Assim, iniciei a habitação dos mapas cartográficos, processo denominado em uma perspectiva cartesiana como uma análise dos dados, que aqui chamarei de coletivização das composições, advindo de uma política de escrita proposta pela cartografia (KASTRUP, PASSOS, 2014).

Fazer cartografia é também fazer poesia, uma poética de afetos. Por isso, mais do que apenas escrever aquilo que se pensa é preciso deixar acender as labaredas do sentir. Deixar queimar em fogo vivo, transformando as cinzas em sementes. Dessas sementes, planto meus afetos e colho mapas cartográficos.

Parti então para a investigação do meu território de pesquisa com o objetivo de responder à questão primordial que norteia este trabalho: De que modos são produzidas afetações sobre o ciberfeminismo a partir de fotografias do corpo feminino no Tumblr “Nós, Madalenas?”

Com a pergunta em mente, avancei para a discussão do problema para construir possibilidades de resposta a ele, deste modo, pude perceber que o objetivo da cartografia não é o de exteriorizar uma afetação que não estavam presentes no momento em que me debrucei sobre meu território, esses afetos deveriam surgir na medida em que construo a poética. Por isso, os afetos não surgiam apenas através do debruçar sobre o território, mas na própria coletivização das composições construídas no percurso e no meu entrelaçar com outras sujeitas enquanto mulher, pois o território que me propus a investigar não poderia ser aberto como um livro, em que após uma breve leitura, fecho as páginas e coloco-o na estante dos meus pensamentos. Pelo contrário, o território se fazia afetar e me afetava na medida em que atuava no meu cotidiano não apenas como pesquisadora, mas como jornalista, filha, esposa, professora e feminista.

Em um primeiro momento, os ditos e não ditos no ensaio fotográfico me conduziram a levantar questionamentos sobre o feminismo e o ciberfeminismo a partir do lugar do ativismo, enquanto movimento social que almeja mudanças profundas na sociedade atual. Por meio da imersão no meu território de pesquisa percebi que o ativismo feminista configurado através do lugar de fala das modelos enquanto mulheres feministas, está alicerçado em uma nova configuração do ativismo proporcionada pelo avanço dos dispositivos interacionais na sociedade em vias de midiatização.

Um dos desafios, no entanto, foi compreender o ciberfeminismo na prática, uma vez que as teorias sobre o movimento ainda são incipientes. Apesar disso, pude entender como o uso da internet e das redes sociais como ferramentas de interação e amplificação das pautas do ativismo feminista é uma das principais características da quarta onda do feminismo, que se encontra no centro das discussões sobre o movimento feminista na segunda década do século XXI, com o avanço das novas tecnologias de comunicação e informação.

A popularização da internet tem influência crucial no despertar do novo feminismo porque deu voz a outros grupos que o movimento feminista tradicional não foi capaz de representar, tais como as mulheres de países periféricos. Mulheres que vivem sob as condições próprias de países que apresentam baixos indicadores de desenvolvimento socioeconômico e humano, encontraram na internet a possibilidade de se organizarem e falarem sobre o feminismo que se refere a elas. (SILVA, 2009, p. 31)

A rede amplifica as pautas do movimento e promove a autonomia que os grupos almejam, por meio de um espaço distinto dos meios de comunicação hegemônicos. O espaço virtual passa, então, a ser usado com objetivo político, através do qual os movimentos sociais criam seus próprios meios de interação com a sociedade. Para Castells (2013, p. 30), em sua obra *Redes de Indignação e Esperança*, “a autonomia é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação”.

Segundo o autor, a mobilização dos movimentos para a ação coletiva inicia a partir da emoção, seja ela positiva, como o entusiasmo, seja negativa, como o medo. No entanto, o movimento social só é formado a partir do momento em que a ativação emocional de um indivíduo, seja para a esperança ou para o medo, se conecta a de outros indivíduos.

Em termos concretos, se muitos indivíduos se sentem humilhados, explorados, ignorados ou mal representados, eles estão prontos a transformar sua raiva em ação, tão logo superem o medo. E eles superam o medo pela expressão extrema da raiva, sob a forma de indignação, ao tomarem conhecimento de um evento insuportável ocorrido com alguém que se identificam. Essa identificação é mais bem atingida

compartilhando-se sentimentos em alguma forma de proximidade criada pelo processo de comunicação. (CASTELLS, 2013, p. 32)

Para Castells (2015), a estrutura de comunicação de uma sociedade pauta os movimentos sociais, pois esses movimentos surgem e vivem em um espaço público. Por isso, há uma disputa pelo controle dos meios de comunicação para assim obter poder social. Nessa sociedade em rede, a batalha pelo poder social se dá também nas redes de comunicação multimídias. Assim, ele afirma que, para uma mudança social, seria necessário também transformar essas redes de comunicação, que são um espaço público em um grau muito maior do que o já visto.

O autor destaca que a apropriação do ambiente virtual pelos movimentos sociais surge no âmbito das novas tecnologias:

Pela história da tecnologia sabemos que as pessoas adotam, usam e modificam novas tecnologias de maneira a adequá-las propriamente a seus desejos e necessidades, dependendo de sua cultura, organização social, ambiente institucional e sistema de personalidade. (CASTELLS, 2015, p.36)

Temos, portanto, que esses movimentos sociais encontram na internet um meio para formação das redes do movimento. A mídia antes dita como alternativa, bem como as redes sociais, está no centro da ação das redes dos movimentos sociais. Através do Youtube e de outras redes sociais, como é o caso do Tumblr, as ativistas podem produzir e compartilhar seus conteúdos, dando visibilidade para a sua causa.

No âmbito da sociedade em vias de midiaticização, a mídia funciona como um processo interacional de referência que redefine os modos como os campos se relacionam e como as práticas sociais são forjadas, agora a partir de agenciamentos entre campos e mídias, produzindo coisas outras como o ciberativismo, por exemplo, que é uma forma de militância estruturalmente diferente da militância fora das redes (BRAGA, 2008). Ou seja, o ciberativismo não é uma simples transposição de espaços, mas cria coisas outras, tem dimensões e temporalidades distintas, entre outros aspectos, bem como outras lógicas e regularidades.

Segundo Castells (2015), essa apropriação dos novos meios de comunicação é revolucionária, pois propõe uma rede de comunicação em que qualquer pessoa pode produzir, acessar, modificar e compartilhar conteúdo. É o que o autor denomina como autocomunicação de massa.

Para ele, essas cidadãs individuais ao redor do mundo estão conscientes do papel crucial desse novo sistema multimídia e de suas instituições reguladoras para a cultura e para

a política da sociedade, por isso, usam a nova capacidade de comunicação em rede para promover seus projetos, defender seus interesses e afirmar seus valores. As redes sociais têm um papel fundamental na organização desses movimentos, pois é a partir delas que os movimentos debatem, compartilham ideias e organizam os seus encontros e protestos.

Deste modo, percebemos que o movimento feminista, assim como o ciberfeminista, parte da identificação íntima de cada indivíduo com as questões discutidas e as bandeiras levantadas pelo movimento. Por fazer parte de uma quarta onda, que tem como características específicas o ativismo por meio do ciberespaço e o “feminismo da diferença”, com a ideia de que cada mulher é individual e subjetivamente diferente, o ciberfeminismo, por ser um movimento configurado a partir de outra ótica de ativismo, distinta do feminismo tradicional, utiliza o espaço virtual para discussão de pautas relacionadas não só às opressões de gênero, mas também a luta contra opressões distintas sofridas pelas mulheres.

O uso de uma ferramenta como um ensaio fotográfico em uma página da internet, de domínio público, aponta para uma das principais características desse novo movimento, a acessibilidade. Apesar de compreender que a internet ainda não é acessível a todas as classes sociais, especialmente no que se refere às mulheres enquadradas na linha da pobreza, é importante perceber como esse espaço de acesso à (quase) todas, permite a mulheres que nunca estiveram em ambientes de discussões do ativismo feminista possam ter o primeiro contato com o movimento.

Para além disso, o uso de uma linguagem própria e a fácil disseminação do conteúdo pelas redes, proporciona uma nova roupagem ao movimento, que, assim como o Tumblr “Nós, Madalenas”, também se dá em uma perspectiva artística e poética. A arte como ferramenta para a revolução não é um mecanismo novo, no entanto, é importante entender como a internet proporciona uma maior visibilidade a essas obras que dificilmente poderiam ser acessadas por mulheres fora do eixo universal, como as mulheres periféricas, trabalhadoras, jovens, idosas e toda uma gama de identidades que são afetadas e passam a compor o ativismo.

Do mesmo modo, a apropriação dos meios tecnológicos pelo ciberfeminismo aponta para um novo traço do movimento, o habitar das fronteiras entre o tecnológico e o real. É o que explica Lemos (2009, p.35):

O uso de uma tecnologia da pelos movimentos de arte feminista, mais especificamente, um suporte, que na época era considerado de ponta, como o vídeo, é o que Donna Haraway denomina de Ciborgue: a “co-habitação” entre os meios tecnológicos e movimentos políticos, o estar entre fronteiras de significados. A

miniaturização da câmera de vídeo permitirá esse “acesso” e essa transformação de imagens preestabelecidas pela mídia.

Ao habitar o entre, esse novo movimento social, que conecta o ciberespaço com o feminismo tradicional, que se dá no espaço urbano, permite a criação de um novo ativismo, através da qual as práticas transformadoras atuam não somente por meio de uma configuração ou de outra, mas por meio da junção dos dois espaços, um espaço híbrido entre o virtual e o urbano onde a ação coletiva ganha força e uma nova comunidade tecnológica e cultural surge. Desse modo, percebi a caracterização da quarta onda ao observar que o ciberfeminismo atua em complementaridade ao feminismo tradicional, já que as reverberações das ações desenvolvidas no ambiente virtual podem ser vistas na atuação das esferas locais, afetando os modos pelos quais o feminismo tradicional se configura.

Assim, essa diversidade de conteúdos e linguagens nas redes sobre o ciberfeminismo proporciona ainda que as mulheres retomem o sentido de coletividade, não para trazer uma uniformidade ao movimento, pelo contrário, para fazer outras vozes serem ouvidas. Por meio disso, pude observar como o ciberfeminismo propõe uma nova agenda para um feminismo mais inclusivo, em que a participação das militantes se dá não apenas no espaço coletivo, mas talvez através das suas demandas pessoais.

Na carta-diário “Retalho”, escrita em 12 de setembro de 2019, percebi o movimento como uma colcha de retalhos, em que a singularidade de cada mulher unida forma o todo, sem rachaduras.

### **Retalho**

Penso no movimento como uma colcha de retalhos.  
Cada pedaço se moldando  
confortavelmente  
às linhas que unem  
duas partes.  
Em cada recorte a singularidade  
das mulheres que o compõe.  
Sem rasgos  
nem desvios,  
O todo se une.  
Forja um mar

multicolorido,  
Com cores imensas e profundas  
a tornar a fração em inteiro (Ver Carta-diário: Retalho, 12/09/19).

Do mesmo modo, em um segundo momento, na carta-diário “Desacorrentar”, escrita em 13 de setembro de 2019, percebi como a participação de cada mulher é crucial para pensar o novo movimento feminista.

Estar no movimento é também sinônimo de estar em movimento, de se desacorrentar das imposições e opressões que nos são diariamente colocadas. É estar para além das correntes que nos prendem e usá-las como armas contra as adversidades. Do mesmo modo, estar no movimento não pode ser visto como um acorrentamento, cada mulher deve estar livre para construir suas ações e contribuições ao movimento, utilizá-lo como uma rede de fúria contra o sistema opressor que nos flagela ininterruptamente ou ainda como um mecanismo de autodefesa. Desacorrentar é reapropriar o uso das correntes como modos de subversão e resistência (Ver Carta-diário: Desacorrentar, 13/09/19).

No caso do Tumblr “Nós, Madalenas”, apesar de não identificar o ativismo empregado como ciberfeminismo, as imagens retratam a relação íntima de cada mulher com o movimento, dando espaço para as suas próprias individualidades, a se pensar o feminismo não mais apenas pelo coletivo, mas considerando as subjetividades únicas de cada mulher por meio do ambiente virtual.

Compreendi, então, que nessa nova realidade, em que a base das interações sociais não é mais pura e simplesmente estabelecida por laços sociais, a ambiência da internet torna-se um fator fundamental para o processo interacional proporcionado no âmbito do Tumblr “Nós, Madalenas”, na medida em que novas formas de comunicação são organizadas a partir das relações estabelecidas pelos dispositivos interacionais.

Assim, alcanço o segundo eixo da pesquisa, dado através da identificação dos tensionamentos sobre o ciberfeminismo e sobre o feminismo no ensaio fotográfico, e também com o objetivo de compreender como as afetações sobre este ativismo são postas em circulação. Através do mapeamento do território, pude compreender os elementos de construção do ativismo a partir da inserção no ciberespaço, analisando os modos pelos quais as redes sociais passam a tensionar os outros campos.

A análise cartográfica transita por entre os espaços do meu território de pesquisa, na medida em que promovo encontros com as cartas-diários produzidas no decorrer da investigação e com os elementos da página que, para além das fotografias, também compreendem os comentários, curtidas e fotos enviadas pelas leitoras, promovendo uma possibilidade de interação com o público. Neste eixo, apreendi como os encontros partilhados entre mim, como pesquisadora-cartógrafa, as usuárias e o conteúdo, produzem afetações de modo que também atuamos como autoras no processo comunicacional.

**23/09/19**

**Homem**

Depois de horas lendo sobre cartografia, tentando compor meu mapa cartográfico, penso que já se passaram alguns dias desde a última vez que escrevi sobre as minhas afetações com meu território de pesquisa. Deito na cama, como todas as noites, procuro um cobertor. Prestes a dormir, ponho o som da chuva nos meus fones de ouvido e busco o Tumblr entre os aplicativos do celular. Ao abrir o aplicativo, me dou conta, pela primeira vez, minhas sugestões de conteúdo nunca são postagens autorais.

Desta vez, percorro a página inicial do Tumblr por alguns minutos analisando as frases, fotos de artistas, montagens com material publicitário, nenhum conteúdo autoral. Deixo que o pensamento passe e busco a barra de ferramentas. Já no Tumblr, decido me ater às reações dos seguidores na página. Ao contrário do que eu esperava, não há comentários e as reações oscilam bastante entre as fotografias.

Observo e, nesse primeiro momento, não consigo definir qual é o critério. Algumas fotografias possuem 20 reações, entre curtidas e compartilhamentos, e outras 600. O primeiro comentário, na fotografia Sensibilidade, está em inglês. Transcrevo: "I feel stupid because I'm still surprised about all the shit all of them do" e continua "I feel stupid because it hurts me". Penso por um segundo sobre quem seria o "all of them". Homens? Sociedade? Penso na polarização entre masculino e feminino. Signos opostos que não se complementam. Não consigo conjecturar quem seriam "eles", mas a minha formação enquanto feminista me leva a pensar, imediatamente, no eles como os homens. São eles que fazem "merdas" que nos machucam. Que gravam em nossas carnes palavras de violência, agressão e morte.

A palavra na fotografia é sensibilidade. Nós somos sensíveis? Precisamos sentir? Ou mais, precisamos nos sentirmos estúpidas por ficarmos surpresas com as merdas que fazem a nós, apenas por sermos mulheres? São muitos questionamentos, mas nenhuma resposta (Carta-diário: Homem, escrita em 23 de setembro de 2019).

Pela carta-diário, consegui entender que as fotografias compartilhadas no Tumblr tinham um alcance diferente, a depender da identificação do público com a imagem postada. A variação de interações é de nove a 912. Sendo a foto mais curtida, a imagem de uma mulher negra deitada em posição fetal com a palavra "Renascer" escrita em seu corpo. Apesar de identificar 912 notas, o Tumblr não especifica quantas dessas notas incluem comentários, curtidas e reblogagens, já que o contador da rede social é único para estes três tipos de interações.

A mulher adulta apresentada como um feto, dentro do útero, com a palavra "Renascer" desenhada na quase totalidade do seu corpo é a imagem escolhida para representar esse mapa. A imagem diz muito sobre a autoaceitação da mulher, gorda, negra e feminista, enquanto corpo deslocado do mecanismo de controle social que impulsiona a tirania da beleza imposta sobre os corpos femininos.

**Imagem 36:** Fotografia com mais interações.





Fonte: Tumblr "Nós, Madalenas". Disponível em <<https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/>>

A imagem acima teve uma repercussão 10 vezes maior do que a fotografia com menos interações na rede social. Os elementos que a compõem, a modelo negra, a palavra renascer e a ligação da pose da fotografada com os signos que reverberam afetações sobre a maternidade indicam o renascimento da mulher por meio do feminismo. O movimento é apontado como o meio pelo qual as mulheres podem refazer em si mesmas o significado das suas próprias existências.

Para além disso, percebo elementos relacionados ao empoderamento feminino, ao desmistificar o mito da beleza, que dissertarei posteriormente, retirando o corpo da mulher negra da condição de objeto de controle e sujeito a apropriação masculina. Para o feminismo, o empoderamento feminino funciona como uma rede de apoio e fortalecimento entre as mulheres, através do funcionamento em uma esfera coletiva e individual.

O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento de auto-estima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc). (CORTEZ; SOUSA. 2012, p. 172).

Deste modo, a mensagem do renascimento da mulher feminista, por meio da nudez da mulher como forma de subversão ao padrão de beleza hegemônico e da afirmação do controle do próprio corpo, incidiu sobre as usuárias uma maior aceitação da imagem Renascer. A fotografia foi replicada em outras páginas de conteúdo feminista, através da interação proporcionada pela reblogagem, um termo para compartilhamento usado pela rede social.

Já na aba “Compartilhe sua palavra”, as seguidoras do Tumblr podem interagir com o conteúdo disponibilizado na página. As usuárias do Tumblr são convidadas a compartilharem as suas vivências com a página, e com o feminismo, através de fotografias segurando um papel onde está escrita a palavra que define a relação da fotografada com o movimento. As fotografias marcadas pelas usuárias com a hashtag #nosmadalenas são divulgadas na página do ensaio fotográfico.

**Imagem 37:** Compartilhe sua palavra.



Fonte: Tumblr “Nós, Madalenas”. Disponível em: <<https://nosmadalenas-blog.tumblr.com/compartilhe>>

No “Compartilhe sua palavra”, identifiquei que as usuárias passam a alcançar o lugar também de produtoras de discursos sobre o ativismo, uma vez que as palavras escolhidas por elas para as fotografias dizem sobre a sua própria percepção do movimento. Desta forma, as usuárias estabelecem trocas mútuas e produzem outras realidades para além daquela que já está posta pelo Tumblr “Nós, Madalenas”.

Esses modos de interação caracterizam o processo de mediação na medida em que as redes sociais passam a habitar os outros campos e a influenciá-los. Nesse sentido, as usuárias da rede passam a atuar não apenas como receptoras passivas da mensagem, mas como produtoras no processo comunicacional, articulando enfrentamentos e resistências possibilitados pela sua interação nesse processo por meio dos dispositivos interacionais.

Segundo Xavier (2014, p. 52 e 53),

Podemos momentaneamente inferir que dispositivo interacional diz respeito à totalidade de elementos que envolvem a interação, funcionando como espaço de possibilidade de advir à própria interação, nas suas mais variáveis e tentativas formas assumidas.

Através do conceito de dispositivos interacionais proposto por Xavier (2014), posso conjecturar que os dispositivos interacionais estão para além das possibilidades de interação das usuárias da rede social, uma vez que, segundo a autora, o dispositivo interacional se configura como “um espaço amplo e aberto, ressaltado por seu aspecto de rede de relações, de conjunto de construções de sentido que se processa no deslizamento entre as muitas práticas sociais que lhe conferem vida” (XAVIER, 2014, p. 53). Destarte, o dispositivo interacional se constitui não apenas pelas possibilidades de interação que possui, mas como um devir de modo que é ocupado pelas práticas sociais.

No contexto da sociedade em vias de mediação, além dos meios tradicionais, a ambiência da internet tem um papel fundamental, tendo em vista que o processo de mediação ocorre a partir da interação através dos dispositivos tecnológicos. A mediação surge, então, como um processo decorrente da acelerada evolução tecnológica, assim como das demandas sociais, de modo com que a sujeita passe a aspirar novas formas de comunicação, uma vez que a mediação não ocorre apenas quando produzimos ou interagimos a partir desses dispositivos, mas também a partir dos discursos que circulam nas nossas relações sobre essa interação ou seus dispositivos, por exemplo, quando comentamos com uma amiga sobre um ensaio fotográfico hospedado em uma rede social, como é o caso do Tumblr “Nós, Madalenas”.

Os contornos que caracterizam o processo de midiaticização se dão a partir de uma comunicação instantânea, simultânea e real. Através dos dispositivos tecnológicos podemos estabelecer modos de interação com as outras e, dessa forma, transmutar as interações tradicionais, que passam, assim, a serem atravessadas por uma nova lógica, modificando não apenas o modo pelo qual se comunica, mas o próprio discurso.

Por fim, a narrativa das experiências vividas no contato com meu território de pesquisa me levou a identificar o operador conceitual que me acompanhou durante todo o processo, e continua a acompanhar a partir das minhas vivências enquanto pesquisadora-mulher-jornalista-militante: o corpo. O corpo aqui construído é composto de fragmentos e dobras tecidas ao longo do percurso de investigação. Não é um corpo qualquer, o corpo tecido nesse processo é o corpo feminino habitado e reabitado por esta pesquisadora-cartógrafa, a partir dos encontros imprevisíveis estabelecidos ao longo desse caminhar.

Durante a habitação do território de pesquisa, provei dos afetos exprimidos pelo uso do corpo feminino como instrumento político do ciberfeminismo e, mais ainda, do uso da nudez feminina, como é vista em várias fotografias, como ferramenta de subversão de um sistema patriarcal e machista que opera os corpos femininos como objetos de lascívia e desejo masculino.

Desde o primeiro momento em que me deparei com a questão do corpo feminino, quando ainda engatinhava na composição dos diários de campo, me propus questionamentos sobre a posse do meu corpo e sobre os signos que o marcavam não como corpo meu, mas como corpo castrado das minhas próprias vontades e desejos enquanto menina e mulher.

Essa castração, no entanto, não está diretamente relacionada à minha sexualidade, uma vez que o corpo feminino é impelido à sexualização desde o seu nascimento, mas ao impedimento da evolução do corpo a partir das próprias vontades do ser, renunciando ao julgamento de Deus, e construindo para si um CsO. Assim, foi dolorido ressignificar as palavras que marcavam não apenas meu corpo, mas minha própria existência enquanto mulher (Ver Diário: Começo, em 03/09/2019).

Por isso, o segundo passo da minha trilha necessitava partir da cura do meu corpo-objeto, partido em pedaços. Necessitei tomar posse desse corpo, investiga-lo, mastigar e regurgitar a minha narrativa de vida que se desvelava diante dos meus olhos na medida em que entrava em contato com meu território de pesquisa, passando a pensar o corpo como lugar onde se inscrevem os acontecimentos

Nesse ínterim, surgiram questionamentos sobre a minha posição enquanto pesquisadora atuante na pesquisa, uma vez que ao desvendar os significados propostos por

Madalenas, também precisei compreender como as minhas divagações traziam à luz a minha própria condição de mulher em um sistema de opressão e violência dos corpos femininos.

Cada corpo possui uma multiplicidade de sentidos que o atravessam. No ensaio “Nós, Madalenas”, essas afetações são apreendidas na medida em que me disponho a compreender as reverberações que surgem dos corpos retratados no conjunto das fotografias. A própria imagem do corpo feminino, por exemplo, a forma como estão dispostos nas fotografias e os elementos que as compõem, dizem sobre as afetações que se pretende construir não apenas sobre o corpo, mas também sobre o ciberfeminismo enquanto movimento.

A escolha por fugir de um padrão estético hegemônico, por exemplo, aponta como as fotografias buscam fugir do culto à beleza estimulado pelo patriarcado, em que há uma reverência à juventude e um culto à plastificação dos corpos femininos por meio de restrições alimentares e procedimentos estéticos, com o objetivo de se alcançar um modelo “ideal” de corpo feminino, esguio, jovem e “saudável”.

Por isso, identifiquei que as modelos buscam apresentar-se de modo confortável à sua própria autoimagem como mulher ideal para si (Ver Diário: Conforto, em 05/09/19). Ao habitar o meu território pela palavra conforto, percebo que a minha existência enquanto mulher não é confortável, pelo contrário, é dolorida. Habitar a própria pele de maneira confortável e renegar à ideologia da beleza é, de certa forma, subverter esses dispositivos de sujeição que solapam nossos modos de existência em detrimento da exploração do corpo feminino para o prazer heterossexual e para o mercado.

Wolf (2019, p.27) explica que o mito da beleza é a “última remanescente do antigo feminino” que ainda tem o poder de controlar as mulheres e esse mesmo se fortaleceu, na medida em que outros mitos como a maternidade, a domesticidade, a passividade e a castidade, perderam força a partir da insurgência da segunda onda do feminismo na década de 1960.

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência. A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade são “belas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 2019, p. 31)

Deste modo, o mito da beleza me conduz a evitar encarar meu corpo no espelho, consertar meu andar, procurar mil defeitos ao confrontar o meu reflexo, pois julgo que não só a minha aparência, mas o meu próprio comportamento enquanto mulher não condiz com o ideal exigido em uma sociedade heterocompulsória e falocêntrica. O mito da beleza, de fato, determina um ideal físico a ser reproduzido, impulsionado pela evolução do capitalismo industrial, quando, pela primeira vez, foi possível reproduzir em grande escala a imagem da “mulher ideal”.

Com o avanço da segunda onda do feminismo, pautando novas formas de se contrapor a um poder conferido às sujeitas encaixadas no modelo hegemônico e propondo questionamentos sobre o direito ao corpo e ao prazer, através da defesa da descriminalização do aborto, de ações afirmativas da homossexualidade e do repúdio à violência sexual, o modelo opressor reinventou-se na medida em que outros modos de controle social iam sendo realocados.

Voltaram a ser impostos ao corpo e ao rosto das mulheres liberadas todas as limitações, os tabus e as penas das leis repressoras, das injunções religiosas e da escravidão reprodutiva que já não exerciam influência suficiente. A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável, porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras. Como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçados a abrir um espaço mais justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência feminina. Recorrendo a conceitos de “beleza, ela construiu um mundo feminino alternativo, com as próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os de qualquer época passada. (WOLF, 2019, P. 34)

Ao me deparar com as imagens do ensaio fotográfico “Nós, Madalenas”, a diversidade de corpos representada e a negação ao culto repressor da beleza se tornaram evidentes. Ao se mostrarem sem filtro e edições e abdicarem do corpo plastificado e sexualizado do padrão de beleza ocidental, as modelos não só desafiaram o mito da beleza, como expuseram o conforto com o seu próprio corpo e sua própria existência.

**Imagem 39:** Pertencer-se.



Fonte: Disponível em: < <https://nosmadalenas-blog.tumblr.com//>>

A imagem Pertencer-se, da qual gerei a carta-diário Pertencimento, me ajudou a compor esse mapa cartográfico. A partir do entendimento sobre a emancipação feminina do mito da beleza, passei a pensar também o corpo como lugar de pertencimento, não apenas como lugar de habitação enquanto sujeita, mas como meio pelo qual estabeleço meu lugar no movimento, através das ações que teço para além de onde minhas mãos tocam.

Se eu habito esse território, cabe a mim decidir a quem dou passagem para adentrar as fronteiras do lugar o qual pertencço. Percebo que é a partir do corpo que habitam que as mulheres feministas conseguem delimitar seus espaços de atuação. Ao revelar a sua autoimagem a partir do corpo, as feministas externam os traços da sua subjetividade, daquilo que as constroem enquanto sujeitas. (Ver Diário: Pertencimento, em 06/09/19).

Sendo assim, ao revelar a minha autoimagem a partir do corpo, percebo como o movimento é composto por mulheres plurais, marcadas por signos diversos que as diferem uma das outras. Essa pluralidade, no entanto, não se dá apenas no âmbito do movimento, mas também está intrinsecamente ligada ao que cada mulher enxerga sobre si, a partir dos múltiplos recortes que compõem seus corpos (Ver Diário: Pluralidade, em 07/09/19).

Apesar dessa pluralidade, um ponto a ser destacado é evidenciado pelo tratamento das fotografias em preto e branco, destacando a escolha da fotógrafa em ocultar determinantes raciais para focar na questão de gênero, como se isolasse o gênero, na medida em que oculta recortes de raça, já que o tratamento dado às imagens não evidencia se as mulheres retratadas são negras, brancas ou pardas. Essa escolha impossibilita que o recorte de raça seja discutido ao retratar os corpos por meio de uma escala de cinza.

Deste modo, as fotografias em preto e branco geraram sobre mim afetações sobre a minha própria autoidentificação enquanto mulher negra ou parda, me conduzindo a questionar a negritude pela ótica do colorismo, que diferencia as pessoas negras com base no seu tom de pele, determinando o grau de preconceito sofrido pela sujeita de acordo com a pigmentação da pele com base na branquitude como referencial identitário.

A filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2018), em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, explica como as máscaras do silêncio são utilizadas para apagar a identidade das mulheres negras e servir a um projeto de patriarcado racista que impõe silêncio, “um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito” (RIBEIRO, 2018, p. 18). Para a autora, o despertar para a consciência de si enquanto mulher negra a partir da ótica de resistência militante e não da identidade vitimada, aconteceu apenas após o contato com as obras e textos de autoras negras.

Ao colocar as mulheres em uma escala de cinza e ocultar a sua identidade enquanto mulher negra, é também uma forma de silenciar e impor máscaras nas vivências dessas mulheres que não se encaixam no feminismo tradicional alicerçado na categoria universal de mulher, tendo como referência as mulheres brancas, cis, heterossexuais e de classe média.

Deste modo, pude compreender como os dispositivos alicerçados no modelo de sociedade ocidental, e mais precisamente na sociedade brasileira, como a família e a igreja, atuam na sujeição dos corpos femininos, sendo os efeitos dessa opressão vivenciados de diversas formas e em diferentes graus, já que, assim como no ensaio fotográfico, a categoria mulher não é universal e possui diversos recortes de classe, raça, sexualidade, etc. Por isso, é impossível pensar uma única categoria que exemplifique essa opressão sobre o corpo feminino, pois as vivências das mulheres não podem ser vistas por apenas uma ótica.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar o aspecto transitório deste trabalho, uma vez que o objetivo não é constituir diretrizes ou princípios norteadores que ajudem a compreender o fenômeno pesquisado por apenas uma ótica. Pelo contrário, essa pesquisa se mostra como o início de um caminho ainda a ser trilhado, apenas uma das pontas que constitui o rizoma. Deste modo, não busco trazer uma perspectiva global sobre o ciberfeminismo, nem respostas imutáveis sobre este movimento, mas reitero a relevância deste fragmento, bem como o aspecto particular desta pesquisa, para a compreensão daquilo que elegi como problema de pesquisa.

Chegar até esse ponto da investigação não foi uma tarefa fácil, muitos percalços precisaram ser atravessados ao longo dessa jornada. A dor e os demônios de ser uma pesquisadora-cartógrafa transformaram a minha jornada de pesquisa por meio de uma potência criadora feita por meio daquilo que me afeta, no meu âmago, enquanto sujeita, mulher, feminista. O contato diário com o meu território de pesquisa me colocou diante daquilo que estava guardado no meu íntimo, trancado em uma caixinha de memórias que só era acessada com o devido cuidado e preparo.

A cartografia veio e me bagunçou por inteira, abriu as gavetas de lembranças daquilo que me constituiu primeiro enquanto menina e depois como mulher. Pensar o ciberfeminismo e o lugar do corpo como ferramenta de ativismo político me fez, primeiro, pensar na construção do meu corpo político, do corpo que costurei os afetos e individualidades a partir das experiências, reviravoltas e transformações da minha trilha de vida. Precisei vivenciar meu corpo, experienciá-lo, destruí-lo e por reconstruí-lo por meio daquilo que apreendi durante o meu processo de investigação.

Assumi e rejeitei ideias, abandonei e abracei teorias e metodologias que proporcionassem uma antropofagia de elementos e conceitos afim de compreender os processos e afetos manifestados em meio ao caos. Assim, ultrapassei fronteiras invisíveis, tateei novos territórios, canibalizei teóricos e provei do gosto das teorias costuradas na superfície dos acontecimentos estudados. Por fim, entendi que os processos, por mais que se mostrassem ainda, de certo modo incompletos, as suas incompletudes fazem parte do pesquisar, uma vez que o território estudado não pode ser apreendido como um todo, indivisível e inquebrantável, mas como um punhado de areia colocado em uma peneira, em que somente as afetações manifestadas por meio dos fluxos do fazer cartográfico podem atravessar.

Assim, a coletivização de composições do fazer cartográfico me permitiu compreender como o ciberfeminismo, para além de criar sentidos sobre o movimento, diz muito sobre as mulheres que o compõe. O fato desta cartógrafa também estar inserida nesse contexto, como mulher e feminista, permite que as afetações produzidas na composição dos mapas cartográficos tenham dito não apenas do território, mas de mim e do meu ativismo no antes, durante e depois dessa pesquisa. A cartografia nos permite reverberar a polifonia que nos constitui enquanto sujeitas, devorando e regurgitando afetos, sentimentos e linguagens, que desestabilizam nossas estruturas e recompõem os cenários da pesquisa.

As minúcias dos processos cartográficos apontaram que o ciberfeminismo, portanto, utiliza a internet como instrumento de luta política perpetrada por vozes dissidentes, vozes estas que não possuem espaço em locais de luta tradicional ou que simplesmente buscam avançar por outros campos de visibilidade, e ultrapassa barreiras impostas pelo real.

As afetações produzidas no contato com meu território de pesquisa assumem a formatação única do movimento, atuante não como uma complementaridade do espaço das ruas, mas como um organismo próprio, em que as mulheres passam a habitar como autoras do processo social. Por isso, as redes sociais assumem um papel crucial enquanto dispositivos interacionais, uma vez que é por meio delas que os contornos do movimento são delineados, permitindo um novo espaço de atuação em contraponto às mídias tradicionais. É através dessas redes que atuação feminista é organizada, com o objetivo de estruturar uma nova ótica das pautas feministas e agregar cada vez mais militantes.

Além disso, pude perceber como a individualidade de cada mulher, enquanto parte integrante do movimento, é importante para configurar a polifonia que conduz o ciberfeminismo como movimento arquitetado por meio da pluralidade de subjetividades que o compõe. A forma como cada mulher vê a si mesma e se constrói para si e para o mundo é primordial ao analisar como se configura o ativismo, em especial, quando se toma o corpo como painel político, pois é por meio das suas dobras, fissuras e recortes que enxergo aquilo que se circunscreve no movimento.

Do mesmo modo, ao habitarmos o território, cada palavra, olhar, contexto expresso através do diário de pesquisa me permitiu compreender que estar no movimento não pode ser visto como um acorrentamento. No ciberfeminismo cada mulher deve estar livre para construir suas ações e contribuições ao movimento, utilizá-lo como uma rede de fúria contra o sistema opressor que nos flagela ininterruptamente ou ainda como um mecanismo de autodefesa. Ao nos desacorrentarmos, nos reapropriamos do uso das correntes como modos de subversão e de esperança.

## REFERÊNCIAS

A Bíblia. (2012). Aparição a Maria Madalena (12ª ed.). São Paulo: Editora Canção Nova.

A Bíblia. (2012). A pecadora (12ª ed.). São Paulo: Editora Canção Nova.

AMARAL, I. C.; GIRARDI, L. Ciberativismo e o Feminismo em rede: a propagação das #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, XXI, 2016. Salto – SP.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRAGA, J. L. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes, no. 4, vol. 5, 2008.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: JUNIOR, J. J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. (Org) **Mediação & Mídiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. 327 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. Reprogramando as redes de comunicação: movimentos sociais, a política insurgente e o novo espaço público. In: **O poder da comunicação**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 353-466.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CORTEZ, M. C.; SOUZA, L. Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa** 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 171-180.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo, Editora 34, 2010.

DIAS, D. M. **Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento**. In: **Cadernos Pagu**, (43), 475-497, 2016.

NETO, A. F. **Midiatização, prática social**: prática de sentido. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPOS), 15, 2006, Bauru/SP. Anais eletrônicos. CD- ROM.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In P. RABINOW e H. DREYFUS, **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.  
FRANÇA, Vera Veiga. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FRASER, Nancy. **“Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era ‘pós-socialista’”**. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. In: **Cadernos Pagu**, n. 14, 2000, p.45-86.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992. 208 p.

HALL, Stuart. **Nascimento e morte do sujeito moderno**. In: Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Guarareia Lopes Louro – 11ª Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HASNICH, Carol. **O pessoal é político**. Disponível em: <<http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>. Acesso em 5 de jun. 2019.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.) **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre. Sulina, 2014. p.15-42.

KASTRUP, Virgínia. **A rede: uma figura empírica da ontologia do presente**. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

KOLLER, S.; NARVAZ, M. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pp.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2013. 240 p.

Lins, D. **Artaud: O artesão do corpo sem órgãos**. São Paulo: Lume, 2011.

MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

NÓS, MADALENAS. Disponível em: < <http://nosmadalenas.tumblr.com/>> Acesso em 5 de jul. 2017.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 109 – 130.

PASSOS, E., KASTRUP, V., & ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. In: **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RIBEIRO, Maria. **Nós, Madalenas**. Disponível em: <<http://nosmadalenas.tumblr.com/about>> Acesso em 5 de jul. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. p.112.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** / Djamila Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

RODRIGUES, S. M. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 109-124, jun. 2003

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. In: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília/DF. 3 a 5 de novembro de 2013.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. In: **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado**

**democrático de direito** [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFMG/FUMEC/ Dom Helder Câmara; coordenadores: Gilmar Antonio Bedin, Gisele Guimarães Cittadino, Florivaldo Dutra de Araújo – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

SPIZZIRRI, Giancarlo.; PEREIRA, Carla.; ABDO, Carmita. O termo gênero e suas contextualizações. In: **Revista Diagnóstico & Tratamento.**, São Paulo, v. 19, p. 42-44, 2014.

TIBURI, Márcia. **O pessoal é político.** In: “Filosofia Prática”. Record, 2014.

VERÓN, Eliseu. **Interfaces.** Sobre la democracia audiovisual evolucionada. 1998. Disponível em:<http://scholar.google.com.br/scholar?q=Interfaces+sobre+la+democracia+audiovisual+evolucionada&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 3°. ed. Lisboa: Presença, 1994.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Trad. Waldéa Barcellos. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 490 p.

XAVIER, Monalisa Pontes. **A consulta Transformada:** experimentações de dispositivos interacionais 'psi' na sociedade em midiatização. 2014. Tese (Doutorado em PPG em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4774/monalisaXavier.pdf;jsessionid=AD9D2F6EFD39AA86FB939313EAD2B503?sequence=1>> Acesso em 10 de fev. 2019.